

EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DA DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PUBLICA
E DA SOCIEDADE DE EDUCAÇÃO

PUBLICAÇÃO MENSAL (iniciada em Outubro de 1927)
S. PAULO - BRASIL

SUMMARIO

Dr. ETULAIN AUTRAN	Cincoentenário da Escola Normal da Capital	313
Representante do 3.º Districto Eleitoral Paulista na Camara dos Deputados Estaduaes.		
Dr. AMERICO B. A. DE MOURA	Cincoentenário da Escola Normal da Capital	324
Cathedratico de Latim e Literatura da Escola Normal da Capital.		
Prof. LUIZ GONZAGA C. FLEURY	Illusões communs	333
Inspector Escolar do 57.º Districto (Séde em São Carlos).		
Prof. FRANCISCO ALVES MOURÃO	Ensino da Linguagem escripta	357
Inspector Escolar do 43.º Districto (Séde em Limeira).		
Prof. ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA	Questões de Mathematica elemental	368
Inspector Geral do Ensino		
Prof. JOSE' DO PATROCINIO BRETAS..	Ensino de Noções communs na Escola Primaria	373
Director do Grupo Escolar de Duartina		
Prof. JOSE' F. DE SAMPAIO PENTEADO	Exposições Escolares	377
Director do 2.º Grupo Escolar de S. Carlos		
O ESFORÇO EDUCATIVO DE SÃO PAULO		380
(Através da Mensagem Presidencial de 14 de Julho de 1930)		
Prof. DOMINGOS FARO	Escolas Profissionaes	409
Inspector Fiscal da Escola Normal Livre de Araraquara.		
Profa. ARLINDA ISABEL DE SOUZA	Noções Communs	413
Do Grupo Escolar de Dourado		
Dr. DAGOBERTO F. DE GASGON	Dia da Boa Vontade	421
Lente da Escola Normal Livre "José Bonifacio" de Santos.		
Prof. JOÃO PIRES BARBOSA	Contribuição para a reforma do programma das escolas primarias paulistas	434
Inspector do 74.º Districto Escolar (Séde em Itajoby)		
MOVIMENTO DAS CAIXAS ESCOLARES DO ESTADO (1.º semestre de 1930)		436
INFORMAÇÕES		445-462
ATRAVÉS DE LIVROS (Apreciações e Notas)		463-475
ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES — Vantagens da Educação Physica — O ensino da lingua — Synonymos perfeitos — O destino da civilização		476-786
INDICE DO VOLUME XII (Julho, Agosto, Setembro de 1930)		487

Com o proximo numero de Outubro serão distribuidos os indices alphabeticos por autores e por materia, correspondentes aos 12 volumes publicados.

E' obsequio não demorar as reclamações. Para facilitar o trabalho de remessa, seria de grande vantagem que os srs. assignantes communicassem, sempre, suas novas residencias á Redacção, evitando, dessa forma, o desvio da correspondencia que lhes é remettida. Enviar endereços claros.

Procurando cumprir o seu programma, **Educação** espera merecer o apoio efficaz de todos os professores. E' facultado aos mesmos collaborar na Revista, desde que submettam os seus trabalhos ao juizo da Commissão de Redacção.

Para melhor attender aos seus fins, a Redacção receberá consultas sobre questões referentes ao ensino, bibliographia pedagogica, revistas congeneres do paiz e do estrangeiro, fornecendo aos srs. assignantes as informações que solicitarem neste sentido. Taes consultas serão absolutamente gratuitas.

Assignatura annual: 20\$000 — Numero avulso : 2\$000.

Enviar toda a correspondencia para:

Redacção da Revista Escolar EDUCAÇÃO
Na Directoria Geral da Instrucção Publica

SÃO PAULO

Travessa da Beneficencia Portuguesa, n.º 1

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

Pela Directoria Geral da Instrucção Publica

DR. AMADEU MENDES

PROF. JOÃO TOLEDO

DR. CARLOS DA SILVEIRA

Pela Sociedade de Educação:

DR. ANTONIO DE SAMPAIO DORIA

DR. MARIO DE SOUZA LIMA

RESUMO	
SÃO PAULO	4.092
OUTROS ESTADOS	94
EXTERIOR	41
TOTAL - 4.227	

ESTADO DE S. PAULO
(BRASIL)
INSTRUÇÃO PUBLICA
GRAPHICO DO MOVIMENTO DE ASSIGNATURAS
DA REVISTA ESCOLAR "EDUCAÇÃO"
ATÉ 30 DE JUNHO DE 1930

ESTADOS DO BRASIL			
PARA	1	ESPIRITO SANTO	5
MARANHÃO	2	RIJ DE JANEIRO	2
PIAUHY	4	DISTRICTO FEDERAL	14
CEARÁ	2	PARANÁ	3
RIO GRANDE DO NORTE	6	SANTA CATHARINA	3
PARAHYBA	2	RIO GRANDE DO SUL	8
PERNAMBUCO	3	AMAZONAS	2
ALAGOAS	3	MATTO GROSSO	1
SERGIPE	2	GOYAZ	1
BAHIA	12	MINAS GERAES	9



PAIZES EXTRANJEIROS - 41

CINCOENTENARIO DA ESCOLA NORMAL DA CAPITAL

DISCURSO NA CAMARA DOS DEPUTADOS

Dr. Etulain Autran

Representante do 3.º Districto Eleitoral Paulista na Camara dos Deputados Estaduaes

O SR. EUTULAIN AUTRAN — Sr. Presidente, é corrente o conceito, que goza o nosso Estado, de modelo da Federação. E este conceito não lhe advem, sómente, de sua grande riqueza ; da organização de seu trabalho productivo ; do esforço do homem, na luta contra a natureza hostile ; da pujança de seus cafezaes ; da prosperidade de suas estradas de ferro ; da promissora, triumphante e, digamos mesmo, consolidada industria paulista. Não. Este conceito advem, tambem, da efficiencia de sua modelar instrucção publica.

Attingimos este grau de prosperidade, pelo combate sem treguas, pelo descortino dos nossos dirigentes, pelo atavismo, que nos commanda e que nos ordena : para frente, para frente!

Foi sempre assim, sr. presidente: ora a miragem do ouro ; ora as pastagens nativas; depois, o combate aos selvicolas ; mais tarde, a riqueza agraria ; por fim as conquistas da intelligencia, tendo sempre como guia a Fé.

Se me fosse dado, sr. presidente, buscar no nosso passado um nome, um vulto autentico, um symbolo do mestre, eu iria revolver e pesquisar nas cinzas dos mosteiros, no olor das nossas selvas, na suavidade de nossos rios, na alma do nosso povo e encontraria — Anchieta.

Anchieta era o apóstolo, era o philanthropo insaciavel, era o centro de resistencia, o prègador, o *mestre*.

E foi o primeiro, o iniciador e, principalmente, o verbo, a acção, o movimento.

E' que nelle havia um mystico de um mysticismo patriotico originario da terra, que engendra essa emoção intensa, cujas virtudes gloriosas fazem despertar as almas educadas.

Foi a semente, que havia de frutificar e frutificou, so-
bejamente.

Apesar dos elementos varios para cá trazidos depois d'elle, e que tão preponderantemente concorreram no caldeamento da nossa raça, a Fé que nos outorgou, esta ficou immaculada.

Com o conhecimento da doutrina christã, ministravam elle e seus jesuitas as primeiras letras.

Os seus collegios foram sempre os melhores, e ainda hoje são de grande e merecida reputação.

Faço este ligeiro bosquejo, sr. presidente, para lembrar á Camara que o dia 2 de agosto significa, para nós paulistas, a consagração de uma das maiores instituições : a do cincoentenario da reabertura dos nossos cursos normaes.

Era, senhores, uma imperiosa necessidade, para nós, a criação de uma escola, onde se preparasse o futuro professor primario.

O professor leigo não correspondia aos reclamos da nossa evolução.

Urgia a installação de uma casa de ensino para tal myster.

Em 1821, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, o incomparavel vulto do nosso primeiro imperio, o grande estadista, sentia, já, o imperativo da idéa desta criação e, nesse sentido, enviava uma memoria ao governo provisorio da provincia de São Paulo, que logrou inteira approvação.

Peço venia para ler, sr. presidente, a resenha historica da criação da nossa Escola Normal, publicada pelo "Correio Paulistano" de 31 de julho : (*Lê*).

"Esse projecto, (de Martim Francisco) se bem fosse dos mais sympathicos aos poderes provinciaes, não foi approvado, talvez por motivos financeiros, ou talvez por outras questões.

Depois desta, houve outras iniciativas, que não tiveram melhor sorte que a de Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Finalmente, em 1846, fez-se alguma cousa de apreciavel em prol da projectada Escola Normal.

Foi installado um estabelecimento destinado sómente para homens, regido por um unico professor, o dr. Manuel José Chaves, bacharel em direito e cathedratico de philosophia e moral, no Curso annexo á nossa Faculdade.

Empossado em 24 de outubro daquelle anno, o dr. Chaves installou a Escola Normal numa sala do edificio contiguo á Sé, pertencente ao respectivo Cabido.

Apesar das suas modestas condições, este estabelecimento de ensino funcionou durante 20 annos. Em 1866, a Assembléa Provincial resolveu supprimi-lo, á vista dos poucos resultados que dava em relação aos seus gastos. O dr. Manuel José Chaves, que até essa data, exercia, dignamente, o cargo de professor, foi jubilado.

A ESCOLA NORMAL DE S. PAULO

Após o fechamento da Escola Normal, regida pelo dr. Chaves, tentou-se, por varias vezes, sem exito, porém, dotar a Provincia de um estabelecimento de ensino modelo.

Sómente em 1875, conseguiu-se esse desideratum.

Aos 16 de fevereiro do anno citado, numa das salas da Faculdade de Direito, foi lavrada, solennemente, a acta da inauguração da Escola Normal de São Paulo.

Assistiram a cerimonia, que se revestiu de brilhantismo, o presidente da Provincia, dr. João Theodoro Xavier ; o director da Faculdade, o inspector geral da Instrucção Publica, e outras pessoas de relevo social e politico, entre as quaes Martin Francisco Ribeiro de Andrada.

Esse estabelecimento era destinado, tambem, unicamente aos moços, constando o seu curso de 2 annos.

O programma seguido pelos dois professores era dos mais rudimentares. Abrangia as seguintes materias:

1.^a cadeira — Lingua Nacional e lingua francesa; Arithmetica e systema metrico ; Calligraphia, Doutrina Christã, Methodica e Pedagogia, com exercicios praticos nas escolas da capital.

2.^a cadeira — Noções de Historia Sagrada e Universal, inclusive a do Brasil ; Geographia, especialmente a do Brasil; Elementos de Cosmographia.

As aulas funcionaram em salas do Curso Anexo á Faculdade de Direito, por concessão especial do seu director, conselheiro Vicente Pires da Motta.

O EDIFICIO PROPRIO E A CRIAÇÃO DA SECÇÃO FEMININA

O governo provincial ordenára a construcção do edificio proprio para a novel Escola Normal. Levantava-se, rapidamente, um predio de dois andares que era destinado á instal-

lação da escola e ao Thesouro. O sobrado em apreço ainda existe, tendo sido, successivamente, Thesouro Provincial, Camara Municipal e, ultimamente, Forum Cível.

O presidente João Theodoro interessava-se, tambem, vivamente, pela criação de uma secção feminina.

As duas uteis iniciativas não foram, infelizmente, levadas a termo ; pouco tempo depois, o illustre administrador deixava a presidencia e o seu successor mandava sustar as obras a que nos referimos acima e abandonava a idéa da escola feminina.

Um anno mais tarde, considerando a necessidade da educação das moças paulistas, o presidente Sebastião Pereira installava um curso normal feminino, no Seminario da Gloria.

O FECHAMENTO DA ESCOLA

Eram grandes, porém, os dispendios do Thesouro Provincial com a Escola Normal de São Paulo.

Assim, não causou surpresa a deliberação do presidente João Baptista Pereira, que succedera ao dr. Sebastião Pereira, fechando o promissor estabelecimento de ensino paulista.

Em seu extenso "Relatorio", apresentado á Assembléa Provincial, o dr. Baptista Pereira apresenta as razões imperiosas que o tinham levado áquelle acto. Achava, no emtanto, que a suspensão das aulas seria simplesmente temporaria.

REINICIO DAS AULAS

Em 1879, sobe á presidencia de S. Paulo, o dr. Laurindo de Brito.

Esse facto constitue uma das mais assignaladas victorias da Escola Normal, pois, o novo presidente fôra um dos seus primeiros alumnos.

O novo presidente não se esqueceu da escola onde estudára. Começou a trabalhar activamente em prol da sua reabertura, bem como da reforma total do ensino publico.

Esse trabalho foi proficuo. Em 25 de abril de 1880 a Assembléa Provincial decretava a reforma de que falámos e autorizava o governo a reabrir a Escola Normal.

Assim, a 2 de agosto do mesmo anno, voltava a funcionar a Escola Normal.

A cerimonia de abertura revestiu-se de toda singeleza, não lhe tendo a imprensa emprestado maior importancia. Compareceram, no emtanto, o presidente Laurindo de Brito e outras pessoas gradas.

As aulas passaram a ser mixtas e regidas por um regulamento proprio, independente da Inspectoria Geral da Instrução publica.

A Escola Normal, que teve por director o dr. Vicente Mamede de Freitas, começou a funcionar num predio á rua da Boa Morte.

Era o seguinte o corpo docente : drs. Vicente Mamede, Paulo Bourroul, José Estacio Corrêa de Sá e Benevides, Ignacio Soares de Bulhões Jardim, José Bento de Paula Sousa e d. Catharina do Prado Alvim.

As disciplinas estudadas eram as mesmas que as exigidas pelo programma da escola anterior, tendo-se de acrescentar-lhe uma materia especial para as educandas : Prendas domesticas. A vida da Escola Normal escoa-se, desde então, calma e regularmente, de progresso em progresso, até attingir a notoriedade que hoje desfruta".

Na sua edição de 1.º do corrente, diz o mesmo matutino: (Lê)

Historiamos, hontem, a traços largos, os factos relativos á Escola Normal de São Paulo, até á sua reabertura, em 1880, graças ao descortino e á dedicação ao ensino de Laurindo Abelardo de Brito, cujo nome devemos, sempre, lembrar com gratidão e respeito.

Assim, mercê dos esforços do illustre presidente provincial, a importante casa de instrução iniciou vida nova, em 2 de agosto de 1880, tornando-se digna dos maiores elogios pela sua benefica actividade.

Vamos nos referir, agora, rapidamente, aos acontecimentos mais notaveis occorridos na Escola Normal, daquella data em diante, até os nossos dias.

MODERNIZANDO OS METHODOS DE ENSINO

Pouco tempo se demorou o dr. Vicente Mamede de Freitas na directoria da Escola Normal. Um anno mais tarde, conquistando, por concurso, uma cathedra na Faculdade de Direito de São Paulo, deixava aquelle cargo.

Houve difficuldades para ser preenchida a vaga do primeiro director da Escola Normal. Sendo muitos os serviços exigidos e bem deficiente a remuneração, diversos professores, convidados para aquelle posto, recusaram-no.

Finalmente, após algumas tentativas infrutíferas, foi encontrado um successor para o dr. Mamede de Freitas: o dr. Paulo Bourroul, professor de Francês, Physica e Chimica.

Em consequencia, ainda da demissão do primeiro director, vagou-se, tambem, a cadeira de Portuguê's, occupada até então pelo dr. Mamede de Freitas.

Realizou-se, por esse motivo, o primeiro concurso para lente cathedratico da Escola Normal.

Candidataram-se, ás provas, pessoas de reconhecida competencia, taes como Antonio da Silva Jardim e Julio Ribeiro, fazendo prever um prelio intellectual dos mais interessantes.

De facto, os dois candidatos, philologos respeitaveis, fizeram provas brilhantissimas, focalizando, por alguns dias, a attenção do povo paulistano.

Alcançou o primeiro logar Silva Jardim.

Nomeado lente de Portugê's, este professor imprimiu nova marcha ao ensino da materia que lecionava, tornando-o mais pratico, menos grammatical. Procurava interessar o alumno em estudar o vernaculo, fazendo-o ler os autores mais apreciados na época, bem como os diarios da Provincia. Esses novos processos, como se póde imaginar, deram os resultados mais compensadores.

Deve-se, tambem, a Silva Jardim, a introduccão do methodo didactico de João de Deus, que tantos resultados dera em Portugal e em outras nações.

Por esse tempo, modificou-se o corpo docente da Escola Normal. Entraram para a congregação o dr. Manuel José de Lapa Trancoso, o dr. Aristides Franco Meirelles e Arthur Gomes, deixando a Escola os professores Paulo Bourroul e Bulhões Jardim.

Com essas modificações, começaram a dominar o estabelecimento de ensino as idéas de Augusto Comte e com ellas as idéas republicanas, á vista das preferencias philosophicas dos novos lentes.

O governo provincial, procurando evitar a propaganda daquellas idéas, perigosas para o regime e para a religião adoptada pelo Estado, nomeou em substituição ao dr. José Corrêa

de Sá e Benevides, que succedera a Paulo Bourroul, na directoria da Escola, o conego Manuel Vicente da Silva.

Surtiu effeito essa medida governamental. Os professores comtistas, descontentes com o novo director, não tardaram a deixar os seus cargos.

A REPUBLICA

Em 1888, é nomeado director daquelle instituto de ensino o desembargador Manuel Jorge Rodrigues, surgindo entre este e os alumnos, logo de começo, sérias divergencias.

Aproveitaram-se, dessas divergencias, os partidarios das idéas republicanas, que progrediam dia a dia, criando, naquelle anno, o Club Republicano Normalista, que teve o apoio da quasi unanimidade dos alumnos.

Dessa data em diante, a Escola Normal de São Paulo, como todos outros estabelecimentos de ensino da época, tornou-se um fóco de propaganda do novo regime.

Foi nessas condições que a Escola, reaberta por Laurindo de Brito, recebeu a noticia da proclamação da Republica.

Até 14 de janeiro de 1890, não houve mudanças no corpo docente. Porém, nessa data, o presidente do Estado nomeava o dr. Antonio Caetano de Campos, director e a 12 de março processava-se nova reforma daquelle casa de ensino.

A REFORMA DO ENSINO NORMAL

A reorganização do ensino normal, que foi leva a effeito por Prudente de Moraes, significou um grande adiantamento para a instrucção publica paulista.

O maior collaborador da reforma, Caetano de Campos, conservou-se na directoria da Escola, com applausos geraes de alumnos e professores, cujas sympathias o novo director grangeára.

Em fins de 1891, após uma gestão intelligente e criteriosa, Caetano de Campos, minado por atroz molestia, veio a fallecer. Estimado e admirado, como era o illustre educador, o seu passamento causou grande consternação, traduzida nas homenagens que lhe foram prestadas por alumnos e professores, indistinctamente.

Na lista de serviços, que a Escola Normal deve ao finado, figura um de importancia invulgar : a campanha de Caetano de Campos em prol da construcção de um predio para aquelle estabelecimento.

O trabalho do esforçado director foi coroado de exito, pois, a 13 de outubro de 1890, Prudente de Moraes autorizava o inicio das obras do novo edificio. Estas foram terminadas em meados de 1894.

O NOVO PREDIO DA ESCOLA NORMAL

A mudança da Escola Normal, da rua da Boa Morte para o novo predio, foi feita logo que terminaram os trabalhos de installação.

O presidente do Estado, dr. Bernardino de Campos determinou fosse inaugurado o edificio da praça da Republica, solennemente, no dia 2 de agosto.

Gabriel Prestes, director da Escola, na occasião, não poupou esforços para o maior brilhantismo da festa inaugural. O illustre educador desdobrou-se em actividade, conseguindo organizar um programma, desempenhado por alumnos, dos melhores.

O mundo official prestou, tambem, o seu apoio á solennidade, comparecendo os seus mais destacados representantes.

Assim, ás 13 horas de 2 de agosto, com a presença do sr. presidente do Estado, além de outras personalidades notaveis, fez-se a inauguração a que nos referimos.

Abrindo a sessão, Bernardino de Campos produz enthu-siastico discurso.

Falaram, ainda, mais doze oradores, numa brilhante demonstração de quanto era apreciada a arte de Cicero, pelos paulistas daquelles tempos. . .

Terminados os discursos, foi lavrada a acta da inauguração, nella assignando todos os presentes.

DE 1894 ATE' OS NOSSOS DIAS

Não são necessarias muitas palavras para narrar a historia da Escola Normal de São Paulo, de 1894 em diante. Com duas expressões podemos dizer da vida do grande esta-

belecimento de ensino, durante estes ultimos 36 annos: trabalho constante e evolução progressiva diaria.

Varias vezes têm sido reformados os seus methodos, procurando sempre acompanhar as innovações intelligentes adoptadas em estabelecimentos congeneres do estrangeiro ou suggeridas por technicos de reconhecida competencia.

Assim, por meio de uma renovação continua dos seus moldes, procurando sempre melhorá-los, a Escola Normal tornou-se, indiscutivelmente uma das mais conceituadas casas de ensino do Brasil, estando na mesma plana que as melhores dos outros paizes.

E' uma escola-padrão, que, como já dissemos na chronica anterior, não se limita a servir de paradigma para os institutos de instrucção de São Paulo. A sua fama já transpoz as fronteiras estaduaes".

E que concluimos da leitura desta resenha ? Que nem sempre a boa idéa acha de prompto, terreno propicio para se consubstanciar e se tornar um facto.

Difficuldades de todas as formas surgiram-lhe pela frente e, de 1821 com Martim Francisco, só em 1879 vem a ser uma realidade.

Dahi para cá, num "crescendo" auspicioso, vem conquistando o apoio e a admiração de todos, até chegar a esta organização modelar, honra do nosso trabalho, gloria do nosso Estado, onde gerações successivas vêm aprimorando os seus conhecimentos, formando suas intelligencias, consolidando seus caracteres.

E, se alongarmos os nossos olhares num exame retrospectivo, que veremos ?

De inicio a colmeia modesta : poucos mestres, poucos alumnos, apenas homens. Mais tarde, ao curso masculino annexou-se o feminino. Modificaram-se os estatutos. O curso tornou-se mais completo. Ampliaram-se os laboratorios. Os candidatos á matricula, de inicio poucos, tornam-se numerosos mais tarde. E' a procura em massa. E' a avalanche dos que disputam a honra de serem seus alumnos. E' uma honra para o estudante ter o seu diploma da "Escola da Praça", como se diz vulgarmente.

O seu acesso é feito pela selecção do estudante, em provas memoraveis de concurso, onde o preparo intellectual é o requisito unico para a sua conquista.

O assumpto é fértil para um discurso. Não me alongarei, porém, na saudação que daqui pretendo dirigir aos professores e alumnos da escola da praça da Republica, aos professores paulistas e, ao grande e infatigavel propugnador da Instrucção Publica no Estado, dr. Amadeu Mendes, que com toda a dedicação superintende um dos mais trabalhosos departamentos da administração publica.

E' para o mestre e conductor que devemos dirigir as nossas homenagens, para que seja o interprete do nosso pensamento, para que transmitta aos seus auxiliares as nossas congratulações, os nossos applausos e, sobretudo os nossos votos de prosperidade para a casa de que é um dos mais insignes mestres.

Enviando á mesa o requerimento que vou ter a honra de entregar nas mãos de v. exc., faço-o com a alma cheia de felicidade pela oportunidade, que se me depara, de homenagear o mais efficiente dos estabelecimentos de ensino do Estado, talvez do Paiz e, quiçá da America Latina. (*Muito bem*).

E, sr. presidente, se não vivem todos os mestres, que por lá passaram, as suas lições e os seus exemplos vivem como a seiva de uma selva tropical, nas arvores que a vestem.

No conjunto de suas obras elles serão maiores e mais sugestivos não só pela saudade evocativa, como pelo fruto sazonado de suas experiencias.

E nessa colmeia immensa de escolas de todas as magnitudes elles viverão ainda nas lições dos discipulos amados que nunca abandonarão suas predicas.

Milhares de corações infantis palpitam em anseios pelo mestre escolar e, genuflexos, agradecerão, no futuro, os beneficios da instrucção e a Patria redimirá os vultos da batalha silenciosa do ensino.

Vozes — Muito bem ! Muito bem !

Vai á mesa, é lido, posto em discussão e, sem debate, unanimemente approved o seguinte.

REQUERIMENTO N. 13, DE 1930

Requeiro que se consigne na acta dos nossos trabalhos um voto de congratulações com o professorado paulista, pela commemoração do cincoentenario da reabertura dos cursos

normaes, dando-se conhecimento dessa homenagem ao dr. Amadeu Mendes, dignissimo director da Instrucção Publica, para que seja nosso interprete junto á honrada e laboriosa classe dos professores publicos, assim como, junto aos corpos docente e discente da Escola Normal da Praça da Republica.

Sala das sessões da Camara dos Deputados, 4 de agosto de 1930 — ETULAIN AUTRAN.

O SR. PRESIDENTE — A mesa, com a maior satisfacção, dará cumprimento ao que acaba de ser deliberado pela Camara.

POPULAÇÃO DO BRASIL POR ESTADOS, CALCULADA A 31 DE DEZEMBRO DE 1929

(Da Mensagem do Sr. Presidente da Republica)

Alagôas	1.189.214
Amazonas	433.777
Bahia	4.135.894
Ceará	1.626.025
Districto Federal	1.468.621
Espirito Santo	661.416
Goyaz	712.210
Maranhão	1.140.635
Matto Grosso	349.857
Minas Geraes	7.442.243
Pará	1.432.401
Parahyba do Norte	1.322.069
Paraná	974.273
Pernambuco	2.869.814
Piauhy	809.508
Rio de Janeiro	1.996.899
Rio Grande do Norte	738.889
Rio Grande do Sul	2.959.627
Santa Catharina	948.398
São Paulo	6.399.190
Sergipe	547.965
Territorio do Acre	113.725
	<hr/>
	40.272.650

(Este quadro é reproduzido por ter saído com incorrecções, no numero de Maio 1930).

CINCOENTENARIO DA ESCOLA NORMAL DA CAPITAL

DISCURSO NA ESCOLA NORMAL, EM 2 DE AGOSTO

Dr. Americo B. A. de Moura

Cathedratico de Latim e Literatura da Escola
Normal da Capital

Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior.

Exmo. Sr. Dr. Director Geral da Instrucção Publica.

Exmo. Sr. Dr. Director da Escola Normal.

Exmas. Senhoras e meus Senhores.

Prezadissimos collegas.

A vida desta Escola é phenomeno complexo, não obedece a um rythmo simples.

Projecto de Martim Francisco em 1821, teve ella precaria realisação em 1846, quando se instituiu o curso regido pelo Dr. Manoel Chaves. Em regime de completa autonomia, sem o bafejo e sem as peias dos poderes publicos, sem um regulamento sequer, logrou, comtudo, atravessar um periodo de vinte annos, de que se têm escassas noticias.

Restaurada pelo Dr. João Theodoro Xavier em 1875, em festividade promissora de opimos frutos, foi criação ephemera, teve de baquear tres annos depois, por falta de recursos financeiros. Tão má estrella teve, que até o predio que se lhe destinava, no coração desta capital, recebeu outra missão, a de albergar o Thesouro da Provincia, renunciando á de aninhar sonhos de educadores.

Mas foi passageira a crise. Em 1880, ei-la que de novo surge, em condições viaveis. E desde então, ininterruptamente, em cinquenta annos de actividade, do edificio do Thesouro ao da Boa Morte, e deste ao da Praça da Republica, a sua existencia se desenrola, com avanços e recuos, através de mil vicissitudes, mas sempre como cellula mater da instrucção publica paulista, que lhe deve tudo o que é, e tudo o que ha de ser.

*

Focaliza-se nas commemorações de hoje esta ultima trajectoria, longo sulco de luz, **que**, na epopéa da formação de nossa personalidade collectiva, é, ao menos, um verso cantante e magico, cheio de sonoridade e virtude, de rythmo variado e criador.

Sensível é a cesura desse verso.

São seus hemistichios, respectivamente, o periodo monarchico e o republicano.

De um lado, é a velha Paulicéa que vemos, vasta republica de estudantes, mas ainda modesto villarejo; é a rua da Boa Morte, que, num somno de trezentos annos, mal desperta pelas serenatas academicas, quasi não differia do tortuoso caminho anchietano, que da esplanada do Collegio ia ao aldeamento da Tabatinguera, rumo do Ypiranga e da serra.

De outro, transposto o Anhangabahu, é o antigo campo dos curros, voltado para o Jaraguá e para o vastissimo planalto, em que se alinham os cafezaes e moureja o trabalhador livre; é o prospecto da cidade nova, dos trilhos que se alongam, dos arrabaldes que se approximam, dos arranha-céus que se multiplicam, por entre as chaminés de pujante industria. Vasto sonho de metropole, em cadencia de majestosa prolação.

Aqui como alli, e como nos tempos heroicos da conquista e das bandeiras, a exuberancia dos campos piratininganos, que do solo passou ao homem, a producção incessante dos elementos de formação e do fermento catalysador da grandeza do Brasil. Mas quanta differença entre os dois periodos! A noite mais enluarda é sempre noite. O dia mais encoberto é sempre dia.

RANGEL PESTANA, PRUDENTE DE MORAES, CAETANO DE CAMPOS, são os vultos que accentuam a cesura do verso com o icto da maxima intensidade, operando a radical transformação do nosso apparelho de ensino, entrevista já por algum velho sonhador, mas que o regime politico implantado em 1889 tornara um imperativo categorico.

*

A commissão de normalistas que tenho a honra de representar pretendia deixar desde já assignalado em immorre-douro bronze, ás portas deste edificio, o culto do professorado

de São Paulo á gloriosa triade que empreendeu essa obra de remodelação social.

Força maior obrigou-a a adiar o desempenho do compromisso que assumiu e mantém.

Não quiz, entretanto, assistir indifferente ás commemo-rações da Escola Normal, a que não podia deixar de asso-ciar-se.

Essa a razão por que dá ella agora á publicidade a mono-graphia historica, proficiente e carinhosamente elaborada pelo professor João Lourenço Rodrigues, monumento erguido ás nossas tradições, em que palpita o ardor de juvenil enthusi-asma, um espirito identificado com a profissão a que de todo se dedicou.

E essa a razão por que ella, consagrando hoje aos pionei-ros do Governo Provisorio, em religiosa concentração, apenas uns instantes de silencio, vem inaugurar neste recinto as ef-figies de outros vultos eminentes da historia deste estabele-cimento e da instrucção publica de São Paulo — LAURINDO DE BRITO, BERNARDINO DE CAMPOS, CESARIO MOTTA e GA-BRIEL PRESTES.

*

LAURINDO ABELARDO DE BRITO nasceu em Montevidéu, em 8 de setembro de 1828. Era filho de um militar paulista, que supponho descendente do tronco quinhentista dos Pires, o Tenente Manoel José de Brito, e de D. Paula da Costa, tam-bem natural de Montevidéu, filha do senador uruguayo D. Antonio Costa.

O Tenente Manoel de Brito trouxe para São Paulo a familia e falleceu deixando, creio que em boas condições de fortuna, oito filhos menores. A viuva casou-se com o já no-tavel jurisconsulto Dr. Joaquim Ignacio Ramalho, depois barão e conselheiro do Imperio, que foi para os enteados um segundo pae e lhes deu esmerada educação.

Aos dezoito annos de idade, feitos os preparatorios, ma-triculou-se Laurindo no curso juridico, em que muito se dis-tinguiu por suas qualidades de espirito, e bacharelou-se em 1851.

Nomeado em 1852 promotor publico de Curityba, fez no Paraná brilhante carreira politica, tendo sido deputado provincial e deputado geral por aquella provincia.

Em 1878 transferiu sua residencia para São Paulo, onde nesse mesmo anno exerceu o cargo de Inspector do Thesouro e, desde 12 de fevereiro de 1879, o de Presidente da Provincia, que em 4 de março de 1881 passou ao Vice Presidente, Conde de Tres Rios.

Tendo disputado em 1881 a Antonio Prado, em ruidoso pleito, a cadeira de deputado geral pelo primeiro districto, que veio a occupar, continuou a militar na politica liberal, e recebeu a carta de conselho.

Falleceu em São Paulo, com 56 annos de idade, em 8 de abril de 1885.

Taes, em resumo, os traços biographicos que consegui colligir em nossos genealogistas e chronistas, nomeadamente em Almeida Nogueira.

*

A memoria do Conselheiro Laurindo de Brito, como evidencia João Lourenço, prende-se á historia deste estabelecimento por dois laços: a sua matricula na Escola de 1846, na primeira turma de alumnos do Dr. Chaves, e a sua acção decisiva, como Presidente da Provincia, na criação da Escola de 1880.

Tão fortes são esses laços, ou, ao menos, um delles, que em memoria do extincto os normalistas de 1885 publicaram uma polyanthéa, da qual infelizmente só se conhece referencia.

A matricula de Laurindo de Brito no curso normal dá que pensar, pois coincidiu com a do mesmo estudante no curso juridico. Ambas se effectuaram no anno lectivo de 1847.

Se se tratasse de rapaz pobre, comprehende-se que seria um recurso para obter dentro de dois annos modesta collocação, afim de custear os estudos de direito. Mas o enteado do Conselheiro Ramalho não estava em taes condições.

Se o velho curso normal fosse um curso intensivo de cultura, ainda que de materias elementares, comprehende-se que um academico estudioso o procurasse, como meio de recapitular e quiçá completar o seu curso de humanidades. Mas tal attractivo estava elle longe de ter.

O que supponho é que, ou por sympathia pessoal para com o professor da Escola Normal, de quem certamente fora discipulo no curso annexo, ou por entusiasmo romantico

pela instituição, entendeu o jovem Laurindo prestigiá-la com a sua matrícula, que poderia ser para outros um estímulo. A causa da instrução popular sempre encontrou na mocidade academica apostolos cheios de abnegação.

Presumo que elle não tenha exercido o magisterio official, e até ponho em duvida que se tivesse diplomado na Escola Normal. A tanto não iria o romantismo.

Mas, estudante de facto ou estudante honorario, foi elle um dos primeiros normalistas de São Paulo, um dos nossos primeiros collegas.

Muito mais importante é a outra relação existente entre a memoria do Conselheiro Laurindo a esta Escola.

Não fora elle, não fora o seu character voluntarioso, não fora a teimosia que lhe grangeara de adversarios politicos os mais ferinos apodos e invectivas, e não se houvera talvez reerguido, em 2 de agosto de 1880, a Escola Normal de São Paulo.

Elle tinha consciencia nitida do valor da idéa que o animava, pois são suas textuaes palavras estas, no relatorio presidencial de 1879, em que propunha a reabertura da Escola:

“E QUEM, COMO EU, NÃO POSSA, EM SUA PASSAGEM PELAS REGIÕES OFFICIAES, POR OUTRO MODO RECOMMENDAR-SE, TERA’ ADQUIRIDO DIREITO AO RECONHECIMENTO DE SEUS CONCIDADÃOS, SE DEIXAR MARCOS QUE INDIQUEM HAVER TRABALHADO NA GRANDE OBRA DE FAZER COM QUE A INSTRUCÇÃO ALCANCE A TODOS”.

Tinha razão.

Por mais fecunda que tivesse sido a sua carreira politica e administrativa, nenhum marco elle assentou nella como esse, de que cincoenta annos nos separam, mas a que tão vinculado sentimos o progresso de nossa civilização, a expansão de nossa cultura, toda a obra educativa de que com justiça nos orgulhamos.

*

A respeito de BERNARDINO DE CAMPOS, CESARIO MOTTA e GABRIEL PRESTES, imperdoavel seria que eu pretendesse agora discorrer quanto é possivel e justo. A natureza desta solennidade me força a ser breve, a tão sómente evocar, em

rapidissimos traços, a actuação que elles tiveram nesta Escola.

A morte de Caetano de Campos, em 1891, deixara em meio a elaboração da reforma do ensino, que elle tinha como objectivo, mas que não queria precipitar. O que se fizera em 1890, e elle já considerava muito, fora apenas a reorganização da Escola Normal, com a criação da escola modelo, condição *sine qua non* de exito, e o assentamento da primeira pedra deste edificio. O curso normal era de tres annos, e o que lhe imprimia cunho professional efficiente era o *learning by doing*.

Em 1892, no governo de Bernardino de Campos, e com idéas já um tanto differentes das do grande morto, Gabriel Prestes, no Congresso, apresentou e sustentou o projecto que se converteu na lei n. 88. No anno seguinte, tendo Cesario Motta assumido a gestão da pasta do interior, integrou se a obra legislativa com a promulgação da lei n. 169. E, ainda em 1893, deixava aquelle normalista a cadeira de deputado, para assumir a direcção da Escola Normal, que exerceu durante cinco annos, presidindo assim á execução da parte que reputava principal da reforma do ensino.

Em 2 de agosto de 1894, decimo quarto anniversario da inauguração de Laurindo de Brito, Bernardino de Campos, Cesario Motta e Gabriel Prestes solennemente inauguraram neste local a Escola.

Memoraveis discursos então se proferiram, transparecendo em todos elles a convicção do extraordinario valor do acto.

Sómente evocarei o de maior relevo.

Cesario Motta, desenvolvendo, com as cores da doutrina republicana, o mesmo conceito ha pouco lembrado do Conselheiro Laurindo, vaticinou que esta Escola havia de ser para o historiador, necessariamente, o 'PONTO CULMINANTE, PONTO DE PROVA, PONTO DE TRIANGULAÇÃO, PONTO QUE DENOTE A REUNIÃO DE TODOS OS LADOS DO POLYGONO SOCIAL NO INICIO DA REPUBLICA EM SÃO PAULO'.

E concluiu affirmando que, se Prudente de Moraes não tivesse outro monumento que relembresse seus serviços, bastaria para perpetuar o seu nome nos annaes da historia, que

ella repetisse estas palavras : "ELLE FUNDOU A ESCOLA NORMAL DA PRAÇA DA REPUBLICA".

Não era isso uma hyperbole.

*

Ha uma corrente que erige em dogma a affirmação de que a experiencia sempre vem tarde, quando já não pode ser aproveitada ; que assim julga tanto em relação ao individuo quanto á sociedade, e, num e noutro caso, exaltando o valor das virtudes latentes, deprime o das que já se manifestaram.

E' uma corrente negativa. Considerando-se optimistas, illudem-se a si mesmos os que a seguem em qualquer das suas derivações. São pessimistas pelos quatro costados, e serão, sem duvida, peiores educadores que os que se anquilosam na rotina esteril.

Sem nos volvermos aos tempos idos não conseguiremos immunizar-nos nem dos males do futurismo nem dos da rotina.

Os monumentos do passado não são apenas objecto de contemplação. Na rigidez das linhas aparentemente mortas, elles têm estímulos cheios de vida para quem os contemple com um atomo de actividade, com o descortino que sempre acompanha a noção do principio de causa, com a intelligencia alerta, que sempre colhe e produz.

O vinculo de uma estreita solidariedade liga os differentes marcos que na linha do tempo se succedem. Em nós e em torno de nós operam forças que já se exerceram, em applicações prenes de lições, que seria rematada loucura desprezar.

Herdeiros legitimos dos que construíram o patrimonio da Escola Normal e da instrucção publica de São Paulo, temos que lhes cultuar a memoria sem nos cingirmos a lhes entoar loas.

Temos a séria responsabilidade de proseguir na luta pelo ideal que os empolgou, retemperando em seu exemplo as nossas forças, capitalizando os rendimentos que elles souberam para nós accumular, e realizando o que não lhes foi possivel conseguir.

Ai de nós se os nossos ouvidos forem insensiveis ao incitamento que nos vem delles, transmittido por monumentos como estes, que na nudez do bronze falam com dobrada eloquencia !

*

Um olhar retrospectivo pela marcha até nossos dias da idéa que ha mais de um seculo se manifestou no projecto de Martim Francisco, mostra o seu desenvolvimento no dominio das aspirações, e como se corporificou ella na realidade concreta, quer em extensão, quer em intensidade.

São duas directrizes estas, que ás vezes collidem, perturbando-se mutuamente, mas que numa estructura organica têm de se conciliar em equilibrio dynamico, em perfeita harmonia.

A extensão tem tido preponderancia, o que é muito natural. Após a lei n. 169, o de que mais se tem cuidado na legislação escolar paulista e na execução que se lhe tem dado, é o problema da diffusão do ensino, a preocupação, que até em Laurindo de Brito se viu, de tornar a instrucção accessivel a todos. No que toca ao ensino normal, attingimos agora o numero de sessenta escolas, officiaes e equiparadas. Chegámos a um ponto que tão cedo não será preciso ultrapassar.

A intensidade é a que agora mais cuidados requer. Não foi inteiramente sacrificada nestes trinta e seis annos, porque, se é verdade que tivemos de limitar a tres annos o curso normal, esta Escola mantém curso maior que o que constitue padrão para as normaes livres.

A Escola Normal da Capital ainda é, e certamente continuará a ser, o nucleo principal de nossa organização escolar.

Mas a idéa que a criou ainda não chegou a completa realização.

*

Quando se inaugurou este edificio, Cesario Motta aqui situou o vertice de uma pyramide, que tem o polygono social como base e uma altura de maxima culminancia: "PONTO CULMINANTE, PONTO DE PROVA, PONTO DE TRIANGULAÇÃO, PONTO QUE DENOTE A REUNIÃO DE TODOS OS LADOS DO POLYGONO SOCIAL".

De facto, a reforma de 1892 a 1893, que já differia da de 1890 pela ampliação do quadro de estudos normaes, que passou a ser de quatro annos, com muitas cadeiras novas, estabelecia, ao lado do ideal da multiplicação de escolas de typo commum, que afinal veio a realizar-se, o ideal de um curso superior, que é ainda um sonho, e que inteiramente condiz com a imagem do discurso inaugural.

Não era um simples aggregado de palavras altisonantes o vaticinio de Cesario Motta. Corresponhia a uma fundada esperanza. Era uma verdade relativa, a idéa concretizada na lei. Não se podia conceber mais legitima aspiração.

Correram os annos. A attenção dos governos voltou-se, de preferencia, para a outra face do problema. Mas a expressão desse ideal não desapareceu da nossa legislação. E, por necessidade, por um esforço de adaptação, que não é milagre, pois as leis naturaes o explicam, pois a funcção faz o orgão, a Escola Normal da Praça da Republica tem sido a nossa escola normal superior.

Convertê-la em instituto capaz de coordenar com a maxima efficiencia os elementos indispensaveis a toda a acção educativa paulista, dando face para "todos os lados do polygono social", é necessidade que prementemente se impõe, sazoadada como está na consciencia collectiva a idéa do problema universitario.

Será a integração de facto da reforma de 1893, a realisação do sonho de Cesario Motta.

E será obra de verdadeira criação.

Neste dia de jubileu, o que dizem os nossos mortos illustres é que se o estadista que realizar essa obra não tiver outros titulos de gloria, sómente esse lhe assegurará perpetua benemerencia.

A população brasileira, sob o ponto de vista ethnologico

Annos	Branços	Negros	Indios	Mestiços
1872	38,1	19,7	3,9	38,3
1890	44,0	14,6	9,0	32,4

No Estado do Rio Grande do Sul :

Annos	Branços	Negros	Indios
1872	59,4	18,3	5,9
1890	70,2	8,7	5,4

OLIVEIRA VIANNA — Evolução da população brasileira

"RISCOS PARA BORDADOS"

PUBLICAÇÃO PERIODICA

(Algumas apreciações dos Jornaes de São Paulo)

"O primeiro numero desta nova revista de bordados, de propriedade do "Bazar do Pinto", á av. Rangel Pestana, 373-A, nesta capital, está simplesmente esplendido. Como numero de estréa não podia estar melhor. Contém seis variadas taboas de modelos para bordado *em tamanho natural*, artisticamente traçados ou por mão habil e que está, certamente, ao par das melhores novidades do assumpto. Na ultima pagina, depois de "algumas palavras" ditas ás suas leitoras, encontra-se a discripção das taboas, feita com muito cuidado e com o fito unico de instruir, de auxiliar os que se quizerem servir dos modelos que as compõem.

E' francamente promissor esse primeiro numero."

(Da "Folha da Noite" de São Paulo de 6 de agosto de 1930)

* * *

"O sr. A. Pereira Pinto, proprietario do "Bazar do Pinto", na Avenida Rangel Pestana, 373-A, acaba de iniciar a publicação de uma interessantissima collecção de riscos para bordados, de cuja direcção está encarregada a sra. d. Maria Figueiredo. E' um trabalho de grande utilidade, não somente pelo capricho e gosto com que foi elaborado, como pela circumstancia de apresentar os modelos *em tamanho natural*, o que facilita *sobremaneira o seu emprego*. O album será periodico e o numero presente é o primeiro da série que proseguirá mensalmente".

(D' "A Platéa" de São Paulo de 2 de agosto de 1930).

* * *

"Do sr. Pereira Pinto, estabelecido á avenida Rangel Pestana, 373-A, nesta capital, recebemos o primeiro numero da publicação cujo titulo damos ao lado. E' um optimo auxiliar para as senhoras que se dedicam aos trabalhos de agulha, pois apresenta os riscos *em tamanho natural*, promptos a serem passados para o tecido, e sem o excessivo aproveitamento do papel, que caracteriza outras publicações no genero. Ademais, os modelos têm *originalidade*."

(Do "Diario Nacional" de São Paulo de 6 de agosto de 1930).

* * *

A mais linda, interessante e a maior revista para bordados, até hoje publicada.

Acha-se á venda nos melhores pontos de jornaes e revistas desta capital, e em todas as boas livrarias do interior.

Peça ao seu livreiro "Riscos para bordados" ou envie-nos 4\$500 em sellos do correio e lhe remetteremos, livre de porte, a revista "destinada a auxiliar as donas de casa, as mães de familia, as bordadeiras, nos mil e um modos de transformar o lar em uma mansão de encantos".

A. PINTO & CIA. — Av. Rangel Pestana, 373-A

Succursal n.º 1 — Braz — S. PAULO. — Teleph. 9-2644.

ILLUSÕES COMMUNS

Prof. Luiz Gonzaga C. Fleury

Inspector Escolar do 57.º Districto
(Séde em S. Carlos)

Vamos analysar, embora ligeiramente, certas illusões naturaes e por isso mesmo muito vulgares, algumas dellas mais ou menos innocentes, outras prejudiciaes, pondo em evidencia as conclusões mais importantes e mais praticas.

A ordem em que trataremos dessas illusões será a que nos parecer mais adequada á sua intelligencia, de modo que a comprehensão de umas predisponha o espirito, pelo menos de modo geral, para a comprehensão das que se lhes seguirem.

O assumpto parece-nos de si mesmo interessante e capaz de suscitar e entreter a curiosidade commum.

A curiosidade commum, dizemos, porque escrevendo esta exposição não visamos mais do que a divulgação de certas idéas elementares mas que se nos afiguram de incontestavel alcance e apropriadas para provocar na mocidade o gosto pelos assumptos philosophicos.

E' indispensavel que a juventude de nosso paiz se esforce por adquirir algum habito de frequentar os bons livros de sciencia, de idéas geraes e mesmo de philosophia, se não quizer que a sua mentalidade permaneça em nivel inferior ao da mocidade pertencente a outros povos.

Cremos que um grande erro dos nossos jovens actuaes está na visão estreitamente utilitaria e egoistica do valor do estudo.

Ha excepções, felizmente, mas só as espontaneas, já que o ambiente mental não é, geralmente, de molde a provocá-las. Urge, porém, que ellas proliferem por constante incitamento e se tornem por fim a regra geral desejavel.

Aqui, salvo poucos escriptores, desdenham os mais de exercer a funcção singela de instructores do povo. Quer, mui-

ta vez, pela natureza elevada dos assumptos, quer, quasi sempre, pelo methodo improprio e pelas exterioridades complicadas da expressão douta, ficam fóra do alcance de muita gente.

Não querendo ser senão accessivel, vamos fugir a essa praxe, o que, aliás, não nos custa muito fazer, dada a nossa insignificancia que nos permite não nos dedignar de tratar de assumptos, como já dissemos, elementares e, muito de adrede, do modo que temos na conta de inteiramente comprehensivel para a maioria, pois o faremos em linguagem simples, com exemplos concretos que nos pareçam convincentes, com risco mesmo de sermos banido por excessivamente trivial através de prismas exigentes.

Para communicar ás nossas palavras a indispensavel força da autoridade não tergiversaremos em citar e até mesmo transcrever os mestres, tanto quanto julgemos necessario.

E, para terminar este aranzel de introduccão, já espichado demais, fazemos votos por que, de quando em quando, os escriptores patricios desçam do seu pedestal até á altura em que estamos os mediocres para diffundir alguns uteis conhecimentos com desprerenciosa didacticidade, esquecendo-se um pouco de sacrificarem ao gostoso culto do commodismo ou do orgulho intellectual de deuses.

Quem não reconhecerá a vantagem de um generalizado movimento dessa natureza ?

Medeiros e Albuquerque, Sampaio Doria, Navarro de Andrade, Plinio Barreto e alguns outros, aliás raros, são exemplos admiraveis entre os homens de saber e talento dos mais poderosos, da habilidade encantadora em transmittir a quem os lê as mais complicadas idéas, com elegante simplicidade, com belleza por vezes verdadeiramente magistral. Sabem fazer da palavra o que ella deve ser antes de tudo — um luminoso e correntio veículo de idéas e sentimentos, e não, antes de tudo, pomposo enfeite de suas proprias pessoas.

Que se nos tolere o desejo de imitá-los ainda que mal e apenas quanto ao amor á clareza e simplicidade da forma, já que seria uma tolice pretendermos conseguir mais.

E' muito commum a crença illusoria de que "vemos" as "distancias" a que de nós se acham os objectos.

E' claro que sendo a distancia espaço linear, nada pode ter de visível. . . Por isso é que o desenho e a pintura se valem das sombras e da perspectiva — isto é, do conjunto de todas as modificações apparentes que os objectos apresentam á vista — para darem a illusão dos relevos e distancias de fundo, que na realidade não existem no plano do papel ou da tela. Por outras palavras, essas artes representam os seres não taes como elles são, taes como são suas formas e modos de ser reaes, mas sim conforme os seus aspectos puramente visuaes : com certas deformações, como a de arestas ou lados parallellos figurados como convergentes para fingir que se afastam para o fundo do quadro, a diminuição progressiva do tamanho relativo dos seres, para o mesmo effeito, a maior ou menor precisão ou nitidez de minucias ou de contornos, conforme a maior ou menor distancia apparente a que se queira figurar taes objectos.

E' em virtude de um forte habito inveterado que inconscientemente interpretamos, por exemplo, a saliencia, os relevos, que são dados originariamente provenientes de sensações tacteis e musculares, quer dizer, dados percebidos a principio pelo sentido do tacto e pelo sentido muscular combinados ou associados — interpretamos a saliencia, os relevos, diziamos, em termos principalmente de luz e sombra, de claro-escuro, que são dados, ou sensações, estas sim, realmente peculiares á vista. De sorte que ao vermos um desenho convenientemente sombreado e com as necessarias deformações perspectivadas, elle se nos afigura em relevo ou no espaço, com as tres dimensões.

Ha musculozinhos especiaes que ajeitam, que accommodam os olhos á visão. Para alcançarmos os objectos precisamos estender o braço ou até deslocar-nos no espaço. Temos as sensações ou sentimos o esforço muscular que fazemos então quer para accommodar os olhos, quer para mover-nos. E assim a experiencia vai-nos habituando desde os primeiros tempos da infancia, de que já não nos lembramos, a avaliar as distancias dos objectos que vemos porque as sensações tacteis-musculares se associam ás visuaes, passando estas a substituir aquellas, a representá-las, á symbolizá-las naturalmente, afinal. Em consequencia, e com grande vantagem aliás, transforma-se-nos a vista, educada e enriquecida pelo sentido tactil-muscular, em um como tacto á distancia, adquirindo a capacidade de perceber dados que não lhe são proprios e permittindo-nos até alcançar e como que sentir pelo telescopio

os accidentes, as montanhas da superficie da lua... Quem já tenha contemplado este astro pelo telescópio sabe qual a força daquella impressão como que tactil.

Os cegos-natos, que soffrem de cataracta, logo nos primeiros tempos depois de adquirirem a vista por operação, não tendo a experiencia de traduzir dados tacteis-musculares em dados visuaes, são incapazes de avaliar as distancias dos objectos que vêem e até mesmo de reconhecê-los sem lhes tocar.

As cousas lhes apparecem como manchas coloreadas, de contornos indefinidos e como num plano e elles precisam de certo periodo de exercicio para associarem ou combinarem os dados tacteis-musculares seus conhecidos aos dados visuaes e só então chegam a ter percepções visuaes perfeitas, isto é, a conhecer só pela vista as cousas e a avaliarem sem engano as distancias a que se achem.

Analogamente, tambem chegamos a calcular, com tal qual exactidão proporcional ao exercicio, por meo de symbolos auditivos, pela maior ou menor intensidade de sons conhecidos, a menor ou maior distancia a que se encontra a causa, o fóco productor das ondas sonoras — um sino, um piano, uma locomotiva — sem que, no entanto, ninguem supponha que “ouve” as distancias, que nada podem ter de audível.

Se vissemos realmente as saliencias, os relevos, as distancias (o que é cousa que o leitor já está certamente farto de saber que é impossivel e inintelligivel) o desenho e a pintura com seus falsos relevos e suas falsas distancias de fundo, seria n impotentes, por falta de meios adequados, de nos illudirem a vista tão poderosamente como o conseguem, a tal ponto que, muitas vezes, por mais que façamos, somos incapazes de “não vêr” os resaltos malares e nasal, por exemplo, em um retrato bem executado, embora o saibamos de ante-mão inteiramente plano.

O verdadeiro espaço de tres dimensões é o espaço motor ou muscular. E' elle perfeitamente conversivel em espaço visual; mas não vice-versa: pois o espaço visual pode ser illusorio, moeda falsa inconversivel por não corresponder ao lastro da realidade — tal como acontece no desenho, na pintura e, maxime, na visão de imagens planas, que apparecem em nitido relevo pelo estereoscópio.

“Diz-se, entretanto, ás mais das vezes, que o olho nos dá a sensação de uma terceira dimensão e nos permite, até certo ponto, reconhecer a distancia dos objectos.

Quando se procura analysar essa sensação reconhece-se que ella se reduz, já á consciencia da convergencia dos olhos, já á do esforço de accommodação feito pelo musculo ciliar para collocar a imagem no ponto devido". (Poincaré — "O Valor da Sciencia").

Muito commum é tambem a illusão de que os sons existem, de facto, como taes, no mundo externo, como qualidades dos corpos chamados sonoros.

Na realidade o que se dá é o seguinte, expresso em linguagem physica : os corpos sonoros, sendo postos em vibração, communicam suas vibrações ao ar, que, por seu lado, as transmite aos ouvidos, impressionando os nervos auditivos.

A actividade ou energia nervosa assim despertada percorre os nervos até ao cerebro, onde se transforma em energia psychica, em consciencia da impressão sensorial, ou sensação de som. Como sensação, portanto, é o som um facto ou um phenomeno de consciencia, do mundo interno ou subjectivo e não uma realidade existente no mundo externo ou objectivo como qualidade pertencente propriamente aos corpos ou objectos sonoros.

Objectivamente, no mundo externo, o que existe são corpos que vibram, são vibrações do ar nada semelhantes ás sensações de som.

Tanto é isto verdade que foi possivel a invenção do phonographo, em cujos discos ficam gravadas, sob a forma de sulco, as vibrações. GyRANDO o disco, o sulco imprime á agulha, ligada a uma lamina vibratil, as mesmas vibrações que o produziram, determinando a audição dos sons, vozes, etc..

Como os sons, assim as côres são sensações ou phenomenos subjectivos e, dest'arte, não existem propriamente como taes nos corpos a que chamamos coloridos.

Objectivamente, não ha certeza sobre qual seja a natureza dos raios que produzem as sensações de luz e côres.

E' usual dizer-se que são vibrações ou ondulações do ether.

Um daltonico — doente da molestia denominada daltonismo — vê como verde uma cereja madura que nós outros vemos como vermelha (Rayot). A côr verde, dizemos, é, no exemplo, uma illusão do daltonico, occasionada pelo seu defeito visual. Em todo caso, esse facto ajuda a convencer de

que as côres são phenomenos de existencia subjectiva e não objectiva, pois é evidente que o verde só existe no exemplo como "sensação" do daltonico.

São lindamente coloridas com os mais subtis cambiantes as phosphenas ou imagens subjectivas que obtemos fechando e comprimindo com o dedo os olhos: rosaceas, arabescos caprichosissimos... E isto demonstra que as côres são productos psychicos. Outras varias provas existem, que deixámos de lado (*).

Analogamente, os odores, os sabores, o calor, o frio, etc., não existem taes quaes os sentimos, no mundo objectivo. Só existem — como sensações, é obvio — subjectivamente, como phenomenos, embora reaes, mas do mundo interno.

As realidades do mundo externo são em si mesmas "obscuras e silenciosas", por dizê-lo assim, na falta de mais adequada expressão, e não são frias nem quentes, etc..

As rapidas analyses das illusões até agora postas a descoberto, bem que pareçam á primeira vista não offerecer nenhum alcance pratico, têm-n'ó, comtudo, e foram necessarias para preparar-nos a facil intelligencia de grande parte do que se vai seguir. De resto, ensejaram oportunidade para a jeitosa introducção de certos termos technicos indispensaveis, de modo tal que sua significação resultou intuitiva.

Podemos proseguir, já agora. As excitações organicas ocasionadas assim na periphéria externa, como, internamente, na substancia do nosso corpo, impressionando os sentidos externos ou os internos, vão, sob a forma de corrente ou energia nervosa através dos nervos sensitivos repercutir no cerebro, onde se transformam em energia psychica, em sensações ou consciencia das impressões.

Estas sensações, conservadas pela memoria, podem depois reviver ou reproduzir-se como imagens reproductoras ou lembranças.

O conjunto mais ou menos complexo das sensações e lembranças modificadas por associações e outros processos

(*) Esta, por exemplo: — Dois observadores examinando ao mesmo tempo o *mesmo* ponto de uma bola de sabão, verão cada qual uma côr differente. O facto é inexplicavel se se admittir que o ponto preciso da bola é "realmente" colorido, pois não pode ter duas côres ao mesmo tempo. Mas a explicação é facil quando se admite que a sensação de côr resulta de radiações reflectidas pelo objecto.

varios, constituem factos de consciencia por meio dos quaes temos conhecimento do "eu" e do "não eu", ou por outras palavras, do mundo interno da consciencia ou subjectivo e do mundo externo ou objectivo.

Exemplificando: um cégo-nato, logo depois de adquirir a visão, não reconhece pela vista os objectos, como dissemos. Uma laranja, supponhamos, causa-lhe uma sensação visual de côr, sensação aliás inteiramente desconhecida para elle. Mas elle palpa a fruta. As sensações tacteis-musculares que obtem, associam-se á da côr, desconhecida, e eile percebe que esta é causada pela laranja. Então, a côr passa a symbolizar a laranja, tendo-se tornado, com a repetição da experiencia, sensação conhecida.

Ao cabo, bastará ao ex-cégo ter a sensação conhecida dessa côr para que, sem necessidade de tocar na laranja, reconheça esta pela vista exclusivamente.

Isto é possivel porque as sensações tacteis-musculares, suas velhas conhecidas representativas da laranja, revivem ou são lembradas pela sensação da côr a que se associaram.

Assim, a percepção que o ex-cégo teve da laranja pela vista resultou de uma sensação actual da vista (côr) ligada a sensações anteriores tacteis-musculares lembradas (forma arredondada, aspereza da casca...)

Ora, toda a percepção consta, como essa, de sensações actuaes de objectos que nos impressionam os sentidos, associadas a outras sensações anteriores, resurgidas da memoria sob a forma de imagens (imagens mnesicas, massas aperceptivas).

Logo, quando julgamos conhecer as cousas em si mesmas, na realidade nos illudimos, porque não conhecemos de facto, em ultima analyse, senão as sensações que ellas causam em nós actualmente ou que já nos tenham causado anteriormente e de que nos lembramos.

Significa isto que não conhecemos senão os "effeitos" (sensações) que as cousas, postas em relação com a nossa sensibilidade, mediante os sentidos, produzem em nossa consciencia, taes como as sensações de côr, som, odor, sabor, calor, etc., que, como vimos, não são propriamente qualidades objectivas, realmente existentes nos corpos, mas sim phenomenos subjectivos. Esses phenomenos subjectivos são, portanto, simples signaes, simples representações symbolicas das cousas,

cuja essencia intima não nos permittem conhecer em absoluto.

“As palavras calor, cor, som, odor, sabor significam na realidade cousas profundamente diversas, segundo forem tomadas em sentido “*subjectivo*” quando “*effeitos*” produzidos em nós, ou em sentido “*objectivo*”, quando “*causas*” physicas capazes de produzir em nós esses effeitos. No primeiro sentido significam “*sensações*”, no segundo “*qualidades*” desconhecidas em si mesmas, agindo sobre os nossos sentidos por intermedio de “*movimentos*” materiaes”. “Manual de Philo-sophia” — D. Ludgero Jaspers).

Os nossos conhecimentos são, pois, relativos e não absolutos. Relativos porque não nos permittem attingir as cousas em si mesmas mas unicamente as relações dellas com a nossa sensibilidade, cujos effeitos são as sensações, as quaes, por sua vez, se relacionam entre si por associação.

“Assim como os objectos — escreve Boucher (Psychologie) não são representados em um espelho senão perdendo de certo modo sua materialidade para tornar-se imagens, assim os objectos exteriores não podem penetrar na consciencia senão perdendo sua exterioridade objectiva, senão tornando-se factos de consciencia, estados subjectivos.

Aos metaphysicos é que compete perguntar qual é a natureza dessa realidade exterior que nos apparece sob a forma de sensações. Alguns pensaram, com Descartes, que as cousas têm duas especies de qualidades: as “qualidades primarias” (extensão e resistencia), unicas qualidades da material real; e as “qualidades secundarias” (côr, som, calor, etc.), manifestações apparentes das primeiras. Outros, como Kant, pensaram que as “qualidades primarias” tambem não são senão apparencias, e que, em seu fundo real, a materia não possui nenhuma das qualidades que nos parece ter. Outros têm-se interrogado mesmo se existirá de facto a materia.

Sem sahir do dominio dos factos positivos, é certo, todavia, que o mundo exterior não é tal como nós o percebemos, que nossas sensações não são o conhecimento directo dos proprios objectos, mas a traducção, na linguagem de nossa consciencia, de uma realidade exterior desconhecida em si e talvez incognoscivel”.

Vejamose que diz Kant (“Critica da Razão Pura”) em sua linguagem característica, um tanto obscura e difficil de verter, como se sabe, mas que poderá ser sufficientemente per-

cebida, por quem quer que tenha tido a paciência de chegar até este ponto :

“Em apoio dessa theoria da idealidade da sensibilidade externa quanto da interna, e, por consequencia, da idealidade de todos os objectos (Objecte) dos sentidos, como simples phenomenos, podemos servir vantajosamente da importante nota seguinte : e é que tudo o que, em nosso conhecimento, pertence á intuição, nada mais encerra do que simples relações — relações de lugar em uma só intuição (extensão) relações de mudança de lugar (movimento) e das leis que determinam essa mudança (torças motrizes) ; mas o que se acha presente no lugar ou o que age nas proprias cousas, com a excepção da mudança de lugar, não nos é dado conhecer por isso. Ora, simples relações não fazem conhecer uma cousa em si ; por consequencia, bem se pode julgar que, desde que a sensibilidade externa nada nos dá senão simples representações de relações, ella não pode conter em sua representação mais que a relação de um objecto para com o sujeito e não o que está no objecto (Objecte) em si mesmo e lhe pertence propriamente a elle.

Precisamente o mesmo acontece com a intuição interna”.

Eis como se exprime Descartes no seu rico e admiravel estylo, pittoresco, abundante, cheio de movimento :

“Tomemos, por exemplo — diz o grande philosopho — este pedaço de cêra ; foi recém-tirado da colmeia ; não perdeu ainda a doçura do mel que continha ; retém ainda algo do aroma das flôres de onde foi extraído ; sua côr, sua forma, seu tamanho são visiveis ; é duro, é frio, é moldavel ; e se é percutido, produz algum ruido. Emfim, tudo quanto pode fazer conhecer um corpo distinctamente se encontra neste”.

Que ha de mais claro na apparencia, mais simples, mais evidente que tal conhecimento ? E não nos parece que nossos sentidos nos põem em communicação directa com a realidade ? mas voltemos ao nosso pedaço de cêra.

“Eis que enquanto falo, aproximam-n’o do fogo ; o que lhe restava de sabor, exala-se ; o odor, evapora-se ; muda-se a côr, perde-se a forma, o tamanho augmenta ; e elle se liquefaz, se aquece, mal se pode manejar e, se é percutido, não produz soido algum. E’ a mesma cêra ainda, após transformação tal ? Preciso é confessar que sim ; ninguem o duvida, ninguem julga de outro modo. Que é, pois, o que se conhecia tão distinctamente neste pedaço de cêra ? Certamente não

pode ser nada do que notei por intermedio dos sentidos, já que as qualidades que caíam sob o meu paladar, o olfacto, a vista, o tacto e o ouvido, mudaram-se, e, não obstante, continua a cêra a ser a mesma cêra". Como sustentar já agora que nossos sentidos nos proporcionam um conhecimento claro das cousas ? E' forçoso que a côr que eu attribuo a esta cêra não constitua sua essencia, pois que pode perdê-la sem deixar de ser esta mesma cêra ; é forçoso que esta cêra seja differente do que a vejo, tóco, percebo com todos os meus sentidos, já que cada uma das apparencias que me offerece pode desvanecer-se em qualquer momento para dar lugar a novas apparencias. Ou então a realidade não é mais do que uma phantasmagoria inconsistente, inintelligivel — o que não posso crer. As idéas que surgem da experiencia sensivel, não exprimem, pois, a verdadeira natureza das cousas. Se é força admitir que encerram uma parte de verdade, pelo menos esta verdade parcial está tão escondida ou tão misturada com o erro que a não distinguimos de prompto. São, portanto, não idéas claras, simples, evidentes, mas sim idéas obscuras, complexas, incertas".

Em summa : uma illusão da consciencia do commum dos homens fá-los suppôr que conhecem as cousas do mundo externo em si mesmas, ou que conhecem a si proprios — ao seu proprio corpo e á sua propria alma — em si mesmos, quando, na realidade, só conhecem os phenomenos do "eu" e do "não eu" e estes através de phenomenos do "eu", que nada mais são do que symbolos subjectivos.

E' que "a consciencia tal qual habita no fundo da generalidade dos homens", para servir-nos de uma expressão de Schopenhauer, "é uma cousa demasiadamente simples e acanhada para poder explicar questões dessa ordem", sem o auxilio da consciencia mais alta, mais experimentada, mais analysta, mais profunda dos homens de sciencia e de philosophia.

Ainda mesmo em cousas certamente menos difficeis porque materiaes, tem-se redondamente illudido a consciencia humana. Foi por isso necessario que surgisse um genio miraculoso como o de Galileu para varrer, com sua sciencia, a illusão da fixidez da terra, demonstrando que relativamente fixo é o sol e não a terra e que esta é que se move, muito embora os sentidos pareçam attestar o contrario com uma evidencia inquestionavel, pois além de parecer-nos ver o sol

descrever a curva do céu, não sentimos, de facto, por nenhum modo, os movimentos da terra.

“E pur, si muove!”

Daqui se há de inferir que não seja possível confiar na consciencia ?

E' claro que não, absolutamente. Do facto de que ella se illude natural e vulgarmente não é licito concluir que se illuda sempre. E como podemos pelo estudo das sciencias e da philosophia combater-lhe a crosta de ingenuidade primitiva e dos preconceitos acanhados e rotineiros, conclue-se que é legitimo conceder-lhe credito, ainda que com alguma dose sensata de prudencia.

E' essa uma das mais elevadas normas de sabedoria.

Quem a desconhece ou não a segue mostra-se sempre dogmatico, obstinado, intransigente e intolerante e é, assim, por vezes pernicioso. Porque compenetrado até á medulla dos ossos, simplistamente, da verdade absoluta das suas convicções, está sujeito a sustentar a ferro e fogo erros funestos ou fossilizadores.

Uma pessoa não iniciada nestas singelas verdades mas que goze de ascendencia pela sua reputação de cultura e moralidade, affirmando ou negando, na boa fé mais convicta de não se illudir, quando de facto se illude, pode ser causa, por exemplo, até de graves erros de justiça.

Mas será possível verificar-se hypothese tal ? Que o digam as experiencias concretas acêrca do valor do testemunho humano.

Eis o que relata Claparède, para não citar mais que uma autoridade a este respeito :

“A experiencia demonstra que certas cousas de que juramos a authenticidade (e com a maior boa fé, já se vê) são radicalmente falsas. Esta tendencia ao erro é tão grande que, quando se tomam os depoimentos de uma porção de individuos sobre o mesmo facto, pode acontecer que a maioria se equivoque, contra uma minoria reduzida. Lembro a proposito uma experiencia que fiz, certa vez, na Universidade de Genebra. Inopinadamente, numa das minhas lições, distribui aos meus auditores papel e lapis, pedindo-lhes que respon-

dessem a diversas perguntas e, especialmente, a esta : "Existe uma janella interior dando sobre o corredor da Universidade, á esquerda de quem entra pela porta dos Bastiões ? Em 54 pessoas, a existencia dessa janella foi negada 44 vezes ; 2 pessoas se abstiveram de responder ; somente 8 responderam "s'm". Entretanto, essa janella existe, mede no minimo 3 metros de altura e os estudantes estacionam ou passam todos os dias diante della".

Por este unico mas espantoso exemplo, com visos de incrivel (com visos de incrivel ! Como a nossa consciencia é resistente em recusar as demonstrações de sua fallibilidade !) por este unico exemplo, até os peores cegos, que são os que não querem ver, serão compellidos a ver claramente que o sentimento sincero da certeza não é por si só criterio seguro da verdade, podendo ludibriar-nos em toda a linha.

Porque, pois, não havemos de introduzir em nossas escolas "lições de testemunho", como preconisa Claparède ?

De quanta prudencia não necessitamos para as nossas affirmações e negações, maxime se forem importantes e em momentos decisivos, ou para crer no que nos asseguram os homens, mesmo os de cultura e moral illibada !

Porque, já mesmo não se falando nas illusões mais ou menos decorrentes de causas objectivas e que podem revestir a apparencia subjectiva de sincera certeza da posse da verdade, é imprescindivel não esquecer de levar-se em conta a força poderosa das convicções que se organizam sobre a base subjectiva e extra-racional dos sentimentos. Estas convicções, fecundas em argumentação, conduzem, e muitas vezes com a maior boa-fé deste mundo, a conclusões preestabelecidas, conforme nos mostra Ribot, na sua obra de psychologia, bastante conhecida — "La Logique des Sentiments".

As leituras de obras scientificas e philosophicas, o estudo da logica, o habito da meditação, a educação, o exercicio da observação cuidadosa, a prudencia, o amor á verdade e ao bem é que nos melhoram o poder da legitima certeza e da veracidade, porque assim o sentimento da certeza deixará de ser phenomeno puramente subjectivo, sem apoio na realidade.

Não sejamos scepticos a este respeito. Seria exaggerar e illudir-nos.

Nem mesmo o facto de, como dizem e demonstram reiteradas vezes Kant, Spencer, Poincaré e tantissimos outros

philosophos, inclusive Sto. Agostinho, só conhecermos o relativo e nunca talvez a realidade absoluta occulta sob todas as apparencias, nem mesmo esse facto nos deve conduzir a scepticismos doentios.

Acaso sendo, por exemplo, duas propriedades x e y , desconhecidas em si, constantemente unidas em um objecto externo, e a e b as sensações ou effeitos que produzem na consciencia e suppondo-se com Spencer ("Primeiros principios") que emquanto a propriedade x nos produz o estado mental indifferente a , a propriedade y nos produz o estado doloroso, a sensação de dor b correspondente a uma lesão organica, não basta que saibamos que estando x constantemente unido a y no mundo externo, a estará sempre unido a b em nossa consciencia, de sorte que, ao produzir-se a , a idéa de b occorrerá em seguida, por associação, determinando o movimento para evitar, se for possivel, o effeito b de y ?

Ou, num exemplo concreto e prosaico :

Acaso sendo as propriedades de uma fruta sazoadada, comestivel, constantemente coexistentes na substancia dessa fruta, não podemos pelas sensações ou effeitos que algumas dessas propriedades produzem em nossa consciencia, através dos sentidos — como a de bella côr louçã, suave perfume, sabor delicioso, acaso não podemos concluir que a fruta poderá ser saboreada sem inconvenientes para a nossa saude, com a qual as outras propriedades da sua substancia só têm relações de conveniencia, conforme no-lo mostra a experiencia de todos os dias ?

Que nos importa, assim sendo, que ignoremos o que sejam x e y ou a substancia e as propriedades da fruta em si mesma, na sua essencia absoluta, ainda que como eternas incognitas, já que praticamente, para as necessidades positivas da vida, é-nos completamente sufficiente conhecer as relações constantes de coexistencia ou successão das cousas objectivas por meio de relações identicas dos phenomenos subjectivos que as symbolizam constantemente ?

Que nos importa ignoremos o que seja a electricidade em si e o que seja em si a substancia dos orgãos de uma locomotiva electrica, se conhecendo as relações necessarias que tem a electricidade com o funcionamento dos dispositivos, quando perfectos, dessa machina admiravel, podemos servir-nos della como excellente meio de progresso e de civilização ?

Mas aqui pode surgir naturalmente uma pergunta: senão percebemos o mundo externo directamente mas, em ultima

analyse, só as nossas sensações, que é que nos garante que a existencia das cousas exteriores não seja uma illusão ?

“O que nos assegura a objectividade do mundo em que vivemos — diz H. Poincaré, é que esse mundo nos é commum com outros seres pensantes. Pelas communicações que temos com os outros homens, recebemos delles raciocinios inteiramente formados ; sabemos que esses raciocinios não vêm de nós e, ao mesmo tempo, nelles reconhecemos uma producção de seres razoaveis como nós. E como esses raciocinios se parecem applicar ao dominio das nossas sensações, julgamos poder concluir que esses entes razoaveis visam a mesma cousa que nós ; é assim que sabemos não ter tido um sonho”.

O conhecido argumento de Cousin, tomado a Descartes, resume-se nisto ; a consciencia nota que não é a causa das sensações que experimenta, as quaes se impõem a nós sem que as esperemos, se apresentam sem que as desejemos, permanecem sem que as possamos fazer cessar e desapparecem tambem ainda que as queiramos reter ; entretanto, como factos que são, as sensações devem ter causas e como essas causas não são do nosso “eu”, devem ser do mundo externo.

O Manual de Philosophia de D. Ludgero Jaspers traz os argumentos seguintes, entre outros, sobre o valor objectivo ad noção de corpo :

“A consciencia deve reconhecer que a *volumosidade* é uma qualidade commum a todas as sensações ; ora, é *absolutamente inconcebivel* que um ser inextenso, isto é, incorporeo, *sinta* como *suas* sensações desse genero. O unico facto de as sentir (fosse embora, o que é absurdo, por *illusão*) contém, portanto, a dupla prova da *realidade* da extensão e da natureza *immediata e primitiva* da percepção que della temos”. E depois :

“Quando tocamos o nosso corpo, quando, por exemplo, a mão direita toca a esquerda, temos dupla sensação : *tacto activo* da parte da mão direita, *tacto passivo* da esquerda. E’ evidente, *a priori*, que, se os outros corpos forem submettidos a essa experiencia, dar-nos hão a sensação de *tacto activo*, mas não de *tacto passivo* ; ora, é precisamente o que acontece. Da identidade do *tacto activo* unida á ausencia de *tacto passivo* podemos, portanto, concluir a existencia real dos corpos extranhos ao nosso”.

Percebe, portanto, o leitor, que se razões legítimas não existem para admittir que conhecemos as cousas em si, a realidade absoluta incognoscível, de Spencer, o "noumeno", de Kant, também não as existem para o scepticismo absoluto — illusão lunatica dos idealistas — no valor objectivo dos nossos conhecimentos, sob a forma de relações pelo menos.

Ora, o conhecimento methodico e systematico das relações constantes e necessarias é o que constitue a sciencia, que, portanto, apesar de relativa, é verdadeira e util.

Mas a sciencia, sem as profundas e bellas analyses dos philosophos, seria capaz de conduzir-nos a esta conclusão ?

Não, certamente. Logo, não nos devemos permittir a illusão de classificar a philosophia no ról das inutilidades dispensaveis, dando curso forçado, com a incultura caracteristica das nossas chamadas "élites" mentaes — consoante pondera o sr. Almeida Magalhães — a frases deste jaez, filhas de "santa simplicitas" com pretensão a superioridade de espirito positivo : "A philosophia é uma sciencia com a qual ou sem a qual se vai vivendo tal e qual".

Neste ponto vem a talho lembrar a necessidade que ha de se incluir o ensino da philosophia nas escolas normaes, onde, se é certo que se estuda psychologia, são deixadas inteiramente de lado as demais partes da philosophia, inclusive a logica tão indispensavel ao educador.

A este proposito, assim se manifesta Ferrière, em "La pratique de l'école active" : "Ai do educador que nada entendesse de psychologia, de sociologia e de philosophia. Quantas vezes ficaria em difficuldade para responder ás crianças ! A criança que interroga symboliza todo o futuro : o educador que lhe responde fala em nome de todo o passado da humanidade. E' preciso, para se preparar para essa missão que elle tenha reflectido, estudado, meditado. E' preciso que elle saiba elevar-se ao tão grande papel de depositario do passado em beneficio do futuro.

E comtudo, nada seria mais falso do que encorajá-lo a dogmatizar ou a pontificar. A criança deve attingir a humildade de um Socrates : "Tudo quanto sei é que nada sei de modo absoluto". Relativismo, modestia. E, ainda aqui, é junto de seu mestre que ella deve aprender essa modestia".

No seu erudito "Compendio de Philosophia", o sr. H. Geenen synthetiza num aphorismo de sua lavra o valor da philosophia :

“O estudo das sciencias produz em muitos de seus cultores uma lamentavel passividade intellectual. O estudo da philosophia tem por effeito a actividade mental pela obrigação que impõe de escolher entre doutrinas contraditorias”.

Convém, nesta altura, que nos ponhamos de sobreguarda contra duas outras illusões, por igual inconvenientes, no que concerne ao valor da philosophia e da sciencia: a illusão de uma credulidade exaggerada e a illusão de um exaggerado scepticismo. E' indispensavel não confundir simples theorias, andaimes do espirito, com as construcções e acquisições duraveis ou definitivas, que ellas auxiliam e possibilitam. Nem as construcções sobre a areia do apriorismo com as que solidamente se erigem sobre o alicerce granitico de “factos”.

Na sua suggestiva obra “Sciencia Moderna”, historia o Sr. Picard os trabalhos scientificos mais recentes pondo em evidencia os diversos pontos de vista sob os quaes se pode actualmente encarar a noção de explicação scientifica e insistindo na grande importancia das theorias erigidas pelos sabios, as quaes “constituem uma parte essencial da sciencia, sem a qual esta ficaria reduzida a um catalogo de factos”.

Dá-se com as theorias scientificas o mesmo que com os systemas philosophicos, acerca dos quaes o illustre professor da Faculdade de Sciencias de Paris transcreve estas palavras de Boutmy : “E' uma lei do espirito humano mudar periodicamente os pontos d'apoio de suas construcções especulativas. Toda a philosophia, considerada como um plano, é por consequencia ephemera. Ella dura emquanto nos serve e esse espaço de tempo é limitado. Um systema attinge o seu maior valor, primeiro, quando num dado momento constitue o melhor meio d'ordenar o conjunto das noções adquiridas ; depois, quando nos fornece um bom quadro de investigações, um methodo efficaz de descobertas.

A sua decadencia apparece quando estes meritos diminuem. Sobrevive então, á custa de elementos destacados, muitos dos quaes entram na somma das acquisições definitivas do espirito humano e são ás vezes de um grande valor”.

Ora, o mesmo acontece com as sciencias...

“De todas as sciencias, o sabio apenas conserva as theorias fecundas para a coordenação dos factos adquiridos e para a descoberta de factos novos”, diz Picard, concluindo :

“O que são neste caso os elementos destacados, dos quaes muitos entram por muito tempo — seria imprudente dizer para sempre — na aquisição scientifica ? São as relações, de que até então se não suspeitava, a que conduziram as theorias e que a observação e a experiencia puzeram de uma forma mais ou menos completa em evidencia.

Forma-se um juizo errado sobre a sciencia, esquecendo-nos de que ella é por essencia variavel e formada de aproximações successivas de que a convergencia, como diria um mathematico, fica sendo um postulado”.

Na mesma ordem de idéas, assim opina Poincaré :

“Ora, que vemos nós ? A’ primeira vista, parece que as theorias duram apenas um dia e as ruinas se accumulam sobre ruinas. Um dia, ellas nascem ; no dia immediato, a moda as favorece ; no dia que se segue, são classicas ; no quarto dia, são antiquadas, no quinto, ficam esquecidas. Mas se examinarmos de perto a questão, veremos que somente succumbem assim as theorias propriamente ditas, aquellas que nos pretendem ensinar o que são as cousas. Mas ha nellas alguma cousa que, as mais das vezes, sobrevive. Se uma dellas nos faz conhecer uma relação verdadeira, essa relação é definitivamente aceita e nós a descobrimos sob novo disfarce nas outras theorias que, successivamente, virão reinar em seu lugar”.

Para concretizar idéas, lembremos um exemplo de Claparède, pelo qual se verifica que, praticamente, nem mesmo a ignorancia completa do “porque” inutiliza o valor dos conhecimentos relacionados :

“Em medicina, dá-se o mesmo. A clinica médica está sempre um pouco além das theorias physio-pathologicas ; emprega muitos medicamentos, porque a experiencia mostrou que alcançam exito, sem saber absolutamente como agem ; qual é, por exemplo, o modo de acção do salycilato de soda no rheumatismo ? Ignora-se ; muitas theorias procuram comprehendê-la mas nenhuma é definitiva. Os signaes diagnosticos como meios de tratamento, são tambem mais vezes empiricos do que racionais ; a “lingua branca” é um excellente signal de embaraço gastrico ; mas porque o embaraço gastrico embranquece a lingua ? Ninguem sabe nada a este respeito”. (Dr. Ed. Claparède — “Psychologie de l’Enfant”).

E’ claro que logo que se consiga uma theoria fecunda a respeito da acção do salycilato no rheumatismo ou do embaraço gastrico e o embranquecimento da lingua, deve essa theo-

ria ser aceita enquanto outra mais fecunda não vier substituí-la, proporcionando mais abundantemente descobertas de novas relações verdadeiras.

As opiniões que se formam a proposito do valor da sciencia são variadas, como mostra Picard.

Para grande numero de investigadores o valor da sciencia está principalmente na sua incerteza e instabilidade que os excita a levar mais longe a aproximação da verdade ; doutra especie é o valor da sciencia para os que desejam descobrir nella os enigmas do universo, esquecidos de que a sciencia é apenas a expressão das relações entre o homem e o mundo exterior.

Se a fé que inspira a estes é por vezes uma força, encerra-os, comtudo, em formulas definitivas, com maneiras dogmaticas, e "pintando um idolo aos idolos que existem".

Para outros, como Montaigne, a "sciencia é um grande ornamento" e accrescenta logo "um instrumento de maravilhosa utilidade".

"O maior numero o que mais admira na sciencia é o maravilhoso espectaculo das suas tão variadas applicações, que tanto têm modificado, nestes ultimos cem annos, a existencia dos povos civilizados.

E' destes pontos de vista diversos, que se compõe em graus variaveis segundo a cultura e a orientação do espirito, a opinião que temos sobre a sciencia. O bello e o util congregam-se e são inseparaveis.

Por isso, não só admiramos a belleza da sciencia mas acreditamos na sua bondade ; é um pensamento que fortalece aquelles que a cultivam".

Bem sabemos que após estas magestosas palavras de Picard, tudo quanto se accrescente será frio e inutil. Mas sempre diremos que, como vimos, até sobre o valor da sciencia ha theorias... e que, certamente, a de Picard é a opinião mais empolgante e fecunda, embora possa parecer, á primeira vista, escandalosa...

De uma ultima questão nos occuparemos agora : a da liberdade da vontade humana, questão "philosophica por

excellencia", na opinião de Fouillée. Assim fazemos porquanto o livre arbitrio tem todos os visos de illusão.

E' sabido que, em ultima analyse, a tres se reduzem as theorias acerca do problema — a do livre-arbitrio, a do fatalismo e a do determinismo, subdividindo-se este em tres especies — o determinismo mecanico, o physiologico e o psychologico. Ao passo que a theoria do livre arbitrio affirma categoricamente, como verdade absoluta, a liberdade da vontade, considerando esta como um poder capaz de exercer-se, pelo menos em certos casos, com inteira independencia de quaesquer influencias quer de ordem externa, quer de ordem interna, as demais negam essa possibilidade.

Por outros termos: para os livre-arbitristas a vontade tem a liberdade de contrarios, podendo agir indifferentemente num sentido ou noutro, embora opposto ao primeiro; para as demais theorias, a vontade ou está sujeita a um poder superior, "sobrenatural", incontrastavel — Deus, Destino... , conforme crêem os fatalistas, ou, segundo os deterministas, é determinada necessariamente por "causas naturaes", já de ordem externa, objectiva, já de ordem interna, subjectiva.

O determinismo se oppõe ao livre arbitrio no facto de declarar que toda a volição, isto é, toda a elaboração psychologica de que resultam os actos voluntarios — é determinada por causas; e ao fatalismo, em affirmar que taes causas são naturaes e não transcendentas, sobrenaturaes.

O fatalismo é anti-scientifico: nega a liberdade da vontade com objecções de natureza religiosa ou theologica. E' uma theoria abandonada. E' verdade que se encontram fatalistas hoje em dia mas entre pessoas incultas ou obceadas ou determinadas por concepções supersticiosas.

O determinismo é uma theoria scientifica, pois toda a sciencia é determinista e não poderia existir sem admittir o determinismo. Como diz Poincaré, com toda a razão, a sciencia começou por acceitar o determinismo "a priori" como condição indispensavel da sua existencia, demonstrando-o "a posteriori" pelo simples facto da sua existencia e cada uma das suas conquistas é uma victoria do determinismo. Porque o verdadeiro conhecimento scientifico é o conhecimento "pelas causas".

Ora, os deterministas explicam a volição pela lei da causalidade.

A doutrina do livre-arbitrio adopta uma posição extra-scientifica porque ou colloca a liberdade no acaso, isto é, fóra

da lei da causalidade, assim do mundo externo como do interno, ou considera a propria vontade como causa absoluta, que, como tal, transcende e escapa ao campo dos conhecimentos positivos, ao dominio da sciencia, em summa.

O determinismo mecanico baseia-se no principio da conservação da energia universal : toda a força se transforma em movimento e todo o movimento em força. Por essa theoria mecanica crê explicar o mecanismo da vontade.

E' uma doutrina que se confunde com o fatalismo, pois como este vem dar na negação de um facto incontestavel : o de que a vontade pode exercer alguma direcção sobre as energias naturaes.

O determinismo physiologico suppõe explicar os actos da vontade como um effeito da acção combinada do temperamento, da sensibilidade e do ambiente. Deixa de lado os motivos, isto é, as causas de natureza intellectual, as razões de ordem superior — dever, justiça, altruismo, etc., sob o imperio das quaes o homem se oppõe aos moveis sensiveis, aos instinctos, inclinações, sentimentos.

O determinismo psychologico admite que a vontade não está sujeita ao cego imperio das forças universaes, nem somente aos moveis ou causas de ordem sensivel, senão tambem aos motivos, consistentes em idéas, raciocinios, principios racionaes.

Um dos mais poderosos argumentos contra o determinismo é o de que a consciencia nos attesta que podemos fazer o que quizermos.

Schopenhauer nota que ha nesse modo de vêr uma confusão grosseira. Sem duvida, fazemos o que quizermos se um obstaculo material não nos tolher. Mas essa é a liberdade physica, a liberdade de agir e não a liberdade das volições, o livre arbitrio. E' claro que os nossos actos dependem das nossas volições, da nossa vontade. Mas o problema do livre-arbitrio não é esse. O que se quer saber é se as volições, a vontade, em si mesmas independem de causas externas ou internas.

A este respeito a consciencia nada attesta a favor do livre-arbitrio, conforme Schopenhauer. ("Essai sur le libre arbitre", trad. de Salomon Reinach).

Se appellamos para os factos concretos é impossivel não reconhecer que as nossas volições têm causas, que ninguem age sem motivos, sem razões, sem causas, em uma palavra.

“Em verdade, escreveu o Dr. Pedro Lessa, a observação quotidiana dos factos nos arrasta a confessar que os homens são resultantes dos tempos e dos lugares em que vivem, estreitamente solidarios com tudo que os cerca, os precede e os segue. A hereditariedade, o meio interno, determina-lhes o caracter e o temperamento. O meio cosmico, o meio individual e o social, actuam sobre o caracter e o temperamento e os modificam. A influencia deste ultimo factor é frequentemente proclamada : não ha quem duvide da acção dos habitos, dos costumes da sociedade em que vive o individuo, da condição social em que nasceu ou se conserva, da profissão, da hygiene, da educação, da instrucção, das instituições e das leis”.

“Os Lampeões e Silvinos (conforme faz notar Gustavo Barroso) que perambulam pelos sertões nordestinos, saqueando, mas combatendo diariamente de armas na mão, são equiparados aos peiores scelerados da terra. Ninguém se lembra que elles brotaram da ignorancia, dum meio aspero, muitas vezes pelo espirito de revolta contra a prepotencia e a injustiça. Ninguém reflecte que elles são productos de taras accumuladas, de tradições cangaceiras, da incultura, da miseria, da politiquice sertaneja, da ausencia absoluta de justiça e de trabalho organizado”.

A volição é uma resultante da constituição psychica de cada qual e dos motivos e não depende do livre querer a sujeição a determinado motivo.

Os motivos não têm força intrinseca identica para todos, mas sim relativa á mentalidade de cada pessoa. E' evidente que um selvagem não pode ser movido pelas mesmas razões que um homem civilizado e culto.

A objecção contraria ao determinismo de que a vontade encerra um poder de contrastar e sobrepor-se a todos os motivos e moveis possiveis e de que, portanto, não são estas causas necessitantes mas apenas condicionaes da volição, parece repousar numa illusão. É que pelo facto de ser-nos possivel “imaginar” que poderíamos realizar dois actos inteiramente contrarios, passamos a crer que “de facto” os realizariamos.

Um exemplo concreto esclarece o assumpto. E' facil suppor que poderíamos, apesar de todos os motivos que a tal se oppõe, deixar cair voluntariamente um relógio de valor que tenhamos nas mãos. A experiencia demonstrará a impossibilidade de praticarmos esse acto.

Nenhum obstaculo material nos prende as mãos, mas sentimos a nossa vontade completamente tolhida por motivos e moveis, por causas de ordem "interna". Como não nos constringem causas materiaes externas, fica evidente que a volição não é livre, que não tem esse poder absoluto de sobrepor-se a todos os motivos e moveis imaginaveis, a causas de ordem interna.

"Para provar o livre arbitrio um homem toma um revolver carregado e declara que depende exclusivamente de sua vontade, sem influencia de motivo algum, suicidar-se ou não. Esquece-se de que a condição para que se dê tal facto é a intervenção de um motivo de força esmagadora, e, por isso mesmo, rarissimo, de um motivo que possa sobrepujar o amor á vida ou temor da morte". (Exemplo de Schopenhauer, seg. P. Lessa).

Em summa, parece licito concluir que a unica liberdade de que somos dotados, é não a "liberdade absoluta" de não dependermos de nada, mas a de podermos-nos subtrair á fatalidade cega das leis naturaes, mediante a causalidade interna e consciente das nossas idéas, das nossas razões.

Não é uma liberdade absoluta, mas relativa, pois implica sujeição á razão, sem possibilidade de contrariá-la. E' o que diz o Dr. Sampaio Doria :

"Nos homens de vontade normal e sadia, com a clara concepção do melhor partido, a vontade se conforma sem liberdade de contrario á maneira de effeito em relação á causa. E como o melhor partido nas circumstancias singelas ou complexas da vida, resulta do que se pensa e sente, a inteireza moral da vontade se conforma sem liberdade de contrario, á maneira de effeito em relação á causa".

Não havendo liberdade de indifferença, isto é, a pretensa capacidade da vontade de se determinar por si propria, fóra de todo motivo, na indifferença absoluta (como os proprios libre arbitristas reconhecem) e se não são livres, mas determinados pela razão os homens de vontade normal e sadia, claro está que muito menos o são os homens de vontade anormal, sujeitos á escravidão dos instinctos, idéas torvas, maus habitos, etc..

Vemos que a differença essencial que existe entre o determinismo a que estão sujeitos os homens de vontade normal e sadia, que se guiam pela razão e os de vontade anormal, que se guiam pelos instinctos, paixões, etc., está não em serem os

primeiros absolutamente livres, mas sendo uns e outros sujeitos á causalidade interna, em dependerem os primeiros da razão e os segundos de moveis moralmente inferiores.

Esta especie de determinismo, o psychologico, nada tem de fatalismo, antes se lhe oppõe, pois declara que as causas que determinam as nossas volições não são transcendentas, nem só e unicamente causas exteriores, mas, ao menos em parte, causas interiores a nós proprios, causas que afinal de contas são parte integrante de nós mesmos, ou numa palavra — “causas que são nós”.

Por isso conclue Pedro Lessa: “Em ultima analyse a unica liberdade que tem o homem é a de agir de accordo com sua vontade, suas predilecções, suas inclinações, de conformidade com seus moveis e motivos. E, sendo assim, o determinismo não destróe a individualidade, a personalidade, o conjunto das qualidades peculiares a um individuo e que o distinguem dos outros individuos da mesma especie”.

Ha quem supponha que acceta a doutrina determinista, ficam annulladas as noções de imputabilidade, responsabilidade, merito e demerito, do que decorrerão consequencias immoraes. Assim seria, se o determinismo destruísse a personalidade, o que não acontece.

Os actos voluntarios resultam do character, do conjunto dos attributos peculiares ao individuo e, são-lhe, “ipso facto”, imputaveis. Quando esses actos são bons, o seu autor é digno da estima espontanea dos homens; quando não, o agente é naturalmente desprezado. Ahi estão o merito e o demerito.

“Não devemos responder pelos nossos actos?” pergunta Pedro Lessa. E responde: “Juridicamente a questão nos parece impossivel. A responsabilidade do delinquente repousa esclusivamente na imperiosa necessidade de defesa social, como reconhecem todos os criminalistas contemporaneos autorizados; o delinquente responde pelo delicto, impõe-se-lhe uma pena, porque a conservação da sociedade o exige. Ora, já vimos que a idéa de pena com exclusão do determinismo só se pode aninhar no cerebro de um insensato”.

Não podemos fugir ao prazer de transcrever mais o seguinte trecho do mesmo autor:

“Um outro argumento decisivo contra o livre arbitrio nos fornecem os estadistas, legisladores, jurisconsultos e moralistas de todos os tempos. A existencia das leis não teria absolutamente explicação, se a vontade humana fosse independente

de motivos. Que homem sensato se lembraria de dirigir, de governar o livre arbitrio ? As leis têm por base a presumpção de que a vontade está sujeita á coacção dos motivos. Um código penal é simplesmente uma série de motivos criados pelo legislador para o fim de dominar os moveis e os motivos conducentes ao crime. Os mais notaveis criminalistas estão de accordo neste ponto : para Beccaria a pena é um motivo sensível opposto ao delicto ; para Feuerbach um dos fins da pena é a coacção psychologica ; segundo Romagnosi, uma das funções da pena é a contra impulsão á impulsão do crime”.

São da “Philosophia” do Dr. Geenen estas linhas :

“Anatole France, uma das mais bellas intelligencias que jamais existiram escreve : “Tão poucas razões existem para acreditarmos na liberdade humana que chego a estremecer só de pensar nas sentenças da justiça que punem actos cujo principio, ordem e causas nos escapam, por igual, em que, frequentemente, a vontade tem parte minima e que, ás vezes, são praticados sem consciencia”.

“A traducção é do Dr. Plinio Barreto, o talentoso discipulo do grande mestre, que á guisa de commentario accrescenta : E’ a doutrina de todos quantos lograram penetrar a fundo na alma dos homens e compreenderam que a sua fraqueza infinita não comporta a rigidez de uma justiça absoluta”.

Mas, o livre arbitrio e o determinismo são duas theorias que sempre coexistiram e já sabemos que o valor das theorias é relativo.

Convém, portanto, prudencia em nos decidirmos entre as pontas do dilemma que nos offerecem, indagando do valor, do ponto de vista da fecundidade, de cada uma dellas. E é curioso notar que sem mesmo sair do determinismo — tal como o concebe Fouillée, pelo menos — convirá a cada qual crer-se livre, por ser esta uma concepção estimulante, uma idéa-força animadora e que nos permite ser rigorosos conosco mesmos ; mas em relação aos nossos semelhantes, é preferível não crer na sua liberdade, afim de que nos seja mais facil perdoar-lhes as fraquezas sem odio.

E’ o que aconselha Claparède para a pratica da vida.

ENSINO DE LINGUAGEM ESCRITA

Prof. Francisco Alves Mourão

Inspector Escolar do 43.º Districto (sede
em Limeira).

43.º DISTRICTO ESCOLAR

Limeira, 10 de Janeiro de 1930.

Exmo. Sr. Amadeu Mendes.

Cumprimos o dever de expor a V. Excia. como temos orientado, no Districto, o ensino de linguagem escripta.

PRELIMINARES

Desde o inicio de nossa carreira, sempre cuidámos com muito carinho, do ensino de linguagem escripta. Em 1914, quando trabalhámos sob a proficiente direcção do Prof. Ataliba de Oliveira, muito prezado collega, no Grupo Escolar de Itatiba, muitas reuniões pedagogicas ahi já se faziam, resultando dellas, devido ao esforço do director e ao interesse do corpo docente, do qual faziamos parte, uma maneira segura de processar o ensino de varias disciplinas, dentre as quaes o de linguagem escripta, segundo White, cuja exposição tivemos a honra de fazer no relatorio do anno passado.

Ao irmos para a direcção do Grupo de Atibaia, em 1916, ao nos despedirmos do bondoso director, assumimos um compromisso de trocarmos idéas sobre medidas que cada um de nós fosse implantando na direcção do estabelecimento, tendentes á melhora do ensino. E, assim feito, a direcção do Grupo de Atibaia pouco aquem ficára da do de Itatiba, sendo certo porêm, que no commercio intellectual, no terreno de pedagogia, na troca de esforços mutuos, a contribuição que recebiamos do alludido e prezado collega era sempre maior, incomparavelmente, que a retribuição de nossa parte.

Vem isso ao caso para que fique declarado que, especialmente em linguagem escripta, sem no emtanto nos afastarmos da orientação da Directoria Geral, vimos seguindo, nas suas

linhas geraes, no que era possivel, desde 1914, o processo de White, já um pouco modificado por algumas iniciativas de nossa parte e por muitas outras que vinha aconselhando a experiencia de Ataliba de Oliveira.

HORARIO

No primeiro semestre de inspecção no Districto, pudemos observar a desigualdade de horarios existentes nas escolas isoladas, não só quanto a horas de funcionamento, como tambem com relação á maneira de se disporem as disciplinas a serem diariamente ensinadas, occasionando isso grande embaraço, não só para a uniformidade, como tambem para o progresso do ensino.

Em alguns delles, linguagem escripta era pouco cuidada, pois, em fundo, della se tratava apenas duas vezes por semana, em aulas de 15 minutos! Para resolver o caso, como preliminar, solicitámos e obtivemos de V. Excia. autorização para fazer funcionar todas as escolas do Districto em periodo de 5 horas, sem prejuizo dos interesses dos educandos, de modo que das 83 escolas isoladas e providas, 77 já estão funcionando em periodo de 5 horas. Em seguida tratamos de confeccionar um horario, em que as materias fossem distribuidas, segundo criterio pedagogico, para attender-se á necessidade do ensino, e o desenvolvimento do programma actual. Esse horario, antes de solicitar, como solicitámos de V. Excia., a sua approvação, foi posto em experiencia, em algumas das escolas isoladas ruraes e urbanas, com bom resultado, e, além de ser adaptavel facilmente a classes de 1.º anno, de grupo escolar, apenas fazendo-se a reduccão de tempo, e as transposições necessarias, serve para escolas que tenham 1.º anno, 1.º e 2.º, 1.º, 2.º e 3.º annos.

E, como só se aprende a escrever escrevendo, nelle as aulas de linguagem escripta são diarias.

Verificámos ainda que em algumas escolas o professor, pouco orientado, dava copia de palavras e letras aos alumnos do primeiro anno, em linguagem e calligraphia, quando estavam ainda taes alumnos, em primeiro passo de leitura-sentenciação, orientação essa contraria ao principio estabelecido de que o ensino de leitura, de linguagem e calligraphia deve seguir harmonica e parallelamente.

Para melhor orientar nesse particular, aconselhámos um

quadro correlativo quanto ao ensino das tres disciplinas (anexo n. 1), organizado já ha tempos pelo Prof. Ataliba.

Além desses preliminares, temos recommendado que antes dos alumnos iniciarem os trabalhos graphicos, o professor, após fiscalizar a distribuição methodica dos cadernos, exija que os alumnos do 1.º anno levistem o lapis, e, os demais, a caneta e exhibam o limpa-pennas indispensavel para o asseio da escripta, afim de verificar se tudo está em ordem, para que, iniciado o trabalho, não seja elle interrompido, por um alumno que peça seu lapis, por outro, que nota a falta do caderno e ainda por outro que não tenha a penna e caneta, pois que é um erro desprezarem-se detalhes, que, como esses, são indispensaveis para a boa ordem do trabalho.

Os exercicios devem ser variados, diarios e graduados de accordo com o desenvolvimento das differentes secções, cujo preparo deve ser feito nas aulas de linguagem oral, por cuja occasião o professor conduzirá a classe a bem descrever ou objecto ou utensilio (caso se trate de descripção) exigindo se manifeste em linguagem oral correcta, pois, para escrever-se bem é necessario que se fale bem.

Por occasião desse preparo, o professor dará gradativa, methodica e praticamente a seus alumnos, noções grammaticas, de pontuação, de uso das maiusculas, do paragrapho, dos pronomes, chamando a sua attenção para a graphia das palavras difficeis, para a concordancia dos substantivos, com adjectivos, do verbo com o sujeito, tudo praticamente.

Para que os trabalhos sejam sempre varios ou sejam os mesmos, *mas de uma maneira nova*, torna-se mister que haja como que um complemento de horario organizado, ou programma desenvolvido, para as diversas classes.

Para os primeiros annos surte bons resultados a já alludida correlação que deve existir entre o ensino de leitura, linguagem e calligraphia (anexo n.º 1) e, para as demais classes, varias series de exercicios que serão de observações, de gravura, de historias, de reproducção, de contos, de ditados e de trabalhos livres.

Cada serie será feita por determinado tempo, sendo que os exercicios de dictado devem ser dados semanal ou quinzenalmente.

Entende-se por trabalho livre, terminação de sentenças, copias de cartas, cartões, requerimentos, recibos, copias de uma lição do livro de leitura, nomenclatura de substantivos,

adjectivos, verbos, disyllabos, trisyllabos, oxytonas, lista de nomes de animaes quadrupedes, bipedes, listas de nomes de aves, dentre outros exercicios, como o de pontuação, cuja iniciativa deve caber ao professor intelligente.

PHASES DE LINGUAGEM ESCRIPTA

No ensino de linguagem escripta podem se distinguir tres phases: Preparação, execução e correcção.

PREPARAÇÃO

No alludido horario (annexo n.º 2) que confeccionei, ha tres aulas de linguagem oral, por semana e, logo a seguir, linguagem escripta, diariamente, tudo antes da hora do recreio.

Haverá portanto tres aulas para o preparo de linguagem escripta.

Nos dias em que não ha aula de linguagem oral, nem por isso ficará prejudicada a aula de preparo de linguagem escripta, porque o assumpto, nesses dias, poderá ser da serie de trabalho livre, alguns dos quaes dispensam preparo prévio, sendo que o preparo para alguns delles, como o de ditado, pode e deve ser feito nos primeiros cinco minutos da propria aula, pois que, em regra geral, deve ser ditado um trecho préviamente lido pelos alumnos e entendido, chamando o professor a attenção da classe para as palavras, cuja orthographia possa offerecer alguma difficuldade, não se devendo repetir palavras ou phrases, afim de educar a attenção do alumno, abolindo-se tambem, pelo mesmo motivo, o uso da borracha.

Em regra geral deve-se ditar por sentenças ou por phrases, quando aquellas são compridas, ainda não só para educar a attenção, como tambem porque assim se faz o exercicio de pontuação.

Em se tratando de primeiros annos, do 2.º semestre em diante, ou quando estejam os alumnos no 4.º passo de leitura, deve o professor escolher sentenças curtas para dictado.

Pronunciadas estas vagarosamente e em tom natural de voz, tres ou quatro dos alumnos da classe serão chamados a repeti-las, findo o que todos receberão ordem para começar a escrever.

A decoraçào da sentença por essa forma, evita que os alumnos interrompam a aula para fazer perguntas ou olhem para

HORARIO PARA ESCOLA ISOLADA

Observações	Duração do tempo	HORARIO	Segunda Feira	Terça Feira	Quarta Feira	Quinta Feira	Sexta Feira	Sabbado
		10 minutos	11 - 11,10	Entrada, revista de asseio, canto e chamada diariamente				
<p>★</p> <p>Devem ser dadas directamente pelo professor as aulas, cujas materias vão neste horario com typo mais preto.</p> <p>O exercicio de occupação deve ser dado de accordo com o adiantamento das respectivas classes.</p> <p>Nas aulas de taboadas podem tambem ser dados problemas.</p> <p>Este horario servirá para 1.ºs annos de 4 secções, A B C e D, e para escolas ruraes de 1.º anno, com 3 secções A B e C, considerando-se assim 2.º anno, ao envez de secção D, bem como, para escola urbana, desde que se considerem 2 secções de 1.º anno (A e B) e 2.ºs e 3.ºs annos, ao em vez de secções C e D, respectivamente.</p> <p>Para se adaptar este horario a primeiro anno de grupo, é bastante fazer-se a redução do tempo bem como algumas transposições no horario de certas disciplinas.</p>	25 minutos	11,10 - 11,35	Leitura C Exercicio escrip. B Calculo A e D	Leitura C Exercicio escrip. B Calculo A e D	Numeros C Exercicio escrip. B Calculo A e D	Leitura C Exercicio escrip. B Calculo A e D	Leitura C Exercicio escrip. B Calculo A e D	Numeros C Copia A Calculo B e D
	20 minutos	11,35 - 11,55	Numeros A Exercicio escrip. D Copia C Numeros B	Numeros A Ex. Escrip. B, C e D	Numeros A Exercicio escrip. D Sentenças B e C	Numeros A Exercicio escrip. D Calculo B e C	Numeros A Exerc. escrip. C e D Tornos B	Numeros A Copia B Sentenças C e D
	20 minutos	11,55 - 12,15	Calligraphia	Desenho	Calligraphia	Geometria	Calligraphia	Desenho
	25 minutos	12,15 - 12,40	Leitura B Taboada A, C e D	Leitura B Taboada C Copia A e D.	Numeros B Exerc. escrip. A e C Taboada D	Leitura B Taboada A e C Leit. silenciosa D	Leitura B Taboada C Copia A e D	Numeros B Exercicio escrip. C Calculo A e D
	25 minutos	12,40 - 13, 5	Leitura A Exercicio escrip. D Calculo B e C	Leitura A Calculo B, C e D	Leitura A Leit. silenciosa D. Calculo C Sentença B	Leitura A Desenho B e D Trabalho escrip. C	Leitura A Cartographia C e D Desenho B	Leitura A Leit. silenciosa C Exerc. escrip. B e D
	20 minutos	13, 5 - 13,25	Numeros B Desenho em occupação A, C e D	Numeros B Lei. silenciosa D Exerc. escrip. A e C	Leitura B Des. em occupação A, C e D	Numeros B Exerc. escrip. C e A Problemas D	Numeros C Exercicio escrip. B Calculo A e D	Leitura D Exerc. escrip. A e B Problemas C
	15 minutos	13,25 - 13,40	Linguag. Oral	Educ. moral	Linguag. Oral	Educ. Civica	Linguag. Oral	Educ. Mor. ou Civ.
	20 minutos	13,40 - 14	Linguagem escripta diariamente					
	30 minutos	14 - 14,30	R E C R E I O					
	20 minutos	14,30 - 14,50	Liç. de cousas	Geometria	Musica	Geographia	Musica	Liç. de cousas
25 minutos	14,50 - 15,15	Leitura D Tornos A, B e C	Numeros D Exercicio escrip. C Tornos A e B	Leitura D Exercicio escrip. C Tornos A, B.	Numeros D Exercicio escrip. C Tornos A B	Leitura D Calculo C Sentenças A e B	Numeros D Desenho A B e C	
20 minutos	15,15 - 15,35	Geographia	Historia	Geographia	Historia	Trabalhos	Historia	
25 minutos	15,35 - 16	Gymnastica	Trab. Manuaes	Jog. Gymnast.	Declamação	Manuaes	Hygiene	

ANNEXO N.º 1

CORRELAÇÃO QUE DEVE EXISTIR NO ENSINO DE LEITURA, CALLIGRAPHIA E LINGUAGEM ESCRIPTA, NO PRIMEIRO ANNO.

LEITURA	CALLIGRAPHIA	LINGUAGEM ESCRIPTA
1.º PASSO: — Leitura pelas crianças, de sentenças próprias, obtidas por meio de perguntas, feitas diante de gravuras da cartilha.	1.º PASSO: — Modelo. Uma sentença.	1.º PASSO: — Cópia de uma sentença a principio, e mais tarde de mais sentenças da lição do quadro negro. (Dois exercicios na mesma pagina).
2.º PASSO: — a) Revisão de sentenças escriptas pela professora, silenciosamente, com palavras conhecidas e em typo de mão e de forma. b) Analyses dessas sentenças. c) Novas lições da Cartilha processadas como no 1.º passo.	2.º PASSO: — Modelo. Uma sentença.	2.º PASSO: — 1.º Cópia de quatro ou cinco sentenças da lição do quadro negro. 2.º Ordenar palavras. Dois exercicios em cada pagina, feitos em dois dias seguidos.
3.º PASSO: — 1.º dia, preparo para a lição da Cartilha; 2.º dia, lição da Cartilha já preparada; 3.º dia, exercicio no quadro negro. a) ensino do numero de syllabas. b) das syllabas iniciaes. c) de combinação de syllabas formando palavras novas.	3.º PASSO: — Modelo. 1.º Uma sentença. 2.º Serie de alavras. Dois exercicios da mesma natureza em cada pagina, feitos em dois dias seguidos.	3.º PASSO: — 1.º Cópia do livro. 2.º Ordenação de palavras. 3.º Separação de syllabas. 4.º Completar sentenças.
4.º PASSO: — 1.º dia, preparo da lição da Cartilha; 2.º dia, lição da Cartilha; 3.º dia, exercicio no quadro negro. Começa-se aqui o ensino das letras.	4.º PASSO: — Modelo. 1 Sentenças, 2 dias. 2.º Palavra, 2 dias. 3.º Letras, 2 dias. 4.º Algarismos, 2 dias. Dois exercicios em cada pagina.	4.º PASSO: — Observar a nota anterior. 1.º Cópia da cartilha. 2.º Ordenar palavras. 3.º Separar syllabas. 4.º Completar sentenças. 5.º Ditado de sentenças conhecidas. (Dois exercicios em cada pagina).
5.º PASSO: — 1.º dia, preparo da lição da Cartilha. 2.º dia, leitura da Cartilha da lição já preparada. 3.º dia, exercicios no quadro negro. Ensino das flexões: genero, numero e grau.	5.º PASSO: — Modelo. 1.º Sentenças, 2 dias. 2.º Palavra, 2 dias. 3.º Algarismos, 2 dias. Dois exercicios em cada pagina.	5.º PASSO: — 1.º Cópia da Cartilha. 2.º Ordenação de palavras. 3.º Separação de syllabas. 4.º Completar sentenças. (conhecidas). 5.º Ditados de sentenças conhecidas. 6.º Formar sentenças. (Dois exercicios em cada pagina).
6.º PASSO: — 1.º dia, 1.ª phase da lição de leitura no 1.º livro. 2.º dia, 2.ª phase da mesma lição. 3.º dia, 3.ª phase da mesma lição. Varias instruções da pagina respectiva do programma official.	6.º PASSO: — Modelo. 1 Sentenças. 2.º Palavras. 3 Letras. 4.º Algarismos. Dois exercicios em cada pagina.	6.º PASSO: — 1.º Cópia da Cartilha. 2.º Ordenar palavras. 3.º Separar syllabas. 4.º Completar sentenças. 5.º Ditado. 6.º Formar sentenças. 7.º Questionario. 8.º Coordenar sentenças.

o trabalho do companheiro, e nota-se que toda a classe, em silencio, inicie o trabalho, ao mesmo tempo, não devendo ser permittido aos que o forem terminando, dizerem que já o fizeram.

Terminada a escripta da 1.^a sentença se conservarão apenas todos na attitude de "alerta" para se ditar a segunda.

Mutatis mutantis, nas demais classes se irá procedendo, segundo essa mesma orientação, tendo o professor o cuidado de ir gradativamente offerecendo aos alumnos as difficuldades isto é, uma de cada vez.

Os exercicios de linguagem escripta, em geral, devem ser diarios, sempre novos ou de uma maneira nova, e graduados de accordo com o desenvolvimento da classe, pois que é um crime exigir dos alumnos trabalho superior ás suas forças.

"Evitar o erro é muito mais facil que corrigir". Esse é o principio fundamental que todo professor zeloso deve ter sempre em vista.

O aperfeiçoamento da linguagem escripta, pois, resulta principalmente do trabalho das aulas oraes.

Porisso, o preparo da lição deve ser rigoroso, suggerindo o professor aos seus alumnos, diversas maneiras para a manifestação de suas idéas, para evitar o apparecimento de trabalhos uniformes, afim de se assegurar a formação de estylo de cada um, hoje infelizmente um pouco descurado.

Dentre os erros do methodo sobresaem, a nosso ver, os que se referem a falta de escrupulo no ensino e o de se accetarem respostas parciaes dos alumnos, em linguagem incorrecta, com termos mal empregados. Portanto, cuide o professor, com carinho, da linguagem oral, esforçando-se tambem para que as sentenças dos alumnos não sejam invariavelmente começadas com o "eu" e quasi sempre com o emprego do verbo *ter*, *ser*, *ir* e *ver*, na 1.^a pessoa do singular do presente do indicativo.

A dosagem e a qualidade da lição devem ser bem medidas, não sendo aconselhavel querer o professor ensinar muito em uma só lição.

As difficuldades pois devem ser divididas, para que possam ser vencidas aos poucos. Assim, com referencia ao ensino de cartas, ensinem-se em primeiro lugar os varios modos de se iniciá-la, trate-se depois do desenvolvimento do assumpto e, finalmente, do fecho e sobrescripto.

A preparação pode ser oral e escripta. Escripta e oral ao mesmo tempo, no quadro negro, quando se trata de trabalho

novo, tomando parte activa nesse trabalho toda a classe, e, oral simplesmente, quando se trata de um trabalho semelhante a um que já tenha sido preparado, que se tomou como typo, na respectiva serie.

MODELO DE PREPARO DE AULAS DE LINGUAGEM ESCRITA

Por exemplo, sendo a caneta o objecto da lição, o professor atira á classe a pergunta, após observação do objecto pelos alumnos :

De quem é a caneta ?

Os alumnos devem ouvir a pergunta silenciosamente e, pelo signal dado por elles, o professor notará quaes os que sabem a resposta e chamará um delles que poderá dizer :

“A caneta é de Paulo”.

Os que não souberam, repetindo a mesma cousa, comprenderão o que se pede.

Passa-se então á segunda pergunta :

Onde a comprou ?

E se procede da mesma forma, voltando-se á primeira sentença para se educar a attenção do alumno e assim se vai procedendo até á ultima sentença, para que fique bem gravada a descripção feita.

A' medida que as perguntas vão surgindo, podemos ir lançando no quadro negro, abreviadamente, as respostas dadas pelos alumnos que serão collocadas num quadro synoptico que pode ser do seguinte modelo :

De quem?	Onde?	Quando?	Substancia?	Partes?	Utilidade	Côr	Forma?
Paulo	Na casa X.	Hontem.	Madeira e metal	Cabo e bocal	Para escrever	Verde e amarella	Cylindrica.

Para primeiros annos daremos sentenças que são de tres especies :

1.º) Dadas as palavras, os alumnos formarão as sentenças, sem copiar a relação das palavras dadas, palavras essas que levarão apenas tracinhos parallellos á pauta, para se saber quaes as que foram dadas.

Exemplo :

Formar sentenças com as palavras *livro, Paulo, boneca e ella* :

Os alumnos farão apenas :

Formar sentenças.

Margem do caderno	<p>O meu <u>livro</u> é bonito. <u>Paulo</u> tem uma bola. A <u>boneca</u> é de Lucia. <u>Ella</u> está vestida de azul.</p> <p>Data - Limeira, 12 de Dezembro de 1929. Assignatura - Luiz de Camargo (9 annos-1.º anno)</p>
-------------------	--

2.º) SENTENÇAS COORDENADAS

A vista de uma gravura, as sentenças serão coordenadas. Tal trabalho é quasi como uma descripção e pode ser preparado por meio de perguntas oraes ou escriptas, conforme o adiantamento da classe, servindo de objecto a grandes conversações com os alumnos. Nos titulos haverá sempre a natureza do exercicio e o objecto da lição.

Seja por exemplo uma gravura que representa uma sala, onde haja uma menina, um gatinho tomando leite e um menino brincando com uma bola.

Os mais impressionantes detalhes poderão ser considerados, assim como o vestuario dos personagens, a côr, a sua posição, etc...

As perguntas poderão ser estas, no caso :

Onde ? De quem ? Quem é este menino ? Que faz elle ? Onde está ? etc...

Margem do caderno	Sentenças - uma sala. Maria está na sala. O seu gato Mimi bebe leite no prato. O irmão de Maria chama-se Paulo Elle está brincando com uma bola azul. Data - Assignatura. -
-------------------	---

3.º) COMPLETAR SENTENÇAS INCOMPLETAS, ESCRITAS NO QUADRO NEGRO PELO PROFESSOR.

Nesse exercicio devem os alumnos preencher apenas os claros, afim de dar o sentido completo ás sentenças, gryphando com traços parallelos á pauta, as palavras que empregarem, para haver economia de tempo e não desvirtuar a natureza do exercicio, que, doutra forma, seria tambem exercicio de copia.

COMPLETAR SENTENÇAS:	
.....	gallinha ave domestica,
O professor	do menino
..... já	ler do meu livro.

COMPLETAR SENTENÇAS :	
MARGEM	A gallinha é <i>uma</i> ave domestica. O professor <i>gosta muito</i> do menino <i>estudioso</i> . <i>Eu já sei</i> ler <i>as lições</i> do meu livro. Etc. . . Data. Assignatura.

QUESTIONARIO

O questionario, para primeiros annos, é um exercicio muito util e consiste em respostas a interrogações feitas no quadro negro, sobre uma estampa, uma scena, um objecto, sem se copiarem as perguntas.

Exemplo :

A CANETA

De quem é a caneta ?
 Onde foi comprada ?
 Quanto custou ?
 Para que serve ?
 Qual é a sua qualidade ?
 Que forma tem ?
 De quantas partes consta ? etc...

ORDENAR PALAVRAS

Não se deve dispensar tambem a ordenação de partes de sentenças escriptas desordenadamente no quadro negro, por fazer parte dos exercicios de raciocinio rapido, e que porisso desenvolverá a actividade dos alumnos.

ESCREVEREMOS POR EXEMPLO

“animaes dos é O leão rei o”, sentença essa que será toda copiada assim, para se saber em que desordem foi dada.

MARGEM	<p style="text-align: center;">ORDENAR PALAVRAS.</p> <p>animaes dos é O leão rei o. O leão é o rei dos animaes. Etc... Data. Assignatura.</p>
--------	---

ORIENTAÇÃO GERAL

Para as demais classes, a orientação é a mesma, devendo-se attender ao programma de cada classe e irem-se offerecendo

gradativamente nos exercicios as difficuldades, havendo então as reproducções, descripções, de objectos, de gravuras, de bilhetes, cartas, officios, ampliações de sentenças, etc.

EXECUÇÃO DO TRABALHO

Não deve haver ordem para a execução do trabalho, sem que o professor tenha em vista as recommendações feitas nos preliminares, para a boa ordem do serviço, não se esquecendo de que "os trabalhos graphics constituem a prova material do zelo do professor e do aproveitamento do alumno. Por essa forma se evitam os erros de attenção e os de instrucção. Assim, todo alumno deve ter o material escolar necessario, como caderno, lapis, ou caneta, limpa-pennas e mata-borrão, devendo ser methodica e expedita a distribuição desse material.

E' necessario seja rigorosamente observado o programma bem como o horario, porisso que este deve ser bem feito.

E' necessario, na execução, a fiscalização directa e constante do professor que zelará pela observancia da boa posição do alumno, do caderno, do lapis ou da caneta, do paragrapho, do asseio e da calligraphia.

O titulo do trabalho há de figurar na primeira linha, devendo ficar em branco a segunda.

E' conveniente que a margem seja feita, a lapis, pelo proprio alumno e que a data seja na penultima linha da pagina, a assignatura na ultima e, na aula de calligraphia a data deve ser abreviada, na margem.

CORRECÇÃO ;

Ha tres especies de correcção : a) em flagrante ; b) erros generalizados e c) critica collectiva.

A correcção em flagrante far-se há, como o nome indica, durante a execução do trabalho.

Terminado este, o professor deve levar para casa os cadernos, assinalando os erros generalizados, a carmim, e colleccionará taes erros em caderno proprio, dará nota justa e, em aula de linguagem oral ou alguns minutos no inicio da de linguagem escripta, tratará da correcção que tomará pouco tempo, por se tratar apenas de erros generalizados.

Quando o professor julgar conveniente, mensal ou quinzenalmente, poderá dedicar uma aula exclusivamente para a critica de trabalhos ou de trechos dos trabalhos dos alumnos que dêem motivo para isso.

A classe inteira deve ser chamada a colaborar na correcção, sendo portanto occasião opportuna, para o proprio alumno quem sabe, corrigir o seu erro, devendo o professor ter sempre em vista que não é simplesmente o trabalho escripto que elle deve corrigir, mas o proprio espirito do alumno,.

A correcção do ditado, porêm, deve ser no final da propria aula, correcção essa collectiva, no quadro negro, na qual pouco tempo se gastará, em vista de se corrigirem apenas os erros generalizados que o professor encontra na correcção em flagrante.

Eis, em linhas geraes, Sr. Dr. Director Geral, a maneira por que vimos orientando, no Districto, o ensino de LINGUAGEM ESCRITA.

Os nossos programmas ainda não satisfazem sob o ponto de vista da unidade de methodo. Falta-lhes, por exemplo, a subordinação das materias de expressão, ou sejam a linguagem, o calculo e o desenho, ás materias a que servem de instrumento. A leitura, instrumento de aquisição, ainda se cultiva como disciplina independente, dando-se-lhe um valor exaggerado como factor de cultura da lingua. Ha mesmo estudos especializados, sob denominações que não condizem com o grau primario da escola.

ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA

QUESTÕES DE MATHEMATICA ELEMENTAR

(NOTAS PARA O ENSINO NORMAL)

Prof. Antonio Firmino de Proença

Inspector Geral de Ensino

I

O SIGNAL DO PRODUCTO EM ALGEBRA

Em toda multiplicação o producto é sempre da especie do multiplicando. Será positivo, quando o multiplicando for positivo; negativo, quando o multiplicando for negativo. E não poderia deixar de ser assim, pois o producto não passa de uma somma de quantidades iguaes ao multiplicando.

Quanto é 3 vezes a distancia de 42Km ?

No caso de ser positiva a distancia considerada, teremos

$$\begin{array}{r} + 42 \text{ Kms.} \\ + 42 \text{ Kms.} \\ + 42 \text{ Kms.} \\ \hline + 126 \text{ Kms.} \end{array}$$

isto é $3 \times (+42\text{Kms.}) = +126\text{Kms.}$ (1)

Suppondo negativa a mesma distancia, o calculo será

$$\begin{array}{r} - 42 \text{ Kms.} \\ - 42 \text{ Kms.} \\ - 42 \text{ Kms.} \\ \hline - 126 \text{ Kms.} \end{array}$$

ou seja $3 \times (-42\text{Kms.}) = -126\text{Kms.}$ (2)

Em geral

$$\begin{array}{l} a \times (+b) = +ab \\ a \times (-b) = -ab \end{array}$$

A's vezes o multiplicador é um numero precedido do signal *menos*. Neste caso costuma-se dizer que o multiplicador é negativo. Não é, nem pode ser verdade. Multiplicar uma quantidade por um numero negativo é coisa que não tem sentido. O multiplicador, por sua funcção, quer em algebra, quer em arithmetica, é simplesmente um numero abstracto, nem positivo, nem negativo.

Quando se nos deparar, pois, um multiplicador precedido do signal, *menos* devemos considerá-lo como termo de uma subtracção incompletamente indicada. Assim, -3 , por exemplo, será o segundo termo de uma subtracção, cujo primeiro termo está occulto. Num caso desses, o signal *menos* não pertence ao numero, mas é apenas indicativo de uma subtracção a effectuar. *Multiplicador subtractivo* chamaremos, pois, ao multiplicador precedido do signal *menos*. Por analogia daremos o nome de *multiplicador additivo* ao multiplicador que estiver precedido do signal *mais*, ou que não estiver precedido de signal algum.

Quanto é $(-3) \times (+42Kms.)$?

Neste caso o multiplicando é uma quantidade positiva, e o multiplicador um numero subtractivo.

A operação consiste em tomar 3 vezes o multiplicando e escrever o producto como segundo termo de uma subtracção a effectuar, isto é

$$(-3) \times (+42Km.) = - [3 \times (+42Km)] = -(+126Km).$$

Ora, subtrahir uma quantidade positiva, equivale a addicionar a mesma quantidade tomada negativamente. Logo, poderemos escrever

$$-(+126Kms.) = -126Kms. \quad (3)$$

Deste modo o producto, que é uma quantidade positiva a ser subtraída, se transforma em uma quantidade negativa a ser sommada.

Consideremos finalmente a multiplicação

$$(-3) \times (-42Kms.)$$

Neste exemplo o multiplicando é uma quantidade negativa e o multiplicador um numero subtractivo.

A operação, como no caso anterior, consiste em tomar 3 vezes o multiplicando e escrever o producto como segundo termo de uma subtracção a effectuar, isto é

$$(-3) \times (-42Km.) = - 3 \times (-42Km) = - (-126Km.)$$

Pelo resultado se vê que o producto negativo (-126Km) tem de ser subtraído de uma quantidade que não está expressa, mas se subentende. Ora, subtrair uma quantidade negativa equivale a sommar a mesma quantidade tomada positivamente, logo

$$-(-126\text{Kms.}) = +126\text{Kms.} \quad (4)$$

Assim o producto, que é uma quantidade negativa a ser subtraída, se transforma em uma quantidade positiva a ser sommada.

Em geral

$$\begin{aligned} (-a) \times (+b) &= -ab \\ (-a) \times (-b) &= +ab \end{aligned}$$

Estes casos do multiplicador subtractivo ficarão melhor esclarecidos desde que tornemos explicito o primeiro termo do binomio multiplicador.

Seja a quantidade positiva $(+c)$ para ser multiplicada pela differença $(a-b)$.

E' evidente que teremos de repetir a quantidade $(+c)$ a vezes e depois b vezes, e em seguida achar a differença entre os dois productos, isto é

$$(a-b) \times (+c) = [a \times (+c)] - [b \times (+c)] = (+ac) - (+bc)$$

Ora, subtrair a quantidade positiva $(+bc)$ equivale a sommar a mesma quantidade tomada negativamente, logo, em vez de

$$(+ac) - (+bc) \text{ podemos escrever } ac - bc$$

Donde se vê que o producto da parte subtractiva $(-b)$ do multiplicador pelo multiplicando positivo $(+c)$ é uma quantidade que fica sendo negativa $(-bc)$.

Consideremos agora a quantidade negativa $(-c)$ para ser multiplicada pela differença $(a-b)$.

Neste caso teremos a operação seguinte

$$(a-b) \times (-c) = [a \times (-c)] - [b \times (-c)] = (-ac) - (-bc)$$

Ora, subtrair a quantidade negativa $(-bc)$ equivale a sommar a mesma quantidade tomada positivamente, logo, em vez de

$$(-ac) - (-bc) \text{ podemos escrever } -ac + bc$$

Donde se vê que o producto da parte subtractiva $(-b)$ do multiplicador pelo multiplicando negativo $(-c)$ é uma quantidade que fica sendo positiva.

Analysando-se os quatro exemplos apresentados, de prompto se deduz :

1.º) quando o multiplicando é positivo e o multiplicador additivo, o producto é positivo ;

2.º) quando o multiplicando é negativo e o multiplicador additivo, o producto é negativo ;

3.º) quando o multiplicando é positivo e o multiplicador subtractivo, o producto é negativo ;

4.º) quando o multiplicando é negativo e o multiplicador subtractivo, o producto é positivo.

Nos dois ultimos casos parece que a nossa conclusão está em desaccordo com o que ficou estabelecido logo de começo, isto é, que o producto é sempre da mesma especie do multiplicando. Note-se, porém, que o desaccordo não existe desde que consideremos os productos na sua forma primitiva e não depois de transformados.

Em geral

$$\begin{aligned} n \times (+a) &= +na \\ n \times (-a) &= -na \\ (-n) \times (+a) &= -na \\ (-n) \times (-a) &= +na \end{aligned}$$

Na pratica da multiplicação se consideram como positivos os multiplicadores additivos e como negativos os multiplicadores subtractivos. Dahi o formular-se a seguinte regra empirica : "Quando ambos os factores têm o mesmo signal, o producto é positivo ; quando um factor tem o signal *mais* e outro o signal *menos* o producto é negativo".

$$\begin{aligned} + \times + &= + \\ + \times - &= - \\ - \times + &= - \\ - \times - &= + \end{aligned}$$

Nos diversos exemplos apresentados consideramos o multiplicando como uma quantidade real, concreta. No calculo algebrico, porém, elle entra geralmente como numero abstracto. Neste caso será indifferente chamá-lo numero positivo ou additivo, quando precedido do signal *mais*, e negativo ou subtractivo, quando precedido do signal *menos*. De um ou de outro modo que se considere o multiplicando, nenhuma alteração soffrerá o signal do producto. Tratando-se, porém, de um multiplicando claramente concreto, isto é, de uma quan-

tidade no seu sentido proprio, já não se lhe pode applicar senão a denominação *positivo* ou *negativo*.

Parece-nos que têm significação bem distincta os termos "positivo" e "additivo", "negativo" e "subtractivo" e, por isso mesmo, deveriam audar bem empregados na linguagem algebrica. Não é, entretanto, o que se vê. A confusão vem dos compendios e os mestres a transmittem intacta aos seus discipulos.

O facto só tem importancia quando se trata do ensino racional da materia. Para os que entendem que a algebra se reduz a um mero jogo de symbolos, uma especie de arte magica, cujas formulas surgem mysteriosamente no fundo negro do quadro negro, tudo está certo.

Os livros para os alumnos dos estabelecimentos de ensino estrangeiros precisam ter feição profundamente brasileira, para que possam despertar nas crianças, filhas de alienigenas mas aqui nascidas ou para cá vindas em tenra idade, o sentimento de admiração e amor pelo nosso paiz. Ainda ha pouco aconselhámos, em palestra pedagogica feita em um grande collegio estrangeiro da Capital, a adopção do livro "Brasil, minha terra!", de Mario Sette, obra que nos parece adequada ao fim que temos em vista.

EUSEBIO DE PAULA MARCONDES

ENSINO DE NOÇÕES COM- MUNS NA ESCOLA PRIMARIA

Prof. José do Patrcinio Brêtas

Director do Grupo Escolar de Duartina

Antes de entrar no assumpto que me propuz mui pallidamente estudar, quero fazer um esboço, á guisa de prologo, de dois pontos primordiaes no apprendizado em geral :

- 1.º — Recorrer o mais possivel ao trabalho pessoal.
- 2.º — Tornar o estudo attraente.

Cabe ao educando, para que o ensino seja proveitoso e o alumno consiga maior parcella de aproveitamento, maior esforço, esforço que deve ser constantemente instigado pelo professor. As investigações, as conclusões, devem dimanar do seu espirito, devem ser proprias, não passando o educador de mero guia ás conclusões dos factos e problemas propostos.

A pedagogia dos nossos dias, que toda ella se baseia na escola activa, a escola por excellencia educativa, que tem por dogma : — como preparar a vida — tem o seu centro de acção nos conceitos fundamentaes : “A criança é o pivot das preocupações educativas, e o proprio alumno realiza o seu apprendizado”. Assim, pois, será um crime praticado contra os principios hodiernos de educação fazer com que o educando seja apenas um simples ouvinte, a parte passiva nos estudos das disciplinas escolares. Ao contrario, deve ser a parte activa, deve estar constantemente em actividade, corroborando continuamente nos trabalhos da classe. A experiencia nos tem demonstrado que a classe que melhor aproveitamento apresenta não é aquella cujo professor mais fala ; ao contrario, o bom educador pouco fala e tão sómente procura incitar os seus discipulos a descobrirem o mais possivel ; traz sempre em actividade a sua classe ; torna o estudo attraente e procura captar a sympathia de seus alumnos. De facto a tarefa não é das mais faceis ; investigar com os educandos, tornar a escola

para os quatro annos de instrucção primaria, os seis itens do seu esboço de programma :

I — NUTRIÇÃO. II — VESTIMENTA. III — HABITAÇÃO. IV — A NATUREZA. V — COMMUNICAÇÃO COM O MEIO SOCIAL. VI — O TRABALHO. Estes itens serão divididos em quatro partes, que é a duração do ensino primario, adaptados ao meio e seguidos sem discrepancia. Na NUTRIÇÃO começaremos estudando a nossa alimentação quotidiana : de origem animal — a carne, ovos, leite, gordura, manteiga ; de origem vegetal — feijão, arroz, milho, trigo (que já existe com certa abundancia em a nossa zona), batatas, frutas, canna de assucar ; bebidas — agua e café. Depois vem o estudo de tudo que se relaciona com a nutrição: digestão, circulação e respiração; de que serão dadas apenas noções no 1.º e 2.º annos do curso e mais desenvolvidas no 3.º e 4.º annos.

No II item — VESTIMENTA, estudaremos o frio, os enfeites, as vestimentas, as materias primas do nosso meio : o algodão, como o obtemos, o boi, a cabra, o carneiro, a lebre. Roupas limpas — as lavadeiras. O asseio para a conservação da saude e para viver decentemente no meio social; o sabão; e, nas classes do 3.º e 4.º annos o assumpto será tratado com mais minucia.

No III item — HABITAÇÃO — As nossas casas ; diferentes typos de casas ; partes de uma casa ; o tijolo, a telha ; a hygiene das habitações ; os que fazem as casas : pedreiro, carpinteiro, vidraceiro, pintor, encanador, electricista ; os moveis. Os que vivem na casa : A familia, o seu chefe, os empregados, e obrigações de cada um. Nas classes adiantadas já se pode fazer um historico das vivendas dos nossos antepassados e um confronto com as que hoje temos ; a civilização antiga e a moderna, etc..

No IV item — A NATUREZA — Animaes domesticos nossos conhecidos como os selvagens das nossas mattas ; o que é um animal mammifero, o que é uma ave, reptil, peixe ; os vermes : minhoca, lombriga ; insectos : mosquito, abelha, borboleta, aranha, escorpião, lacraia ; animaes uteis : os que nos fornecem carne, leite, ovos, mel, pelle, lã ; os que destroem os nocivos: aves, sapos; os de montaria e que seprestam á tracção : cavallo, boi, burro, jumento ; animaes nocivos : a cobra o mosquito, a mosca, a formiga, o gafanhoto, os microbios ;

um ambiente de trabalho e de alegria é tarefa que á primeira vista parece das mais penosas ; muito mais simples e commodo seria ao professor discorrer sobre um thema qualquer, ou ditar aos seus alumnos os pontos da materia do programma para que elles decorassem em casa e no dia seguinte os repetissem automaticamente, passivamente, enfadonhamente. Com tudo, o esforço despendido será largamente recompensado ; isso que muitos mestres escolas julgam um sacrificio ao educador laborioso, intelligente, não passará de uma distração ; e, os frutos colhidos, a satisfacção do dever cumprido, serão factores de alegria que confortarão a alma do educador.

O trabalho pessoal desperta a vivacidade e assegura a permanencia das impressões. Aquillo que se encontra com o esforço proprio ficará retido eternamente. A attenção empregada, a alegria do triumpho, concorrem para melhor gravar na memoria os factos. O proprio educador intelligente notará que o trabalho feito pelo educando o levará a maior progresso que áquelle que se limitar a copiar lições de outros.

O appello constante ás proprias forças desenvolve a cultura moral, assim como o exercicio do esforço individual desenvolve e enrija a coragem e a perseverança. Feitas estas considerações ligeiras, passemos ao estudo do programma de "NOÇÕES COMMUNS" na escola primaria.

Do que acima ficou dito é claro, é evidente, que para um aproveitamento perfeito e educativo, certo se faz mister que o ensino se baseie em factos concretos, palpaveis e que a criança, gárrula e cheia de curiosidade como é, sempre interrogando o mestre sobre coisas que lhe impressionam o pequenino cerebro, seja o centro das actividades nos assumptos das lições. Em assim sendo, naturalmente que o estudo das noções communs deve adaptar-se ao meio onde vive a criança. Com isso não queremos dizer que o que está fóra do meio escolar seja renegado, absolutamente; virá depois, será assumpto de aulas em classes mais adiantadas, 3.º e 4.º annos, onde já os alumnos têm mais conhecimentos e mais apprensão subjectiva. Comtudo estas noções devem ser um corollario, devem ter ligação directa com as estudadas nos primeiros e segundos annos ; que serão recapituladas e em seguida as novas lhes serão associadas.

Li, com a attenção que merece ser lido todos os trabalhos do grande mestre João de Toledo, o seu livro "DIDACTICA" e na minha humilde opinião acho que se deveria adoptar,

modo de destruí-los. Falar sobre caças e pescas. O corpo humano — noções simples no 1.º e 2.º annos, denominações das partes principaes ; já no 3.º e 4.º annos pode-se entrar em sistemas eapparelhos ; as visceras e suas funcções. As plantas — noções, e maior desenvolvimento nas classes adiantadas; em a nossa zona trataremos do arroz, feijão, trigo, batatas, canna de assucar ; frutiferas : banana, laranja, uva, abacaxi; oleaginosas : mamona, amendoim ; aromaticas : café, chá, fumo, canela ; madeira de construcção : peroba, cedro, cabreuva, aroeira, jacarandá, etc..

No V item — COMMUNICAÇÃO COM O MEIO SOCIAL — O dinheiro, (ouro, prata, nickel, cobre, papel) ; correio, telephone, telegrapho, radio ; jornaes, revistas, livros. A familia — os amigos ; jogos esportivos ; a vida na escola, porque usam, as crianças, uniformes ; como proceder nas ruas, os estrangeiros, braços que nos auxiliam na vida agricola e industrial. A administração publica — o municipio, o Estado, o paiz. A comarca, o juiz, o promotor, o delegado, a policia ; a cidade, o prefeito, o presidente ; nas classes mais adiantadas : Legislação, o jury ; o exercito, a marinha, relação do paiz com outros paizes. As escolas, o intercambio de idéas, a educação.

No VI item — SERVIÇOS DOMESTICOS — Os empregados, os que cuidam das plantações, das criações ; como deve ser dividido o trabalho para haver harmonia. Para as classes adiantadas : grandes occupações nacionaes ; as machinas agricolas, a adubagem ; a industria pastoril, as colheitas dos productos naturaes dos vegetaes ; o preparo da cal, cimento, vidro, porcellana, petroleo, carvão, papel, sabão ; o trabalho nas minas, etc. Os trabalhos dos grandes scientists, etc.

Assim pois, uma reforma de accordo com o modelo de programma do livro "DIDACTICA" do illustre mestre João de Toledo, dará bons resultados. Nas escolas ruraes, com dois annos apenas, poder-se há fazer um estudo da agricultura applicada, fazendo com que as crianças tomem gosto pela vida do campo, mostrando-lhes a grandeza da nossa flora e inculcando-lhes no espirito que a riqueza que promana da terra é á vida da nossa Patria, é o futuro grandioso do nosso querido Brasil.

Duartina, 5 de Junho de 1930.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES

Prof. José Ferraz de Sampaio Penteado

Director do 2.º Grupo Escolar de São Carlos

Exposição, não é necessario definir; em todo caso vamos citar a definição de Candido de Figueredo ; (Pequeno Diccionario - paz. 613) "Acto de expor. Conjunto de coisas expostas. Lugar onde se expõem coisas á vista"...

A exposição final, nos estabelecimentos de ensino deve ser uma narração muda, porém eloquente, do que se fez no correr do anno.

Quasi todas as disciplinas podem fornecer elementos para a exposição.

A primeira idéa que se nos apresenta, quando se fala em exposição escolar, é a de um bonito conjunto de almofadas, toalhinhas, roupas feitas, bordados, etc, no tocante á secção feminina, e trabalhos de modelagem, marcenaria, trançagem e outros, para a secção masculina.

Realmente os trabalhos manuaes, propriamente ditos, enfeitam bastante uma exposição e têm mesmo alto valor educativo ; quasi todas as disciplinas de nossos programmas de curso primario, podem, no entanto, fornecer elementos para as exposições.

Passemos, em rapida revista, as disciplinas que constituem ditos programmas.

Leitura — Sendo exclusivamente oral, nenhum elemento poderá fornecer.

Calligraphia — Podem expor-se cadernos de calligraphia feitos no correr do anno.

Linguagem — Sendo esta umas das principaes disciplinas, pode e deve fornecer elementos para exposição ; aliás é costume exporem-se os cadernos de linguagem executados no correr do anno ; deverá haver, naturalmente, alguma se

lecção, nos trabalhos; em todo caso, que seja trabalho de aluno, feito de proprio punho e não com a mão do gato...

“Educação” e outros periodicos têm noticiado o interesse que vêm despertando ultimamente os concursos de redacção, realizados entre escolares.

Arithmetica — Costuma fornecer material para as exposições, sob a forma de contas, problemas, etc.

Conviria acrescentar ainda graphics, representando propriedades das fracções, dimensões relativas de diferentes medidas, etc.

Geometria — Pode fornecer variados elementos, recortes, representando formas geometricas (collados sobre fundo de côr differente); na parte referente aos solidos, torna-se mais interessante a feitura desses solidos, com papel de alguma resistencia.

Desenho — E’ uma disciplina que offerece bastante margem, alem do programma de desenho propriamente dito, ainda temos o desenho applicado, como a representação de factos historicos, factos da vida social, hygiene, educação no lar e na escola, historias mudas e outras.

Geographia — Offerece tambem diversos typos de trabalhos: mappas, de differentes tamanhos, graphics representando populações relativas, superficies relativas, quantum de representantes das diversas raças.

Historia e Instrucção Civica — Dão assumptos a desenhos representativos de factos historicos, factos de effeito moral, historias mudas.

Sciencias physicas e naturaes — Este ramo de conhecimentos offerece largo campo á actividade.

Podem apresentar-se pequenos herbarios, collecções de borboletas, desenhos, representando as partes principaes do corpo humano; alguns alumnos habilidosos serão capazes de construir pequenos apparatus de physica: repuxos, balanças, planos inclinados, roldanas, alavancas dos diversos typos, etc.

Musica — Para a execução dá parte graphica do ensino de musica existem cadernos, já conhecidos, e já em uso em nossas escolas.

Trabalhos manuaes — Esta disciplina é justamente aquella que costuma fornecer o maior contingente para as exposições escolares; não queremos depreciar, absolutamente, esses trabalhos, de alto valor educativo; não deve, no entanto, constituir a preocupação unica; quasi todas as disciplinas podem offerecer o seu contingente tambem; aliás o Regulamento do Ensino, em vigor, em seu art. 187, n.º 2, dispõe: “Ensinar todas as materias do programma”.

Gymnastica — Poderão fazer-se desenhos representando jogos gymnasticos, ou mesmo confeccionar-se pequenos aparelhos de gymnastica; depende dos recursos materiaes de cada estabelecimento.

Uma coisa é uma exposição apparatusa, para armar effeito, outra é uma exposição que demonstre aproveitamento geral, por parte dos alumnos.

Em relatorio apresentado ao Exmo. Dr. Secretario do Interior em 1914 (Revista de Ensino - Junho de 1915 — Pag. 5 e seguintes), dizia o saudoso mestre Juvenal Penteado:

“O leigo, que vai visitar uma exposição escolar, quer ahi encontrar coisas bonitas, bem acabadas, artefactos finos, tudo emfim, que possa satisfazer o seu gosto profano, com uma boa dose de luxo por cima, e sem nenhuma preocupação de ordem pedagogica. Os trabalhos expostos são julgados mais como fim do que como meio”.

“A meu ver, a exposição escolar entre nós é um elemento verdadeiramente perturbador do ensino, e que conviria banir da escola, pelo menos enquanto o nosso meio não tiver a cultura necessaria para lhe attribuir o seu justo valor”.

Não seremos tão radicaes quanto o mestre, mas repetimos: uma coisa é uma exposição para o publico, outra é uma exposição que deva ser julgada por technicos.

As exposições escolares, muito embora nem sempre sejam julgadas com o necessario criterio, pelos visitantes, constituem, entretanto, uma das poucas oportunidades em que se põem em contacto entre nós, a escola e a familia.

O ESFORÇO EDUCATIVO DE SÃO PAULO

Através da Mensagem Presidencial de 14 de Julho de 1930

POPULAÇÃO

Com satisfação deve ficar aqui assinalado o aumento notavel e quasi sem exemplo na estatistica mundial, da população paulista, com especialidade a da nossa metropole.

A 31 de dezembro ultimo, a população do Estado, calculada pelo methodo do augmento medio arithmetico, recommendado pelo 3.º Congresso Brasileiro de Hygiene, era de 7.160.705 habitantes, sobre uma superficie de 247.239 kilometros quadrados, e a da capital, era de 1.070.986, sobre 897 kilometros quadrados. A população relativa era, pois respectivamente, de 28,96 e 1.193,96 habitantes por kilometro quadrado.

E' pormenor que interessa observar aqui que se elevou a mais de 100.000 pessoas, a corrente immigratoria para o Estado, assinalada pela Secretaria da Agricultura.

INSTRUÇÃO PUBLICA — MATRICULA

A matricula verificada nos estabelecimentos de ensino official e particular, foi de 553.205 alumnos, sendo 496.604 no curso primario, 1.857 no complementar, 6.664 no normal, 16.557 no profissional, 29.239 no secundario, 149 em cursos technicos especializados e 2.135 no superior, incluindo neste numero os da Faculdade de Direito.

Estabelecendo-se o confronto entre os dados acima e os referentes ao anno lectivo anterior, resalta logo, á evidencia, o grau de progresso do nosso aparelhamento educacional, verificando-se um accrescimo de 67.663 matriculas.

O numero dos institutos de ensino que são mantidos pelo Estado subiu a 3.343, sendo 3.310 do curso primario, 10 do

complementar, 10 do normal, 8 do profissional, 3 do gymnasiaal e 2 do superior.

A matricula nos estabelecimentos de ensino primario ascendeu a 388.418 alumnos, maior do que a de 1928 em 42.928. Eram do sexo masculino, 206.227, e do feminino, 182.191, distribuidos por 8.032 classes, sendo, pois, de 48,35 a matricula média por unidade escolar. O numero de promoções attingiu a 152.111 e o de alphabetizações a 69.541.

Nas escolas complementares matricularam-se 1.857 alumnos, tendo-se inscripto para os exames de sufficiencia 863 candidatos, dos quaes 614 alcançaram média para admissão. Nas escolas normaes, a frequencia accusa a cifra de 3.616 alumnos, 401 masculinos e 3.215 femininos; nas profissionaes, 5.237; nos gymnasios, 1.397 e nas escolas superiores, 607. Subiu, portanto, a 401.132 a matricula em todos os estabelecimentos mantidos pelo Estado, superior á do anno lectivo de 1928, que foi de 354.974.

As escolas normaes livres, em numero de 41, foram frequentadas por 3.048 alumnos, contra 1.503 no anno anterior, ou seja mais do que o dobro.

As escolas particulares, em numero de 1.145, sendo 470 na capital e 675 no interior, tiveram um total de 132.608 alumnos, sendo 92.484 no curso primario, 27.842 no secundario, 11.320 no profissional e 962 no superior. Houve, pois, um augmento de 16.849 sobre 1928.

As escolas mantidas pelas Municipalidades, em numero de 370, tiveram 15.702 discipulos, numero tambem superior ao de 1928, que só attingiu a 11.430.

O seguinte quadro mostra o movimento geral do ensino nos tres ultimos annos :

	1927	1928	1929
Primario	365.404	434.602	496.604
Complementar	1.331	1.716	1.857
Normal, gymnasiaal e secundario	22.844	33.816	35.903
Profissional	13.155	14.131	16.557
Superior	999	1.318	2.284
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	403.733	485.583	553.205

GRUPOS ESCOLARES

Funcionaram no Estado 297 grupos escolares, 47 na capital e 250 no interior, com 4.249 classes.

A matricula nesses estabelecimentos foi de 191.320 alumnos, 97.526 masculinos e 93.704 femininos. Desses, 98.004 foram promovidos, 13.801 concluíram o curso e 36.763 foram alfabetizados. Todos esses algarismos denotam um progresso sensível sobre os relativos ao anno anterior.

Como medida das mais efficazes, no sentido de dar instrução ao grande numero de crianças em idade escolar obrigatoria, isto é, de 8 annos completos a 11 incompletos, o tresdobramento dos nossos grupos escolares representou uma iniciativa opportuna.

Apurado o resultado, ao termo do anno lectivo, verificou-se que a providencia foi das mais acertadas, porquanto, além de proporcionar um augmento apreciavel de matricula, o trabalho alfabetizante foi de maior efficiencia, apesar de só terem as classes supplementares sido creadas na segunda quinzena de março.

E é bem essa a verdade, por isso que, nos grupos escolares da capital, existiam, em novembro de 1928, 37.725 alumnos e, em novembro do anno seguinte, esse numero subiu a 43.725, accusando, portanto, uma differença, para mais de 5.348; assim tambem a porcentagem de alfabetização que, em 1928, alcançou 61,35 por cento, foi de 60,06 por cento nas classes de 4 horas e 62,77 por cento nas supplementares, isto é, de 3 horas de funcionamento.

O problema, que se apresentava de difficil solução, foi resolvido satisfactoriamente, determinando um augmento apenas de 330:000\$000 nas verbas do ensino primario.

Attendendo ainda a necessidades do ensino, o governo, por decreto de 21 de fevereiro ultimo, creou mais dois grupos escolares na capital, um em Villa Esperança, e outro em Sacoman, e cinco no interior, nas seguintes localidades: em Salles de Oliveira, municipio de Orlandia, em Gramma, Mundo Novo, Dobrada, municipio de Mattão, e em Santo Anastacio.

ESCOLAS REUNIDAS

Nas escolas reunidas, em numero de 213, sendo 11 na capital e 202 no interior, matricularam-se 46.181 alumnos, dos

quaes 25.934 masculinos e 20.247 femininos. Foram promovidos 16.529, alfabetizados 8.189, e concluíram o curso 2.544. O excesso de matrícula sobre o anno anterior foi de 5.423 alumnos, o que determinou a criação de mais 74 classes sobre as já existentes.

ESCOLAS ISOLADAS

O numero de escolas isoladas que funcionaram em todo o Estado foi de 2.788, sendo 585 urbanas e 2.203 ruraes. A matrícula, nesses estabelecimentos, subiu a 149.393 alumnos contra 115.960 do anno antecedente, havendo um accrescimento de 33.433 crianças e um augmento de 104 escolas providas. Foram alfabetizados 23.967 alumnos e promovidos 36.920.

A disseminação do ensino por meio dessas escolas evidencia-se pelos dados acima, principalmente nos nucleos ruraes, estando o governo, na medida das suas forças, empenhado em diffundi-las o mais possivel.

JARDIM DA INFANCIA

No Jardim da Infancia annexo á Escola Normal da Praça da Republica, matricularam-se 542 crianças, 275 masculinas e 267 femininas. Obtiveram promoção 411, o que dá uma percentagem de 84,3. Houve um excesso de 74 crianças sobre o anno anterior. O cotejo dos dados acima dá bem idéa da efficiencia do ensino ministrado nesse estabelecimento, pois a percentagem de promoções que, em 1928, foi de 76 %, alcançou, no anno findo, 84,3 %.

ESCOLAS MATERNAES

Funcionaram no Estado 6 escolas maternas — 4 na capital, sendo 2 na Cruz Azul e 2 da Fundação Paulista de Assistencia á Infancia, e 2 no interior, a de Santa Rosalia e a de Votorantim, em Sorocaba.

Essas escolas foram frequentadas por 720 crianças, das quaes 337 masculinas e 383 femininas. Houve 181 promoções.

ESCOLAS COMPLEMENTARES

Nas 10 escolas complementares estiveram matriculados 1.857 alumnos, sendo 418 do sexo masculino e 1.439 do femi-

nino, distribuidos por 41 classes. O numero de approvações foi de 1.186.

ESCOLAS NORMAES

Existiam no Estado 10 escolas normaes officiaes, 9 de 3 annos e 1 a Escola Normal da Praça da Republica, de 5 annos. Essas escolas, em 75 classes, tiveram a frequencia de 3.616 alumnos, mais 490 do que o anno anterior.

Eram 401 do sexo masculino e 3.215 do feminino. Obtiveram promoção 2.642 e foram diplomados 467. Nos exames de admissão inscreveram-se 1.621 candidatos, tendo sido approvados 633.

ESCOLAS NORMAES LIVRES

Espalhadas, como se acham, por todo territorio do Estado, as Escolas Normaes Livres tem prestado inestimavel serviço não só como estabelecimentos destinados á formação de professores para as zonas ruraes, mas tambem como centros de cultura nas mais afastadas regiões do interior paulista.

Funcionaram com bons resultados, 41 Escolas Normaes Livres, sendo 2 na capital e 39 no interior, com 85 classes e matricula de 3.048 alumnos contra 1.503 em 1928. Houve 2.355 approvações e aos exames de admissão concorreram 1.426 candidatos, sendo approvados 1.181.

Convicto do inestimavel serviço que essas escolas irão prestar ao ensino, tem o Governo procurado dotá-las dos meios necessarios ao seu regular funcionamento. Assim, no sentido de tornar mais efficiente a sua fiscalização e, principalmente, a orientação do ensino nellas ministrado, criou um corpo de inspectores geraes para esses estabelecimentos, além da inspecção especializada de musica e educação physica, confiada a 4 inspectores.

ENSINO PARTICULAR

Ao lado do crescimento progressivo do ensino publico tem se desenvolvido no Estado, sob a directa fiscalização da Directoria Geral, a instrucção ministrada pelas escolas particulares, que vêm assim cooperando efficientemente na obra educacio-

nal do nosso povo. Os dados estatísticos adiante evidenciam o grande progresso desses estabelecimentos, cuja matrícula cresce de anno para anno, numa prova accentuada do muito que já deve o Estado, em materia de educação, á iniciativa particular.

Uma das faces importantes do modo por que tem a Directoria Geral da Instrucção Publica encarado o problema da fiscalização das escolas particulares é a da nacionalização do ensino ministrado pelos institutos dirigidos por estrangeiros, problema atacado com firmeza e solucionado com a clara visão dos interesses da nossa nacionalidade. Campanha sympathica e de alta relevancia, havia de despertar, como aconteceu, éco na imprensa e nas escolas superiores dando como resultado a acção desenvolvida pelos academicos de Direito, que chamaram a si a missão patriótica de prégar o civismo nas escolas particulares, promovendo palestras e conferencias por occasião das datas nacionaes.

Foi o seguinte o movimento das escolas particulares no exercicio escolar findo: alumnos matriculados 132.608, sendo 67.350 em escolas da Capital e 65.258 no interior. A matrícula geral está distribuida pelos seguintes cursos: 44.455 no primario, 14.330 no secundario, 8.326 no profissional e 239 no superior. Eram gratuitos 26.180. O numero de professores era de 4.484.

PROFESSORES LEIGOS

Os seguintes dados estatísticos comprovam significativamente a cooperação, necessaria por emquanto, do leigo na diffusão do ensino primario. Frequentaram as escolas regidas por professores leigos 50.044 contra 40.625 do anno anterior, accusando portanto, um augmento de 9.420 alumnos. Foram alfabetizados 10.101, 3.482 mais do que no anno anterior. As promoções foram em numero de 14.161, 6.435 mais do que no anno anterior, em que foram promovidos 7.726 alumnos.

INSPECÇÃO MEDICA E ASSISTENCIA DENTARIA ESCOLAR

A inspecção medica e a assistencia dentaria vão desenvolvendo cada vez mais seus trabalhos junto aos estabelecimentos de ensino, ministrando ás crianças a indispensavel educa-

ção sanitaria, assim como prestando-lhes eficaz assistencia medica e dentaria. O numero de visitas dos inspectores medicos ás escolas publicas foi de 1.082, e ás particulares de 453.

As suas diversas clinicas tiveram o seguinte movimento :

a) molestias internas e verminoses : alumnos examinados, 827; consultas, 750; prescripções medicas, 1.488; injeções e curativos, 19; analyses requisitadas, 216.

b) pelle e syphilis : exames, 369; consultas, 284; prescripções, 450; curativos, 8; analyses requisitadas, 105; injeções, 49.

c) olhos : exames, 740; consultas, 465; prescripções medicas, 273; receitas para oculos, 387; curativos, 177; analyses requisitadas, 89; operações, 21; exames especializados, 12.

d) garganta, nariz e ouvidos : exames, 835; consultas, 432; prescripções medicas, 237; operações, 632; curativos, 120; injeções, 16; analyses requisitadas, 4; exames especializados, 14.

e) dentes : o inspector dentario fez 251 visitas a escolas publicas, inspeccionando, 1.154 alumnos ; expediu 679 boletins, fez 142 prelecções sobre hygiene bucco-dentaria e realizou 251 inspecções a gabinetes dentarios dos estabelecimentos de ensino. O movimento dos gabinetes dentarios escolares foi o seguinte: exames, 7.115; avulsões, 18.866; obturações e restaurações, 11.105; curativos, 26.946, pivots, 30; corôas, 4. total: — 56.186.

ESCOLAS PARA DEBEIS E PARA ANORMAES

A missão do medico escolar não podia ficar restricta á hygiene e tratamento dos alumnos. Elle é hoje o auxiliar indispensavel do professor na sua função medico-pedagogica e o primeiro passo nesse sentido já foi dado com a criação das escolas para debeis e para anormaes, ambas sob orientação da Inspeção Medico-escolar.

ESCOLAS PROFISSIONAES

Existiam 8 escolas profissionaes, sendo 3 masculinas, 4 mistas e 1 feminina. Desses estabelecimentos, 2 estão localizados na capital e 6 no interior. Ha, actualmente, em organi-

zação, mais 2 escolas profissionaes: uma em São Carlos e outra em Mocóca.

A matricula geral dessas escolas foi de 5.237 alumnos, sendo 2.554 masculinos e 2.683 femininos. Esses numeros accusam um augmento de 1.087 sobre os de 1928. A porcentagem de frequencia annual foi de 83,5 %.

Essa excellente porcentagem demonstra um crescente interesse e enthusiasmo pelo ensino technico-profissional e uma comprehensão mais clara e exacta do valor e das vantagens dessa educação. Graças á acção das escolas profissionaes, o nosso povo começa a admittir o principio de educação baseada nos trabalhos manuaes, no uso das ferramentas e no manejo das machinas, porque percebe que nessa apprendizagem activa a juventude aperfeiçoa suas aptidões para as artes, para os officios e para todas as actividades da vida.

MOVIMENTO ECONOMICO

O producto das vendas de artefactos, e serviços executados pelos alumnos, nas officinas de nossas oito escolas profissionaes, attingiu, no exercicio passado, a importancia de 353:233\$780, a qual foi applicada da seguinte fórma:

	Renda annual	Applicada na escola	Porcentagem dos alumnos
1 — Masc. da capital	66:619\$900	37:781\$510	6:401\$410
2 — Fem. da capital	79:729\$300	25:272\$300	18:579\$730
3 — Masc. de Amparo	75:628\$330	28:735\$387	21:178\$737
4 — Masc. de R. Claro	27:370\$300	21:634\$630	2:744\$800
5 — Mista de Franca	21:600\$100	17:961\$540	1:479\$550
6 — Mista de Campinas	49:166\$400	35:670\$430	4:751\$950
7 — Mista Rib. Preto	23:106\$348	15:684\$505	3:175\$640
8 — Mista de Sorocaba	10:012\$700	8:740\$200	636\$250
	353:233\$378	191:480\$502	58:948\$067

Essas escolas recolheram ao Thesouro, respectivamente, 22:436\$980, 35:877\$270, 25:714\$206, 2:990\$870, 2:160\$010, 8:744\$020, 4:246\$203 e 636\$000, num total de 102:905\$559.

BIBLIOTHECA E PUBLICIDADE

De ha muito que se tornára uma necessidade para a Directoria Geral da Instrucção Publica a criação do departamen-

to da Publicidade, devido não só ás suas relações com os centros educacionistas do exterior, como, e principalmente, para poder irradiar, por todo o Estado, desde as cidades mais importantes até os rincões mais afastados, os novos methodos e processos em uso, bem como theorias e instrucções necessarias e imprescindiveis para a boa compreensão das doutrinas preconizadas pela evolução da propria pedagogia.

E' de salientar-se, nesse ponto, o valor das circulares e communicados á imprensa que a repartição vem fornecendo quasi que diariamente, dando todos os esclarecimentos precisos sobre o desenvolvimento do nosso mecanismo escolar.

A esse departamento incumbe ainda encaminhar a organização e distribuição de folhetos, relatorios e annuarios, bem como proceder á revisão dos originaes e provas dos trabalhos da Directoria Geral que devem ser dados á publicidade.

De accordo com o plano delineado, a Directoria Geral fez, no anno transacto, larga distribuição de folhetos e impressos e encarregou-se da divulgação e propaganda dos trabalhos da III Conferencia Nacional de Educação, tendo dado á publicidade, em volume de mais de mil paginas, os Annaes relativos áquelle importante certame educacional.

A Bibliotheca da Directoria, annexa á Publicidade, tem trazido ao professorado em geral grandes beneficios, desde que foi tomada a iniciativa de facultar-lhe a retirada de volumes para o estudo e consultas, tendo sido frequentada por 1.906 pessoas, e consultadas 2.083 obras impressas, quasi todas sobre pedagogia e educação e em diversos idiomas.

No intuito de dar-lhe maior amplitude, foi augmentado o seu fichario bibliographico com a aquisição de diversas obras de valor, além do já apreciavel acervo recebido por doação de particulares.

“EDUCAÇÃO”

A revista “Educação” continuou a desenvolver-se, tendo actualmente cerca de 4.500 assignantes. As edições, mensaes, acham-se perfeitamente regularizadas.

Possue ella machinas e ficharios que facilitam e controlam as remessas, de modo a reduzir ao minimo as reclamações por irregularidade de entrega.

Quanto ao programma, a revista continua a mesma trilha que vem seguindo, desde o inicio, divulgando trabalhos

pedagogicos de valor, nacionaes e estrangeiros, afim de elevar o nivel da cultura profissional, procurando orientar o professorado de maneira a alcançar-se maior efficiencia nos trabalhos escolares.

III CONFERENCIA NACIONAL DE EDUCACÃO

Promovida pela Associação Brasileira de Educação, do Rio de Janeiro, reuniu-se nesta capital, de 7 a 14 de setembro, sob os auspícios do governo, a III Conferencia Nacional de Educação, sob a presidência do professor Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional do Ensino e representante do governo federal nesse certame.

A maioria dos Estados, o Districto Federal, varias municipalidades e grande numero de associações educativas e pessoas interessadas tomaram parte nessa Conferencia, cujos trabalhos estão minuciosamente relatados nos Annaes publicados pela Directoria Geral da Instrucção Publica.

ALMOXARIFADO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA

O Almojarifado da Instrucção Publica, repartição subordinada á Directoria Geral, é incumbido de supprir de material escolar os estabelecimentos officiaes de ensino primario.

Como vem acontecendo de anno para anno, avolumou-se ainda mais o serviço desse departamento, com a criação e provimento de novas unidades escolares. Além de abastecer do material de uso corrente as classes e escolas em funcionamento, precisou fornecer a dotação inicial completa para a installação de duas escolas reunidas e de 85 escolas isoladas, e de proceder á remontagem de 20 grupos escolares, 5 escolas reunidas, tres escolas normaes e 1 gymnasio estadual.

Juntando-se as despesas effectuadas com fornecimentos "particulares e especiaes", que, devido ás dotações feitas a diversas escolas secundarias e profissionaes (mórmente á Escola Profissional Mixta de Sorocaba, installada ha poucos mezes), montaram a mais de 500:000\$000, verifica-se que a importancia total de todo o fornecimento se elevou a 1.725:776\$380, quantia superior á do anno anterior, como prova o seguinte resumo comparativo :

	1929	1928
Grupos escolares e escolas reunidas, da Capital	338:989\$906	656:790\$921
Escolas isoladas da Capital	25:025\$004	21:682\$551
Particulares e especiaes	503:571\$464	139:532\$755
Grupos e escolas reunidas do interior	633:006\$777	548:709\$508
Escolas isoladas do interior	225:183\$229	344:896\$027
Total	1.725:776\$380	1.711:611\$762
Média mensal	143:814\$698	142:634\$313

Não obstante parecer pequena a diferença entre esses dois annos consecutivos, o fornecimento de 1929 foi, na realidade, bem maior que o de 1928, conforme o prova o numero de volumes expedidos, que se elevou a 52.266 contra 34.944, no anno anterior. Explica facilmente esse facto o systema adoptado para a aquisição do material — o de concorrência occasional — que bastante contribuiu para a redução crescente do custo de todos os artigos, que é presentemente igual e mesmo inferior ao corrente na praça.

Accentuou-se consideravelmente a economia resultante dessa melhora, pois, sem recorrer a creditos supplementares, o Almoxtarifado conseguiu, além dos fornecimentos annuaes e dos extraordinarios acima discriminados, formar consideravel “stock”, indispensavel para que possa attender com presteza ás necessidades mais urgentes do novo anno lectivo. Revela ainda salientar que se verificou o saldo de 72:686\$068, como demonstra o seguinte Balanço da Receita e Despesa, apresentado pela Contadoria :

<i>Verbas</i>	<i>Receita</i>	<i>Despesa</i>
a) Para pagamento do pessoal nomeado	67:200\$000	67:200\$000
b) Idem, do pessoal contratado	181:710\$000	172:139\$317
c) Idem, do aluguel de casa	36:000\$000	36:000\$000
d) Para acondicionamento, expedição, etc.	115:050\$984	73:462\$072
e) Para aquisição de material, etc.	2.502:699\$400	2.447:694\$510
Despesa realizada e a pagar	—	33:478\$417
Saldo	—	72:686\$068
Total	2.902:660\$384	2.902:660\$384

Todas as secções do Almojarifado executaram seus trabalhos com regularidade.

A Contadoria fiscalizou todo o serviço de escripturação, levantando mensalmente os respectivos balancetes, recebeu e prestou contas dos adiantamentos retirados para attender ao transporte de material escolar e a outras despesas de prompto pagamento.

A secção do "stock" deu melhor disposição á consideravel quantidade de artigos em deposito, desempenhou fielmente suas attribuições, e procedeu, em dezembro, a um exacto e minucioso inventario de todo o material restante, que se póde resumir nas seguintes parcellas :

Livros e obras didacticas	289:115\$708
Material de expediente	667:940\$397
Moveis e utensilios escolares	346:667\$719
Total	1.303:723\$824

A Expedição providenciou sobre a remessa de 52.266 volumes, acompanhados de 5.775 facturas, e pesando os despachos para o interior, 442.866 kilogrammas.

As Officinas produziram trabalhos diversos avaliados em 163:401\$301 e executaram a reforma de boa parte do material arrecadado, reforma que custou ao Estado 26:944\$825, sendo o preço de igual material novo de 94:696\$000. Conseguiu-se, assim, com esse serviço, uma economia de 67:751\$175.

Póde-se resumir, no seguinte quadro, a situação financeira do Almojarifado para o presente exercicio :

Verba votada para aquisição e remessa de material	2.000:000\$000
Valor do "stock" existente em 31/12/1929	1.303:723\$824
Valor da materia-prima e do material de acondicionamento	30:997\$288
Total	3.334:721\$112

INSTITUTO DE HYGIENE

Cumpre ao Instituto de Hygiene, além do preleccionamento da cadeira dessa materia, na Faculdade de Medicina, prover a cursos de especialização em hygiene para medicos e en-

genheiros, cursos para educadores sanitarios e auxiliares technicos de laboratorio da saude publica, cursos para microscopistas, guardas sanitarios, etc.

Com o maximo de eficiencia permittida pelas condições do Instituto, foram professados esses cursos, frequentados em sua maioria por professores publicos e funcionarios do Serviço Sanitario.

A formação de profissionaes hygienistas é preocupação universalmente reconhecida, sendo de notar-se o crescente interesse que tomam todas as nações pela organização de escolas dessa natureza.

Criado em 1918 e officializado em 1924, até agora vem o Instituto de Hygiene funcionando em predio alugado, que não offerece as accommodações necessarias aos seus serviços.

Ficará elle perfeitamente alojado no novo predio em construcção; obra de vulto, que, apesar do auxilio prestado pela Fundação Rockefeller, exige ainda cerca de 600:000\$000, para a sua conclusão, havendo o orçamento do presente exercicio consignado para esse fim, apenas a verba de 100:000\$000.

Com as novas installações, ficará o Instituto aparelhado como os seus melhores congeneres.

Pelos estudantes de medicina foram levadas a termo 47 inspecções sanitarias, affectuadas em localidades do interior e districtos da capital. Oito technicos fizeram um estagio no Instituto, adquirindo maior pratica de methodos de laboratorio.

Pela primeira vez, desde que foi officializado, concluiu-se um curso de especialização em saude publica, para medicos, iniciado a 8 de outubro de 1928, o qual foi frequentado por 13 facultativos, na maioria funcionarios do Serviço Sanitario.

Funcionou tambem, com muito proveito, o curso de educadores sanitarios, no qual estiveram matriculados 33 professores publicos, que terminaram o seu apprendizado e estagio a 14 de dezembro.

Centro de estudos e pesquisas scientificas, ahi se promovem tambem exames communs de laboratorio, para attender a outras repartições sanitarias do Estado, taes como a Inspectoria de Educação Sanitaria e Centros de Saude, Inspeção Medico-Escolar, etc.

Esses exames elevaram-se ao alto total de 19.40.

SEMINARIO DAS EDUCANDAS

Sob a direcção e zelo das dignas irmãs de São José, funcionou com toda regularidade o Seminario Nossa Senhora da Gloria, estando matriculadas 120 educandas.

O seu estado sanitario manteve-se optimo, e a instrucção foi ministrada com proveito.

FACULDADE DE MEDICINA

A Faculdade de Medicina vem apresentando notavel progresso, não só no tocante ao ensino, como no desenvolvimento das investigações scientificas, e para esse resultado muito concorreram as medidas postas em pratica, como a do tempo integral, a da frequencia obrigatoria e a da limitação do numero de alumnos.

Esse numero vem sendo de 50 alumnos para cada anno do curso, e será elevado logo que fôr concluido o grande edificio em construcção.

As obras desse predio continuam, de modo a ser possivel terminá-lo dentro de breve prazo, transferindo-se logo para elle a Faculdade.

Essa mudança, entretanto, determinará ainda não pequeno dispendio de installação e de equipamento.

Imprescindivel se torna tambem construir-se um hospital annexo, dotado de todos os requisitos para o ensino e para supprir as necessidades da assistencia hospitalar, tão precaria em S. Paulo.

Com um tal aparelhamento, ficará a Faculdade de Medicina completamente montada, podendo corresponder, então, a todas as exigencias da moderna pedagogia medica.

Receberam o diploma de medico 46 alumnos.

ESCOLA POLYTECHNICA

Estiveram matriculados na Escola Polytechnica, 159 alumnos, inclusivé 18 ouvintes.

Inscreveram-se no exame vestibular 58 candidatos, dos quaes foram approvados 24.

A média da frequência dos alumnos em todos os cursos foi de 77,1 %, e a do pessoal docente de 96,5 %.

Diplomaram-se 10 engenheiros civis, 3 engenheiros architectos, 4 electricistas, 4 chimicos e 1 chimico industrial.

Em 1929, só foi distribuido o premio — Medalha Cesario Motta — ao alumno Caio Dias Baptista, por ter alcançado a nota distincta mais elevada no Curso Preliminar.

A bibliotheca da Escola foi enriquecida com 225 volumes, dos quaes 127 foram adquiridos e 98 doados.

ESCOLAS DE PHARMACIA

De accôrdo com a lei n. 2.350, de 31 de dezembro de 1928, foram equiparadas ás suas congeneres estaduaes, já reconhecidas, a Escola de Pharmacia e Odontologia de Ribeirão Preto e Faculdade de Pharmacia e Odontologia "Dr. Washington Luis", de Piracicaba, e a Faculdade de Pharmacia e Odontologia de São Paulo.

PENSIONATO ARTISTICO

De conformidade com o decreto n. 2.234, de 24 de abril de 1912, vem o Estado mantendo, de accôrdo com a verba orçamentaria, em centros artisticos da Europa, na qualidade de seus pensionistas, moços que revelam decidida e comprovada vocação artistica.

Com a terminação do seu prazo regulamentar, voltou um ao Estado, continuando nove nos centros europeus, sendo que todos vêm dando cabal desempenho aos seus deveres, demonstrando real aproveitamento.

BIBLIOTHECA PUBLICA

A Bibliotheca Publica foi visitada por 13.991 pessoas, que consultaram 20.439 obras, assim classificadas segundo o sistema decimal de Melvil Dewey, adoptado pelo Instituto Internacional de Bibliographia de Bruxellas:

Obras geraes, 2.866; Philosophia, 642; Religião, 350; Sciencias sociaes e Direito, 2.923; Linguistica, 1.455; Sciencias Puras, 1.689; Sciencias Applicadas, 1.459; Bellas Artes, 346; Literatura, 6.773; Historia e Geographia, 1.946.

Das obras consultadas, eram 345 em inglês, 49 em alemão, 2.921 em francês, 396 em italiano, 225 em hespanhol, 16.089 em portuguez, 346 em latim, 17 em grego, 51 em outros idiomas.

MUSEU PAULISTA

No Museu Paulista abriu-se uma nova sala á visita publica, na qual se encontram documentos preciosos sobre as monções e tres magnificos paineis do grande pintor paulista Almeida Junior: "A Partida da Monção", "São Paulo no caminho de Damasco", e o retrato do presidente Prudente de Moraes. A essa nova secção foi dado o nome de "Sala das Monções Almeida Junior".

Visitaram o Museu 179.471 pessoas. A' respectiva bibliotheca, foram accrescidos 2.413 volumes, obtidos por doação, compra e, sobretudo, por permuta. Muitos desses volumes vieram completar collecções scientificas de valiosas obras seriadas, que de ha muito estavam truncadas.

Inicou-se a impressão do tomo XVII da "Revista do Museu Paulista" e do tomo IV dos "Annaes do Museu Paulista".

Duas excursões scientificas foram realizadas; uma, pouco dilatada, ás cabeceiras da Ribeira de Iguape, e outra, bem mais extensa, ao sul do Estado de Matto Grosso.

MUSEU DE ITU

O Museu de Itu foi dotado de mais alguns retratos de convencionaes, e de diversas peças para as collecções que formam o ambiente antigo da velha casa da Convenção de 1870.

Foi de 2.860 o numero de pessoas que o visitaram.

PINACOTHECA DO ESTADO

Pelas salas de exposição da Pinacotheca, passaram cerca de 19.150 pessoas.

A sua collecção de pintura foi enriquecida com os seguintes quadros a oleo, de autoria da ex-pensionista de arte do Estado, d. Annita Malfatti: um original "Tropical", e duas cópias: "Mulheres de Alger", de Eugène Delacroix, e "Les Glaneuses", de François Millet.

Por ser local mais proprio, foram transferidos para o Museu Paulista os seguintes quadros: "Partida da Monção", de Almeida Junior"; "Fundação de São Paulo" e "Descoberta do Brasil", de Oscar Pereira da Silva.

HOSPITAL DE JUQUERY

O Hospital de Juquery continuou a prestar inestimaveis serviços á população paulista, sendo adoptado nelle tudo quanto ha de mais adequado á assistencia a psychopathas.

Inaugurado ha mais de 30 annos, os primeiros edificios construidos necessitavam de completas reformas, o que se vai executando progressivamente, com os proprios recursos do estabelecimento. Terminadas essas reformas, estará o hospital, por assim dizer, remodelado, sendo de notar os grandes melhoramentos introduzidos nestes ultimos annos, como sejam nova cozinha, lavanderia e padaria a vapor, salas de cirurgia, clinicas dos olhos, nariz, ouvidos e garganta, secção de physiotherapia, raio X, etc.

Continua a haver enorme procura de lugares, como comprova o numero sempre crescente de pedidos, que, na sua maioria, não puderam ser attendidos por estar o estabelecimento super-lotado.

Existiam em 1.º de janeiro, 1.864 psychopathas; entraram durante o anno 219; saíram 110; falleceram 110. Existiam em 31 de dezembro 1.863.

A renda do Hospital attingiu a somma de 537:260\$000.

Está concluida a primeira parte da construcção destinada ao Manicomio Judiciario, e o pavilhão para alienados tuberculosos vai bem adiantado, faltando apenas a cobertura e as varandas lateraes.

Foi publicado o IV numero das "Memorias do Hospital de Juquery".

A 29 de maio, com a presença dos secretarios do Interior e da Justiça, foi inaugurada a Escola para anormaes do sexo masculino, a primeira do Estado, cuja falta se fazia sentir de longa data.

Os asylados em condições de trabalhar continuaram a occupar-se nos diversos serviços de ergotherapie, sempre com o maior proveito para a saude physica e mental, contribuindo tambem para augmentar a producção do estabelecimento. Os

doentes empregados nesses misteres foram 474 homens e 59 mulheres. Na assistência familiar existiam, em 31 de dezembro, 17 doentes.

As colheitas das plantações feitas e tratadas pelos insanos validos produziram 157.744 kilos de raiz de mandioca, 510 kilos de batatas, 1.200 kilos de cará, 8.785 kilos de feijão, 60.031 kilos de milho e 270 kilos de fumo. O rendimento das criações foi de 54.978 litros de leite, 2.879 kilos de carne verde, 18.543 kilos de carne de porco e 41.289 dúzias de ovos.

Foram abatidas 1 257 rezes, com o peso total de 281.874 kilos. Das criações do estabelecimento foram abatidas 12 cabeças, pesando 2.789 kilos.

A padaria produzia 1.225.000 pães, com o peso total de 176.682 kilos.

Foram torrados e moidos 20.194 kilos de café em grão que produziram 15.790 kilos de café e fabricados 17.538 kilos de sabão.

JUIZO DE MENORES DA CAPITAL

Os delictos praticados por menores, na comarca da capital, mantiveram-se, durante o anno, numa phase estacionaria, representando percentagem minima no movimento global.

Assim é que foram iniciados 2.707 processos, sendo apenas 173 criminaes, dos quaes 41 foram archivados por falta de provas.

De 72 menores submettidos a julgamento, 44 foram absolvidos.

JUIZO DE MENORES DE CAMPINAS

Foi installada a 2 de junho o Abrigo Provisorio de Menores, que se acha funcionando em predio alugado a expensas da Municipalidade.

De então para cá, foram recebidos no Abrigo 85 menores, que tiveram o seguinte destino: 12 foram internados no Instituto Disciplinar de Mogy Mirim; 5, na Seccão de Anormaes, annexa ao Hospital de Juquery, 5 entregues sob tutella; 28 confiados á guarda de pessoas idoneas; 12 restituídos aos paes, e 3 internados no Gymnasio Diocesano; existindo actualmente, 19.

ASSISTENCIA A MENORES

Não descurando do serviço de assistência e protecção a menores abandonados, pervertidos, delinquentes e anormaes, o governo tratou de remodelar os seus actuaes institutos para adaptá-los ao novo regimem legal.

Assim é que estão em franca actividade as obras para a construcção do edificio destinado á escola de preservação para menores do sexo feminino, localizada em terreno do Instituto Disciplinar da capital.

Num pavilhão annexo ao Hospital de Juquery funciona com regularidade uma escola para anormaes, sob a direcção de psychiatras e de professores especialistas na educação da infância retardataria.

Com a pratica dessas medidas ficará supprida uma das mais urgentes necessidades do serviço de assistência.

CONSELHO PENITENCIARIO

O Conselho Penitenciario realizou oito sessões.

Foram submettidos á sua deliberação 39 processos de livramento condicional, e postos em liberdade condicional, em virtude de sentença do sr. juiz de direito das execuções criminaes da comarca da capital, 9 sentenciados.

PENITENCIARIA DO ESTADO

A disciplina e hygiene neste estabelecimento nada deixaram a desejar, não se registando facto algum que as viesse comprometter.

A população carceraria era, a 31 de dezembro, composta de 847 sentenciados, dos quaes 154 procedentes da capital, e 693 do interior do Estado.

O numero de promptuarios criminaes elevou-se a 2.234 semco todos completados com informações sobre os antecedentes sociaes, policiaes e judiciais dos sentenciados.

Inaugurou-se a 1.º de dezembro o Terceiro Pavilhão Penal, com capacidade para alojar 430 presos, estando installados na sua ala esquerda os officinas de calçados, e na sua ala

direita, as oficinas de colchoaria, as salas de musica, orpheon, desenho e duas classes de alphabetização.

O novo pavilhão pôde comportar o restante dos condemnados que, nas cadeias do interior, aguardam vagas.

INSTITUTO CORRECCIONAL

Os trabalhos das officinas do Instituto Correccional produziram a renda de 34:049\$900, e os serviços agricolas, que correram com toda a regularidade, contribuíram, para a economia do estabelecimento, com a importancia de 26:074\$000.

O estado sanitario manteve-se em boas condições.

A 1.^a de janeiro existiam 105 presos.

Deram entrada, durante o anno, 139 ; foram postos em liberdade, 39 e remettidos para a capital, 37.

INSTITUTOS DISCIPLINARES

Correram normalmente, os trabalhos dos Institutos Disciplinares da capital e de Mogy-Mirim. Os internados receberam proveitosa instrucção, demonstrando satisfactorio aproveitamento nos exames finaes. Não foi descurada a educação physica, sendo regularmente ministrados os exercicios de gymnastica e de instrucção militar. As condições de hygiene de ambos os estabelecimentos foram boas, como tambem o seu estado sanitario. A officina de alfaiataria do Instituto de Mogy-Mirim confeccionou 226 uniformes, destinados aos mesmos internados.

FORÇA PUBLICA

Manteve-se disciplinada, coesa e efficiente a Força Publica do Estado.

Attendendo a que eram exiguos os vencimentos dos inferiores e praças, esses leaes servidores do Estado foram contemplados com equitativo augmento, que lhes vem sendo pago desde janeiro do anno proximo findo, reajustados assim os seus salarios ás necessidades da vida actual.

O governo cuidou, também, do importante problema da construção de quartéis, tendo proseguido as obras do de Itapetininga, e iniciado as dos de Bauru e Presidente Wenceslau.

O Batalhão de Bombeiros Sapadores, necessitado de material apropriado, de que carecia, não havia acompanhado esse desenvolvimento assombroso da capital, onde casas terreas — umas, de dois e tres pavimentos outras, foram substituidas por construcções agigantadas, de muita altura, não podendo, por isso, prestar o serviço a que estava destinado. Atendendo a essas circumstancias, foi dotado de apparatus modernos e efficientes, estando, agora, habilitado a attender, como já demonstrou, ás necessidades locais.

A Esquadilha de Aviação, á qual faltavam aviões e material adequado, vitalizou-se pela aquisição de seis apparatus alguns em pleno funcionamento, outros dependendo apenas de montagem, e é hoje uma unidade eminentemente util, onde ha também uma verdadeira faina de aprendizagem e aperfeiçoamento dos officiaes alumnos, e pilotos aviadores.

Modificou-se o plano de uniformes, velha aspiração do pessoal da Força.

Foram inaugurados os diversos cursos que formam o plano geral da instrucção, distribuido o ensino pelos cursos de instrucção geral, especial militar e de aperfeiçoamento, tendo sido apreciaveis os resultados colhidos.

O Batalhão Escola, que tem como fim principal o ensinamento das cousas militares, foi reorganizado pela lei n.º 2.314-B, de 20 de dezembro de 1928, e ali, o ensino é ministrado com proveito, pelas seis escolas seguintes: de recrutas; de cabos; de sargentos; de automobilismo; de educação physica; de radio-telegraphia.

ESCOLA AGRICOLA "LUIZ DE QUEIROZ"

A Escola Agricola "Luiz de Queiroz" finccionou com a maior regularidade, aperfeiçoando dia a dia os seus processos didacticos e pedagogicos, desenvolvendo amplamente as disciplinas theoricas e, ao mesmo tempo, augmentando os exercicios praticos nos laboratorios e no campo.

Foi contratado, nos Estados Unidos, um professor para leccionar phytopathologia.

Dos 72 candidatos inscriptos, no exame de admissão, apenas 17 conseguiram habilitar-se á matricula.

Cursaram as aulas 130 alumnos, sendo no Curso Fundamental 76, no 1.º Anno Geral 17, no 2.º 21 e no 3.º 16.

Por ser excessiva no Curso Fundamental a matricula de 76 alumnos, as respectivas classes foram desdobradas em duas secções, funcionando cada uma com 38 alumnos.

O numero de aulas dadas durante o anno lectivo nos diversos cursos, attingiu o total de 2.743, correspondente a 4.166 horas.

Houve um augmento de 433 aulas, sobre o anno anterior, correspondentes a um excesso de 894 horas.

Segundo a praxe, os alumnos, sob a direcção dos respectivos professores, realizaram varias excurções.

Foram mantidos tres estagiarios na Estação Experimental de Cana, em Piracicaba; na Secção do Parque, Horta e Pomar, da propria Escola, para especializar-se em fruticultura e silvicultura, e no Serviço de Citricultura do Instituto Agronomico de Campinas.

A Exposição Estadual de Animaes, effectuada no mez de junho, teve valiosa contribuição por parte da Escola, succedendo o mesmo com a Exposição Periodica de Frutas.

Installou-se definitivamente, em predio proprio, a 9.ª cadeira — Zoologia, Entomologia, Anatomia e Physiologia dos Animaes Domesticos.

O Pavilhão de Chimica, cuja construcção foi iniciada em abril de 1929, provavelmente ficará concluido este anno. Será a construcção mais importante que se tem ali feito nos ultimos tempos.

Na Fazenda-Modelo está sendo executado, em sua totalidade, o plano das seguintes culturas; milho, abobora, soja, feijão de porco, mandioca, arroz, mucuna, canna-taquara, algodão, café e capins Chloris, Jaraguá e Fino. Occupam essas culturas a área total de 801.100 metros quadrados.

Foram distribuidas, vendidas e fornecidas á Directoria de Inspeção e Fomento Agrícolas as seguintes quantidades de sementes: 2.640 kilos de milho, 4.260 de ramas de mandioca, 474 de mucuna preta, 15 de soja amarella, 986 de arroz dourado, 15 de cynamomo e 30 de feijão de porco, perfazendo o total de 8.420 kilos.

Os pomares acham-se convenientemente tratados, continuando a fazer-se no laranjal e vinhedo as experiencias de adubação, registo de colheitas e analyse rapida dos productos, ao mesmo tempo que se dá aos alumnos a pratica de fruticultura.

Quanto aos viveiros destinados á pratica dos alumnos, continuam a ser mantidos os mais variados e, para que á didactica não falte o material indispensavel, trata-se de reformá-los todos os anno,; sendo vendidas ou gratuitamente distribuidas as plantas ali multiplicadas.

No Porto Zootechnico annexo tem-se cuidado principalmente da criação de bovinos e suinos, e, muito secundaria-mente, de ovinos, caprinos, equinos e muares. Ao todo, em 31 de dezembro, existiam 194 animaes.

Em reunião especial da Congregação, foram indicados ao sr. ministro da Agricultura, pela ordem de classificação, os agronomos nas condições de fazerem no estrangeiro a especialização de seus estudos.

ESCOLA DE MEDICINA VETERINARIA

A Escola de Medicina Veterinaria funcionou obedecendo de um lado á organização da lei n.º 2.354, de 31 de dezembro de 1928, que veio sanar defeitos notados no ensino e na admissão de alumnos; e, por outro lado, continuou subordinada ao antigo regime, isto é, ao regulamento baixado com o decreto n.º 2.153, de 20 de janeiro de 1920. O inicio dos cursos deu-se a 15 de março.

Attrahidos pelas vantagens apresentadas na nova lei, entre as quaes está o titulo de Medico Veterinario, affluiram á matricula 50 candidatos.

Os alumnos do 2.º anno, que, por se haverem matriculado sob o antigo regimen, se acham obrigados a provas parciaes de dois em dois mezes, tiveram os seus primeiros exames a 15 de maio, os segundos a 19 de agosto e os terceiros a 15 de outubro. Os dois exames parciaes do 1.º anno, determinados pela nova lei, bem como os exercicios praticos, iniciaram-se a 10 de junho e 21 de outubro. Nos exames finaes, realizados de accôrdo com ambos os regulamentos, foram approvados em todas as cadeiras 7 alumnos do 1.º anno, ficou dependendo de uma cadeira, 1, e desistiram do curso, 9. No 2.º anno, 5 alumnos conseguiram approvação em todas as disciplinas, 1 foi reprovado em duas cadeiras e 1 não quiz continuar.

ESCOLA DE PESCA

As aulas da Escola de Pesca, em todos os cursos, tiveram início a 1.º de fevereiro e encerraram-se a 30 de novembro. Os programmas, préviamente organizados, foram integralmente desenvolvidos e os exames semestraes, realizados com o rigor exigido pela efficiencia do ensino, revelaram satisfactorio aproveitamento.

As aulas do Curso Vocacional, durante o anno lectivo, foram frequentadas por 40 alumnos. A matricula geral, apesar da eliminação de 16, elevou-se a 56. Estes numeros provam a boa acceitação desse curso que, por falta de capacidade da respectiva sala, teve, por vezes, de recusar alumnos.

Foram organizados, os cursos de pesca e carpintaria naval, e dados os primeiros passos para a installação dos cursos de mecanica e cordoaria.

A pesca costeira, com rêdes de arrasto, rêdes fluctuantes e fixas, grandes e pequenos engenhos, foi feita sem cessar. Os productos colhidos foram cuidadosamente seleccionados e classificados por especie. Encaminhou-se para o parque e camaras de defumação a parte sem immediato valor commercial, sendo os sub-productos aproveitados no fabrico de oleo e adubo.

A grande pesca maritima não foi descurada. O barco-escola "Dr. Julio Prestes" cruzou sem cessar as costas paulistas, entrando em todos os grandes e pequenos portos.

Matricularam-se no curso de pesca 39 alumnos e foram eliminados 9.

A officina de carpintaria naval acha-se dotada de machinario moderno, tendo preenchido integralmente os fins para que foi criada.

No curso de especialização foram matriculados 25 alumnos e eliminados 10.

A officina de mecanica naval, embora ainda não definitivamente installada por falta de pavilhão apropriado e por ser de alto custo o machinario preciso, fez o que pôde dentro dos seus actuaes recursos.

O curso de cordoaria e artefactos de pesca funcionou incorporado ao de pesca até 31 de outubro, passando a ter vida autonoma desde 1.º de novembro. Além das rêdes, o curso de cordoaria fabricou defensas, pinhas, lambaes, macas,

saccos de roupa, tégues, velas e outros artigos da sua especialidade.

Na Escola de Pesca, após o encerramento das aulas, inaugurou-se a exposição de trabalhos, onde figuraram os varios objectos manufacturados durante o anno lectivo. Todos os cursos se fizeram representar e o grande numero de visitas veio pôr em evidencia o interesse que o certame provocou.

A Escola, para maior efficiencia do ensino e desdobramento dos programmas, organizou o museu de ichthyologia, o laboratorio de criação artificial de peixes e o parque de salga.

Os cursos theoricos foram convenientemente desenvolvidos e ministradas noções de portugûês, arithmetica, geographia, historia, legislação da pesca, soccorro naval e hygiene. Os exames semestraes, tanto do curso theorico como dos cursos technicos, foram realizados na época propria, sob a fiscalização de bancas préviamente nomeadas e versaram sobre assumptos sorteados na occasião.

PARQUE MODELO DE APICULTURA

As aulas de Apicultura iniciaram-se em abril com uma matricula de 68 alumnos. Em média, a frequencia foi de 27 alumnos, num total de 38, — resultado mais que animador, por se tratar do primeiro anno de funcionamento. Tambem se iniciou o curso de ceroplastia (trabalhos em cera), especialmente destinados ás senhoras. A sua frequencia foi de 14 alumnas, sendo bom o resultado.

Importaram-se abelhas, não só da Italia, mas tambem do Rio Grande do Sul. Para a grande Exposição Estadual organizou-se um mostruario em que se encontrava minuciosamente documentada toda a vida das abelhas, desde a postura, até á criação artificial das rainhas. Todo o material foi executado nas officinas do Parque e o resultado da Exposição Apicola é o attestado eloquente do esforço dos alumnos e dos auxiliares. Para abrigo das abelhas vivas, construiu-se o Pavilhão Central, que serviu de modelo para as installações de particulares.

Na Exposição de Avaré, realizada em 14 de julho, o Parque figurou com mostruarios completos, desde o herbario até os eschemas mais interessantes sobre a vida desses insectos.

CURSOS DE CAPATAZES, APICULTURA E AVICULTURA

Na Directoria de Industria Animal, iniciaram-se as aulas praticas dos cursos de Capatazes, Apicultura e Avicultura, — cursos especializados que mereceram optimo acolhimento, pois em poucos dias a matricula attingiu os seguintes resultados, que são animadores :

Capatazes 20; Apicultura 56; Avicultura 54. — Total 130.

MUSEU AGRICOLA E INDUSTRIAL

A 26 de maio, terminados os preparativos da installação do Museu Agricola e Industrial, effectuou-se a sua inauguração. Contava elle, a esse tempo, com as seguintes secções :

- Secção de chapéus e calçados.
- Secção de louças e crystaes.
- Secção de industrias diversas.
- Pequena metallurgia.
- Grossa ceramica.
- Grossa metallurgia.
- Perfumarias e productos chimicos.
- Secção de industria animal.
- Alimentos de origem vegetal.
- Casas desmontaveis.
- Secção de tecidos de juta e algodão.
- Secção de papel e seus derivados.
- Secção de mobílias de junco e papel.
- Secção de moveis de estylo e tapeçaria.
- Secção de tecidos de lã e seda.
- Secção de mineraes.
- Secção de algodão, juta, sementes de diversas plantas texteis, fibra de diversas plantas texteis ;
- Secção de plantas narcoticas, fumo ;
- Secção de plantas industriaes diversas, mandioca, araruta, canna de assucar, aguardente, alcool, assucar ;

Secção de plantas oleaginosas, oleos vegetaes e residuos, sementes de algodão para oleo, oleo, tortas e farellos de algodão, amendoim, gergelim, girasol e mamona ;

Secção de cereaes, milho, fubás e farinhas, arroz, productos do arroz, amido e farello, trigo, trigo em espigas, trigo em grão e productos de trigo, amido, farinha, farello e triguilho, diversos cereaes, aveia, centeio, sorgho e tagopyro ;

Secção de leguminosas diversas, feijão, outras leguminosas, favas, dolichos, vignas, feijão de porco, mucuna ;

Secção de plantas forrageiras, alfafa, trevo, teosinto e milhete ;

Secção de vinhos ;

Secção do café, amostras de café cultivado no Estado, classificação commercial de cafés, amostras de cafés torrados, cafés velhos classificados, cafés finos dos diversos municipios do Estado.

A enumeração supra mostra que se acham representados todos os ramos industriaes paulistas.

Com o tempo, novas galerias se hão de organizar para que aos poucos se preencham as lacunas, actualmente existentes. Todavia, já bem eloquente é a lição muda que os mostruarios, na simplicidade do seu arranjo, dão aos visitantes. Além disso, alguns ha que são ensinamentos vivos, intuitivos e practicos.

Na Secção do Café, ao lado da producção de cada zona caféeira do Estado, apresentam-se photographias demonstrativas da cultura e diagrammas relativos á producção e á exportação da rubiacea.

A lei que criou o Museu attribue-lhe, entre outras incumbencias, a de "promover exposições parciaes de productos agricolas e industriaes, com distribuição de premios e diplomas para estimular o desenvolvimento economico do Estado". Em cumprimento dessa disposição, realizou-se em maio a primeira Exposição Periodica de Flores, Frutas e Hortaliças, á qual concorreram 96 expositores. Esteve ella aberta durante dez dias, deixando como resultado efficiente da sua organização, lições practicas de grande interesse para a fruticultura paulista, sobretudo no que diz respeito á embalagem da laranja e da banana para exportação.

Subiu a cerca de 60.000 o numero de pessoas que visitaram o Museu, de 26 de maio do anno passado a janeiro deste anno. Grande tambem foi o numero de alumnos dos Grupos Escolares que percorreram as suas galerias. De combinação com a Directoria Geral da Instrucção Publica, foi organizado um plano, o qual, aos poucos, tomará de modo mais pronunciado, as feições de um proveitoso systema educativo industrial e commercial. Realizarão, primeiro, os Grupos Escolares da Capital as suas visitas systematicas; as crianças, acompanhadas dos seus professores e da direcção do Museu, ficarão conhecendo, através das galerias do Palacio, a producção paulista, as materias primas, os processos de fabricaçãõ, etc. Depois, de accordo com s Directorias dos Grupos, em cada mez, propôr-se-ha, como centro de interesse para um dia escolar nas classes mais adeantadas, algum assumpto da economia estadual, afim de, em seus pontos essenciaes, torná-lo bem conhecido dos alumnos. A projecção de films educativos e pequenas palestras economicas dirigidas aos escolares, completarão esta primeira tentativa de educação industrial e commercial. Dentro desse criterio iniciaram-se as visitas no anno passado, e neste anno serão ainda mais intensificadas, extendendo-se as medidas acima expostas aos alumnos de gymnasios e outras escolas secundarias, e notadamente, as de commercio. Além disso, cumpre promover a realização periodica de exposições extraordinarias de productos agricolas e industriaes, ou "semanas industriaes", para apresentação de determinados productos da industria paulista, tendo em vista; 1.º) — movimentar o Museu, attrahindo maior numero de visitantes ao Palacio das Industrias; 2.º) — compensar os expositores permanentes do esforço e dedicação com que mantêm os seus mostruarios; 3.º) — demonstrar o progresso da industria nacional, formando-lhe o conceito nos mercados, concorrendo assim para o justo renome de que deve gozar a producção brasileira; 4.º) — approximar os productores do consumidor, eliminando o intermediario.

À primeira dessas semanas realizou-se por occasião do Natal, e foi dedicada aos vidros e crystaes paulistas. Concorreram ao certame todas as fabricas do ramo que expõem productos no Museu. Foi ella visitada por 20.300 pessoas.

Para cooperar no desempenho do seu programma economico, estabeleceu-se um serviço de filmagem, destinado á propaganda geral do Estado, no paiz e no estrangeiro, e particularmente ao serviço de fomento e de educação industrial e com-

mercial. A sala de cinema foi inaugurada por ocasião da II Exposição de Frutas.

Attendendo-se aos seus fins, criou-se o serviço especial de desenho de diagrammas-estatísticos. Até agora, foram feitos quatro diagrammas sobre o café, sua produção, exportação e consumo.

Ao museu compete organizar collecções de amostras de productos do Estado, para a propaganda no estrangeiro e para distribuição aos nossos estabelecimentos de ensino. Já foram distribuidas collecções organizadas com as sobras de productos enviados ás suas galerias, sendo a primeira ao Consulado da Polónia, nesta Capital, destinada á Academia Commercial de Livon, naquelle paiz, e a segunda á Sociedade Colonizadora Brasil Limitada.

Realizou-se ainda a segunda exposição periodica de frutas, para a qual inscreveram-se 271 fruticultores do Estado. O Instituto Agronomico e a Escola Agricola "Luiz de Queiroz", concorreram com estudos e demonstrações de grande alcance para o progresso da fruticultura.

EXPOSIÇÃO ESTADUAL DE ANIMAES

Com a installação da nova séde da Directoria, inaugurou-se, a 2 de junho, a grande Exposição de Animaes, — certame cujo successo constituiu a maior demonstração da efficacia do trabalho paulista. Nella figuraram todos os animaes uteis: bovinos, equinos, asininos, muares, ovinos, caprinos, aves, — emfim, da abelha ao boi, tudo foi ahi exposto, apresentando, todas as secções, exemplares dignos de qualquer exhibição do mundo. Com pleno exito, effecutou-se tambem a exposição de productos derivados da industria animal, apetrechos de caça e pesca, tecidos de seda, productos e artefactos apicolas, bem como grande série de machinas de lacticinios e agrarias, destinadas ás culturas, preparo e colheita das plantas forrageiras. Concorreram 1.898 animaes, pertencentes a 249 expositores.

ESCOLAS PROFISSIONAES

Prof. Domingos Faro

Inspector Fiscal da Escola Normal Livre
de Araraquara

SUA FINALIDADE — PEQUENOS CURSOS ANNEXOS AOS GRUPOS.

Dentre as bellas iniciativas do homem, que coopera em obras humanitarias, está por certo, ao lado de grandiosas instituições — o advento de escolas profissionaes.

No ranger dos teares, ou dos tornos ou serrinhas nas marcenarias ; no ruido rouco e abafado das sovelas que furam o couro ; no sem numero de cavalletes, de telas, paletas, para pinturas ; num tumulto de mil cousas — estua a força capaz de resolver nem só a questão social, como economica.

Nella se educa pelo trabalho. E para o trabalho, afim de se perpetuar a independencia financeira. E, ademais, pecuniariamente livre, para forrar-se, sem sacrificio, ao servilismo e actuar-se sem quebra de character, a par do coração que se aprimora em obras de altruismos em prol da communitade.

Educar pelo trabalho, diz Aprigio Gonzaga na Revista da Educação — “é formar uma grande classe productiva ; empregar todos os esforços no intuito de criar a consciencia industrial em nossa juventude, é prepará-la para a vida activa dos empreendimentos industriaes, é levá-la á independencia economica e pessoal, é criar a verdadeira democracia, em que cada um pensa com seu proprio cerebro, e ganha a vida com o trabalho de suas mãos.”

Quasi aphorismo, a asserção de que o valor de um povo se afere pela sua cultura. Donde a inferencia da grande necessidade da disseminação de escolas. Não tão só as que ensinam leitura e escripta ; pelo contrario, é berrante a exigencia da epoca, para que annexas a ellas se ergam e se ostentem as que despertam o gosto por esta ou aquella profissão.

Foge a qualquer controversia o valor do mister manual : — fórma o espirito, pela preocupação diuturna e longa a que o submete : aperfeiçoa a alma, abstraindo-a das meditações malsãs ou praticas condemnaveis ; compõe os sentimentos para as lutas da vida, e reveste o homem de todos os elementos imprescindiveis para levar de vencida os obices que se lhe deparem.

Dá maior desembaraço ás faculdades logicas, e ensina a ver e a discernir.

Nisso se fundamenta a inclusão da actividade manual nos programmas das nossas escolas : —

No jardim da infancia os brinquedos de todas as especies, resaltando os graciosos de Froebel : nos cursos primarios, — os trabalhos de agulha, de madeira, em barro ; nos secundarios a parte pratica tão largamente apreciada nos laboratorios de Physica e Chimica : em outros que collimam especialidades, como as agricolas, — o estudo applicado.

Tanto mais a escola profissional se fará necessaria, quanto mais for considerada de concerto com a tendencia humana, que propende sensivelmente para a especialização. E' facto notorio, como se verifica nos Estados Unidos, que as especialidades se estão dividindo e subdividindo em ramos menores. Assim na medicina, assim no direito, como na engenharia.

Têm as escolas profissionaes o condão de despertar os dons, as inclinações ainda latentes, e como taes são um dos grandes problemas vitaes que os Estados são forçados a resolver. Em varios paizes europeus, o incremento de escolas desse typo, tem soffrido uma especie de febre. A França conta actualmente em seu seio para mais de 5.000 escolas ; a Suissa — 2.400 ; a Belgica em 1911, já nesse tempo, via o seu numero elevado a 703 ; a Tcheco-Slovaquia, a 1.170.

Não ha razão para que se não imitem aqui tão dignificantes e eloquentes exemplos. Nossa vizinha e Argentina, só em Buenos Ayres alimenta, com numeroso corpo discente, mais de 50 escolas. Nenhum paiz civilizado se furta ao dever de lançar mão de tão uteis instituições.

Quer seja raça branca ou amarella. Dentre os povos desta ultima, como alto expoente de cultura, destaca-se o Japão, em cujo seio estão produzindo os mais proficuos resultados mais de 13.000 escolas profissionaes, numero fabuloso que põe esse soberbo paiz em posto de relevo, onde se faz,

cada vez mais, digno de grande apreço como uma das mais progressistas potencias do mundo.

Urge, pois, a nossa imitação. Carecem de razão os que lhes reclamam grandes cabedaes. As nossas escolas veem de facto custando ao governo, com edificação de predio e apparelhamento, importancia superior a 200:000\$000; e, accresce que o custeio annual absorve outro tanto. Assim será despender verba demais para meia duzia dellas. Faz-se mistér que se ditem outras providencias. São muitos os meios pelos quaes se pode attingir um mesmo fim. A Allemanha pela reforma de Kerschensteiner criou sem preocupação de officinas uma escola unica, sob, diz um autor, os grandes e soberbos principios de educação pelo "SLOJD" no que foi imitado nos Estados Unidos.

Com poucos recursos, acreditamos, tambem nos é possível incrementar o diminuto numero com que já contamos. E' bastante para isso, aos grupos escolares, em cada um delles, annexar uma pequena de curso de dois annos. Que ahi, nella, possa o aprendiz desenvolver, methodicamente, as suas sympathias por esse ou aquelle aspecto de actividade do homem. E que essas officinas, modestamente installadas, não vão alem, nem preenchem outras necessidades que não as regionaes. Ha zonas em que impera a lavoura. As villas e cidades se esboçam influenciadas, animadas, unicamente, pelo elemento agricola. A vida ahi é rural. Nem sombra de industria fabril, nem a isso se abalançam os naturaes. A finalidade da escola em taes meios é patente, não tem pontos de contacto com a de outras mantidas nos grandes centros, onde fallece o elemento do campo sobrepujado pelo da cidade. Resulta dahi uma verdade pedagogica, que o programma deve accommodar-se ao meio.

Que alli se desenvolva o gosto pela lavoura, aprendendo o alumno: — a manejar os instrumentos agricolas em propriedades obsequiosamente offerecidas pelos devidos donos: a preparar a terra e adubá-la chimicamente; a atacar os insectos nocivos exterminando as pragas. Se contanimada for a zona de miasmas palludosos, se alli encontrar campo aberto á anquilostomiase voraz, — porque não se fomentar ao lado uma secção de sapataria onde se aprenda a talhar o couro, a costurar, a preparar o calçado, a concertá-lo? Não é de utilidade proxima?

Não se desconhece a utilidade do calçado, mormente nesses sitios. E' dispensavel trazer á luz o nome do grande Belisario Penna, para ratificar essa verdade : — para os anquilostomos o sapato é lei de morte.

Com cursos profissionaes dessa natureza, e com auxilio embora modesto das edilidades, poderosa será a obra do Governo em prol desse problema de tão alevantada monta. Cumpre saber que nessa parte de escolas munidas do essencialmente indispensavel, avantajada é a situação da Argentina, onde em vagões ambulantes, se movimentam os cursos profissionaes, agindo em cada lugar, segundo as circumstancias economicas e mais ainda mesologicas.

Não ladear para plano secundario tão relevante questão é obra profundamente educativa e, quiçá, patriótica.

Dourado, em dia do mez fluente, teve a dita de ver em seu seio inaugurada uma escola profissional. E isso graças ao espirito brilhante de um antigo e incançavel servidor do nosso Estado — o professor Roque Plinio de Carvalho. Sua dedicação em prol do nosso ensino, a sua bondade requintada, alliadas a uma habilidade digna de nota, fazem-n'o prezado e admirado, e ademais indispensavel.

Não conta a Escola o machinario complexo e custoso de outras ricas e luxuosamente aparelhadas. Mostra-se, comtudo, nas condições de arrostar os primeiros impecilhos de um ensino technico.

A secção para calçados peja-se de um abundante mostruario, caprichosamente confeccionado por alumnos do grupo, em character inteiramente gratuito. E sem o apoio da bolsa alheia. Nisto está o relevo da obra altruistica do benemerito educador que tudo sacrifica pelo ideal : — trabalhar em surdina, vencer em surdina, pela felicidade collectiva e grandeza da Patria. A aureola de modestia que o envolve, é uma como santa irradiação do seu grande valor.

Moureja. Na placidez da sua faina solitaria, longe do bulicio do mundo, do olhar curioso, temendo que lhe devassem a quasi humildade de sua alma activa, que dá abrigo á grande intensidade de força productora, — alheio a qualquer recompensa terrena, relle se repete o éco das palavras de Ingenieros : — "Educar é desenvolver a capacidade para trabalhar ; o direito á vida presuppõe o dever do trabalho.

NOÇÕES COMMUNS

Prof.^a Arlinda Izabel de Sousa

Do Grupo Escolar de Dourado

MODIFICAÇÕES DO PROGRAMMA PRIMARIO DA GLOBALIZAÇÃO DO ENSINO

Tendo chegado ao meu conhecimento, o interesse especial com que a Directoria Geral da Instrucção Publica deseja fazer uma remodelação, em parte, no programma primario, agora em vigor, resolvi, espontanea e patrioticamente, baseada em principios de experiencia e observação, contribuir, tambem, para o bom successo de tal reforma, essencial á perfectibilidade da instrucção paulista.

Aprimorar a instrucção é elevar a Patria a alturas inconcebiveis, é engrandecê-la aos olhos das mais cultas nações!

Da manifestação, porém, de muitos pensamentos, da equidade ou divergencia delles é que se intensifica a evolução, o progresso, e, assim sendo, hei de expor, sem receio, o que sinto, certa de que alguma cousa será aproveitada na consolidação do ensino primario.

A's vezes, de uma semente atirada a esmo por mão descuidada, e que o vento voluvel se incumbe de conduzir a terras ferteis, brota vigorosa uma arvore altaneira, que dará sombra, que auxiliará as outras na purificação do ar, e que só beneficios trará ao homem...

Quem poderá, pois, affirmar, que as minhas expressões, oriundas do desejo de ser util ao meu Brasil, e recebidas por cerebros illuminados não conseguirão produzir algo de bom e humanitario?

Apoiada nesta convicção, que me faz feliz, passo a expôr o que penso, quanto ao palpitante e momentoso assumpto concernente a possiveis modificações no nosso programma de ensino.

A reforma do programma actual deve ter por alicerce solido a adaptação do ensino ás diversas necessidades das differentes regiões do Estado, sem o que nunca attingirá o pinaculo dos nossos mais uteis e justos anseios.

Nas escolas ruraes, para começar, seria de um valor inestimavel a introducção de aulas praticas sobre a agricultura, além das theoreticas, que deverão ser dadas com intelligente simplicidade, acompanhando, passo a passo, as aulas praticas.

Estas preparariam as crianças de hoje, e os homens de amanhã, para o trabalho agricola que será o seu ganha pão, como o é de seus paes, e facilitar-lhes-iam o futuro, provocando tambem, de um modo formal, precioso melhoramento em toda a lavoura nos dias vindouros, pela aquisição de conhecimentos modernos com o seu sequito de innovações esplendidas.

A adubação scientifica, que revigora o solo, a selecção das sementes, para que seja maior a quantidade e melhora qualidade dos frutos produzidos, o conhecimento dos factores nocivos á fertilidade da terra, como a erosão da mesma, occasionada pelas fortes correntes dagua em os tempos chuvosos, as plantações repetidas em um terreno só, que se torna gasto e inutil, por falta de aradura e adubação, tudo isto e mais outros ensinamentos importantes devem fazer parte dominante dos programmas das escolas ruraes.

As escolas da roça, estes pequeninos templos do saber, que se embalsamam ao frescor das mattas sadias, que se animam e vibram ao calor do sol e ao canto prene de amores de passarada gracil, merecem, na sua modestia, uma especial dedicacão por parte dos Srs. propagandistas do ensino.

A inserção de aulas praticas agricolas, nas zonas ruraes, provocaria, em todos os tempos, um movimento contrario á urbanização e sympathico á descentralização, o que equivaleria ao augmento de braços no desenvolvimento da lavoura.

Referindo-me ao desenvolvimento da lavoura, pelo augmento de braços, lembro as aulas de Hygiene, diarias, que o professor, qual sacerdote que fez seu voto aos pés do altar da Patria, deve ministrar com escrupulo e insistencia, tendo sempre em mente a phrase triste e recriminativa do saudoso professor Miguel Pereira : — *O Brasil é um vasto hospital!*

E' preciso que nós, a quem grande parte do destino do Brasil está confiado, apaguemos, com o fervor de um sincero affecto patrio, este distico tremendo que ennegrece a fachada do portico de nossa terra!

E, apagaremos, trabalhando, tenazmente, para a extincção de innumeradas molestias curaveis e diversos vicios, que são verdadeiros algozes definhadores da nossa especie.

A infancia, no Brasil, ha de florescer, ha de ter o viço da dos outros paizes, e a mocidade dos campos sorrirá, um dia, embellezando ainda mais a natureza. Nosso paiz, então, em vez de *um vasto hospital*, será um jardim garrido, cheio de taes encantos, de bellezas taes "que nem as cantará um poeta e nem as sonhará um mortal!"

Os dois maiores males da zona rural — a anquilostomiase e o impaludismo — hão de desaparecer de um modo lento, talvez, mas extinguir-se hão, se nas aulas de hygiene forem explicadas, com o maximo cuidado e em linguagem singela e convicta, as causas destes flagellos, que constituem a nossa maior calamidade, e os meios empregados em os combater e dominar energicamente.

Taes doenças, assim como o trachoma, são os peiores inimigos da prosperidade da lavoura, porque o exodo dos habitantes da roça é o desmoronamento fatal dos trabalhos agricolas.

A hygiene, porém, applicada com precisão e acerto nas escolas, conseguirá ser a protectora das classes agricolas, que são os orgãos de nutrição e vitalidade do paiz.

O fumo e o alcool, tambem, devem ser guerreados com afinco nestas aulas, porque, ao lado da anquilostomiase e do impaludismo, fazem das nossas crianças, dos nossos jovens, verdadeiros párias da sociedade, arrastando uma vida de martyrios e de desanimo.

Com um esforço ingente, entretanto, os párias de hoje, amanhã fortes e felizes, entoarão comnosco o hymno brasileiro, a canção vibrante do triumpho patrio sobre os destroços do "vasto hospital" e sob os louros do revigoroamento da raça!

Obra patriotica e religiosa será esta de substituir a tristeza, o desanimo, a magua e a miseria que avassalam muitos dos nossos semelhantes, pelo sorriso folgazão, que é o espelho das almas felizes, pelo conforto, pela fartura, pela educação, pela actividade!

Assim como nas escolas ruraes são imprescindiveis taes ensinamentos praticos, nos centros mais cultos ha outras tarefas que demandam attenção.

Em Barretos, por exemplo, deveriam ser dadas lições minuciosas, de accordo com um programma adequado, sobre a pecuaria, deveriam ser realizados passeios ao importante Frigorifico que a referida cidade possui, assim como pelas esplendidas pastagens lá existentes proprias para a engorda de gados, vindos de Goyaz, Minas e Matto Grosso.

Estes passeios dariam oportunidade a um estudo de sciencias physicas e naturaes, geographia, e depois, em classe, linguagem oral e escripta que viessem patentear o aproveitamento obtido nelles, ficando, assim, conhecida pelas crianças a pujança da cidade em que moram.

Como ha necessidade de desenvolver, na referida cidade, onde existe fortuna respeitavel em gado, a industria do couro, quem sabe se a insistencia de aulas interessantes e sãs, não contribuirá, um dia, para o augmento dos cortumes, o que equivalerá a um melhoramento e a uma nova fonte de renda.

A Directoria do nosso Grupo Escolar determinou a ida de escoteiros, em occasiões de férias, a Barretos, onde muito terão que aprender a apreciar.

As excursões escolares devem ser extensivas a todo o Estado.

Acho quasi de obrigatoriedade a designação de um dia, por mez, destinado ao estudo da natureza.

As excursões apresentam tres vantagens especiaes, alem de outras, talvez de somenos importancia :

1.^a — o estudo da natureza, dando como resultado efficaz uma educação fina dos sentidos;

2.^a — o oxygenamento do sangue, por meio de uma respiração mais pura que as plantas, em a sua benefica funcção chlorophylliana, nos offerecem;

3.^a — os banhos de sol. Receber dos raios solares essa dose dos raios violetes, que só a natureza, mãe carinhosa, sabe dar sem o artificio humano.

A nossa gente tem medo do sol, este rei magnifico dos astros, que com sua juba d'oiro é a vida da nossa vida,

é a fonte da nossa expansão, da nossa alegria, da saúde nossa, e, no entanto, nos centros cultos da velha Europa, a heliotherapia é empregada, por grandes mentalidades scientificas, na cura de muitas molestias que affligem a humanidade sofredora.

Desde os tempos mais remotos, é conhecido o poder desinfectante dos raios solares.

Em todos os sanatorios da Europa são usuaes os tratamentos por meio dos banhos de sol, assim como ha escolas, em que a criança faz a pratica da agricultura, tendo por vestuario uma simples faixa ou tanga.

As excursões escolares, portanto, além da vantagem technica do ensino, descortinando novos horizontes á observação das crianças, apresentaria a vantagem salutar, que só por si valeria muito.

Que a criança brasileira, nestas excursões, aprenda a admirar e amar as sublimidades de sua terra natal, desta terra onde "a natureza perpetuamente em festas, é um seio de mãe a transbordar carinhos!"

Falando nas maravilhas do nosso torrão amado, lembro-me, agora, que, se os lavradores, em vez do zelo desenvolvido só na cultura do café — o seu idolo — lançassem mão da polycultura, talvez não atravessassem a crise formidavel que ora nos acobrunha, motivada, em grande parte, pelo fervor da monocultura a qual, em um paiz de terra prodiga e bemfazeja como a nossa, não tem razão de ser preferida.

Sendo tão pujante o solo brasileiro, porque não lançar mão da polycultura, aproveitando a liberalidade da natureza ?

No nosso municipio ha um bairro insignificante que, porém, em a sua pequenez, merece distincção especial, attendendo-se aos cuidados que o problema da citricultura está merecendo do Sr. Dr. Secretario da Agricultura, desejoso de a collocar em uma culminancia notavel e vantajosissima para o paiz, e que já está tomando vulto estupendo.

No bairro a que me refiro, denominado Bebedouro, e que tem uma área de 28 kilometros quadrados, a qualidade de laranjas produzidas em seus terrenos, é uma cousa prodigiosa. O solo é tão apropriado á citricultura, que uma escola ahi localizada e que, pela organização de seu programma pudesse concorrer, por meio de suas aulas praticas, para o augmento

do plantio, destas frutas, contribuiria, tambem, para a obtenção de um lucro extraordinario em tão pequeno bairro.

Em Piracicaba, Porto Feliz, Santa Izabel e Jaborandy em Collina, deveria ser profundo o ensinamento pratico sobre o plantio da canna, tão boa é a terra dos referidos lugares para esta cultura.

Por informações fidedignas, sei que ha zonas esplendidas de fruticultura, como em Villa Americana e Santa Barbara cujas melancias são tão lindas e grandes, que constituem a admiração daquelle que as vê.

As uvas e as peras de S. Roque são magnificas. Os abacaxis de Boituva e Mogy-Mirim são saborosissimos. Na baixada da serra de Santos, com especialidade em Cubatão, a abundancia de bananas é colossal, sendo exportadas em alta esca-
a para a Argentina.

Do que exponho, vê-se nitidamente que a polycultura é tarefa simples na formosa terra dos bandeirantes.

Embora condemnando a monocultura, devo ser justa em um ponto de vista: acho que o ensino sobre o café, nos lugares onde as messes destes frutos são mais abundantes, deve merecer zelo especial, quando mais não seja para melhorar-lhe o typo, afim de impô-lo pela qualidade, nos mercados estrangeiros, obra esta que equivalerá á valorização do nosso mais rico producto.

Em taes lugares, incluindo-se o nosso municipio, onde o café é tido como dos melhores do Estado, devem ser estabelecidas aulas especiaes sobre este producto, começando-se pelo simples desenho do pé de café com seus frutos valiosos, linguagem oral com ensinamentos simples, mas bem preparados, linguagem escripta baseada nos ensinamentos recebidos, sciencias physicas e naturaes e geographia, tendo todas as aulas por base o mesmo producto, até que a pequenada, no 4.º anno, esteja familiarizada com tudo quanto diz respeito á melhor producção do municipio em que moram.

A este preparo, feito lenta e criteriosamente, deve aliar-se a pratica, acompanhando, os alumnos, o desenvolvimento da referida planta em caixõesinhos ou no proprio quintal dos Grupos.

Seria o ideal, tambem, se as escolas fossem providas de um aparelhamento adequado á feitura do café pelas pro-

prias mãos dos alumnos, que assim o apreciariam mais e o saboreariam com duplo prazer. A este trabalho, que tenho certeza ha de ser util, deveria accrescer-se a arte culinaria para a secção feminina, em um cantozinho dos porões.

A aprendizagem da arte culinaria, sem valor na apparencia, desdenhada mesmo, seria, para o futuro, sem exaggero, a consolidação dos lares, não só pela economia, como pela boa organização das refeições, ordem no preparo de alimentos substanciosos e bem feitos, que concorreriam para o bom estado da saude, e, conseqüente disposição agradavel de espirito.

Como poderá guiar o seu lar e enchê-lo de conforto, uma jovem que jamais tenha estado em contacto com os apetrechos de uma cozinha ?

Como poderá, com parcimonia, despender o ordenado de seu esposo sem que as despesas ultrapassem o ganho mensal ?

Em todas as escolas a classe pobre sobrepuja a rica, fatalmente, e o ensino da arte culinaria, será indispensavel ás meninas de agora, ás donzellas e depois ás esposas de amanhã, aproveitando ás ricas, tambem, que aprenderão a ser condescendentes com os seus serviçaes, e a dar o valor justo aos trabalhos que, bem guiados, serão primorosamente feitos. Tudo isto contribuirá para uma harmonia delicada no recesso da familia, não sentindo a criada, jamais, o pesado fardo de sua condição inferior.

Aos trabalhos manuaes, que tornam a criança habilidosa e prendada, deveria alliar-se a *rude* arte culinaria, essencial á boa ordem de uma casa.

Deixando, agora, de parte o interior, volvei as minhas vistas para o litoral, para o mar formoso, ora adoravel e sereno, como o sorriso que brinca nos labios de tenra criancinha, ora impetuoso e iracundo, como os peitos onde as paixões imperam, e reclamarei um curso de pesca para as crianças que lá vivem.

Conhecer o mar profundo e mysterioso, o conductor voluvel das gentes de plagas longinquas, adivinhar-lhe as transições bruscas e caprichosas, como os que com elle lidam, conhecer os seus habitantes, desde o mais pequenino e humilde peixe, ao de proporções descommunaes, deve ser de uma sensação deliciosa e estranha !

A pesca tem as suas emoções, o seu encanto, e seu aparelhamento bem estudado pelos pequenos do litoral ser-lhesia de uma vantagem incontestavel, ao lado da pratica de manejar os accessorios essenciaes, ao lado dos exercicios de natação e de sondagem, e estudo das condições atmosphericas favoraveis e desfavoraveis á pesca.

Uma escola de pesca seria um passo prodigioso dado em beneficio dos pescadores de amanhã, que sentiriam solidificado seu futuro, dubio em outros tempos, mas, agora, claro e esperançoso, graças aos esforços dos bemfeitores da instrução que, cogitando no unico meio de vida provavel para elles, saberão impulsioná-los para a senda do trabalho honesto.

A remodelação do programma, pois, accommodando-se ás noções mais uteis ao individuo, ás vantagens que lhe possam advir, futuramente, respeitando os habitos das diversas regiões, pondo, portanto, a criança em perfeito equilibrio no meio em que vive, é o proprio Brasil, recto e consciencoso, pensando no porvir dos seus filhos que, por seu turno, felizes e fortes, em retribuição, saberão pugnar pelo engrandecimento da Patria bemfazeja !

As experiencias tentadas pelo engenheiro George Claude, para fixação do cylindro gigante de 1.825 metros de comprimento, destinado á captação das aguas do "God Stream", para producção de energia electrica, fracassaram completamente.

Na occasião em que era feita a immersão do grande encanamento, este despedaçou-se, convertendo a tentativa em verdadeiro desastre. A experiencia havia custado mais de 31 milhões de dollares aos seus organizadores.

DIA DA BOA VONTADE (*)

Relação entre as crianças de todo o mundo. — A protecção da infancia

Dr. Dagoberto F. de Gascon

Lente da Escola Normal Livre "José Bonifacio", de Santos

Meu thema é vasto e lindo.

Hoje é um dia que ficará gravado indelevelmente em todo o mundo.

Sim é a 18 de Maio que se commemora em toda a terra eminentemente civilizada o "Dia da boa vontade"; dia em que as crianças do Paiz de Galles enviam, pelo telegrapho sem fio, uma mensagem de amizade ás crianças de todos os outros paizes.

Esta data, que nos emociona e é querida, tambem é a do anniversario do Primeiro Congresso de Haya em 1899.

Cogitemos um pouco acerca do que seja a "Boa vontade".

Graça muitissimo elevada — com que Deus proporcionou uma das primeiras características ao ser humano e tambem uma das distincções entre nós e os demais seres das especies animaes.

Dom magnifico — pois que é Divino, pelo qual nos é permittido viver num plano superior onde tudo prime.

As Santas Escripturas são os primeiros livros a nos fazerem scientes que de maravilhas no convite e ordem de viver bem comsigo e com os outros.

Em que consiste então a boa vontade? Conforme estes mesmos livros e noutros mais, religiosos sobretudo, segundo

(*) Conferencia feita na E. N. Livre "José Bonifacio" na manhã de domingo 18 de Maio de 1930, quando da III Semana Brasileira de Educação.

a palavra sabia de S. Agostinho e na palavra meiga de S. Ignacio, a boa vontade consiste na pratica do bem, em summa.

Na verdade a pratica do bem é tudo, porque encerra tudo é o fim de tudo, é o ideal supremo.

E praticar o bem é, antes de mais nada, dispor-se bem, ter animo e humor sãos e beneficiar a todos com quem tenhamos contacto directo ou indirecto.

E' uma onda feliz de optimismo, irradiadora de acções bemfazejas, exaladora de perfumes os quaes nos tomam, a todos, a vida supportavel, ao ponto de sermos felizes por influencia de reflexos da felicidade alheia.

E' preciso, comtudo, — e isto é condição primordial, a fé, — uma crença em um principio poderoso e verdadeiro, que para uns é o proprio Deus e para outros, é uma divindade ás vezes até concretizada ou mais commumente symbolizada na mesma grandeza e efficacia da acção.

Ter boa vontade é procurar estar em paz com o seu proximo e fazer-lhe o bem indifferentemente a personalizações.

E não duvideis jamais da força incalculavel da boavontade! E' uma alavanca poderosa capaz de remover e de annullar o maior dos obstaculos.

Entre os grandes homens de boa vontade, em tempos idos, eu vos cito um, que fez em grande escala o bem e foi por isso o typo do bom, o padrão dos humanitarios, — S. Vicente de Paulo.

Consagrou sua vida á pratica da philanthropia, o grande santo nascido em 1576, filho de um rendeiro de Ranquines, em Pouy; teve uma infancia trabalhosa e exemplar.

Intelligente e sensivel, foi destinado a uma carreira liberal, cujos estudos iniciou em um convento em Dax, onde após brillantismos e soffrimentos bem cruciantes terminou o curso de theologia, dedicando-se então afoitamente á pratica da caridade com um desprendimento invulgar e intensa "boa vontade".

Fundou em Folleville, na diocese de Amiens, o systema celebre de missões domesticas.

Piedoso, incessantemente soccorria os pobres e enfermos, designando tal processo de auxilio "Confraria de Caridade".

Mas essa obra que se extendera a toda a França não fôra tudo, empregou com fatigavel devoção seu concurso em socorrer desgraçados que expiavam seus crimes na calceta em Marselha, onde em viagem com o conde de Joigny lhe fôra dado contemplar aquelle quadro commovedor de tantos transviados.

Casas muitas fundou elle com a denominação de Irmãs de Caridade e Damas da Cruz, de diversos generos : para mulheres pobres, para lazarus, para crianças abandonadas.

Deixemos porem o Santo homem e vejamos, embora de passagem alguns conselhos sabios e efficazes que se ajustem ao nosso thema "Boa Vontade".

Cito este : "Sêde amavel !

Sêde gentil, andai de bom humor, sêde condescendente ; sabeí viver o bom lado de todas as cousas.

O mundo infelizmente está cheio de pessimistas, de pessoas que caminham na vida como atravês duma perpetua contrariedade e, permittiram aos seus temores, cuidados e insuccessos que matassem em si a mais preciosa das faculdades : a de gozar a existencia.

Começai por encher o coração de luz, de belleza, de verdade e pensamentos reconfortantes ; repelli tudo o que vos turvar a serenidade ou destruir a harmonia, porque assim sereis felizes e fareis felizes os outros que privam comvosco ou que alguma influencia podem receber de vós.

Sobre o pessimismo, o grande medico e professor brasileiro Austregesilo escreveu ha annos esta verdade esplendida : O pessimismo é droga amarga e envenenadora ; no Brasil é adquirida por baixo preço. Tenho-a visto usada e abusada nas casas de familia, nos parlamentos, nos governos e nas ruas.

Senhorinhas, a boa vontade se apresenta sob tantas maneiras, veste-se com roupagens tão differentes que, não raro, deviamos vê-la nas profissões, nos actos, nas acções, e não a vemos porque, — penso eu — não sabemos ver nem compreender.

O professor, este profissional tão cantado em nossos dias, é um agente da boa vontade.

Que é de facto o mestre — e fallo sobretudo do mestre primario — senão um ente bom, abnegado, possuidor de um

ideal nobilissimo — o de tirar ás trevas a criança, cuja intelligencia poderá ser mais tarde um padrão de glorias para um povo

O professor assim o será na verdade e se não o fôr — ai d'elle — porque não será tambem professor, não merecerá dignamente o chamamento sublime de mestre.

Elle deve ter boa vontade em tudo para tudo e para com todos ; isto o tornará um ser intangivel ás mesquinhas terrenas e viverá por certo em um ambiente superior, alimentado pelas essencias subtis e incomparaveis saídas dos beneficios que praticar.

Ao verdadeiro padre e ao verdadeiro medico, costumou-se, em todos os tempos, arregimentá-los ao lado do mestre porque todos exercem um sacerdocio santificado mil vezes pelas benções balsamicas dos beneficiados, mas a meu ver, todo o profissional pode ser consagrado, quando no exercicio de sua profissão — a mais humilde que seja — o fizer de elevação em elevação ao ideal quasi divino que o embevece e chama.

Trabalhai com paixão — que é a mesma boa vontade — para terdes direito ao triumpho que não é privilegio de determinadas criaturas ; dedicae-vos de corpo e pensamento á pratica do bem e isto sem segundo interesse, senão aquelle sincero de satisfazer a idealização concebida em nosso intimo bom e bem formado.

Fazei do vosso trabalho uma obra prima e conseguireis o genio, que, na opinião de um philosopho antigo, é “O habito do soffrimento” e a que eu poderei acrescentar: “Agir de boa vontade é desejar o bem de todos e por consequencia é padecer pelos males de outrem”.

Hoje é o dia do Senhor e pode ser muito bem designado para o dia da Boa Vontade, em que reunimos os elevados desejos de harmonia aos frementes desejos do mundo todo.

A paz é requisitada por todo o mundo.

Quem não sentirá, por ventura um desejo veemente de harmonia? Não ha por certo alguém que, sentindo dentro de si algum signal do infinito, da existencia de Deus, da grandeza que nos cerca, não deseje este conjunto sublime que é a paz !

Amai-vos uns aos outros é o thema velho e sempre novo, que devemos ser sempre bem em mira. E' um ideal nobre, mas,

para consegui-lo, para desejá-lo mesmo, é necessaria a colaboração de todos, de nós professores responsaveis directos no erguimento da patria, da humanidade — e vós mocinhas, estudantes hoje, amanhã professoras, mães de familia. Temos a obrigação moral, ao menos, de plantar a semente no campo enorme da infancia. Cabe-nos a missão de plantar, como disse Ruy Barbosa, não a couve, mas o carvalho.

Nisto está a nossa propria felicidade, a melhor herança que poderemos deixar aos nossos descendentes. Isto é o proprio desejo de Fraternidade, de Amor. A paz, apregoaram os anjos, veio á terra pelo Espirito Santo — a pomba magnifica — mãe sómente aos homens de boa vontade.

É conveniente que vos explique a existencia de duas theories ou correntes sobre este ideal sublime que é a paz, tal a que Deus nos enviou.

Façamos ligeiramente um desvio da parte literaria para, em sciencia branda, explicar aquillo que para muitos é o impossivel, é "utopia".

Existem o internacionalismo e o nacionalismo.

Diz-nos Foester: "ha pessoas cosmopolitas, sem raiz profunda na individualidade do seu povo. São ellas os pioneiros mais ardentes da idéa internacional; mas ellas proprias compromettem implicitamente os esforços internacionaes, pois pela sua mentalidade fazem crêr que o sentimento supra-nacional exclue a individualidade nacional bem marcada".

Para effeito de bons sentimentos, de uma boa vontade é minha opinião — e para dizer tanto não me pejo — não é a idéa de nossa patria que impede a existencia da paz; não, — cada povo tendo bem em conta sua terra, desejando-lhe os melhores progressos, amando-a sinceramente e trabalhando por ella, concorre para a solução dos importantes problemas geraes e mundiaes. E' preciso, porém, que esse mesmo povo tenha a comprehensão exacta das questões e as conheça ou as estude firmado em suas proprias caracteristicas de raça e de costumes.

Li ha algum tempo uma interessante apreciação da illustrada professora Lacombe sobre as questões de progresso em outros países, dizendo ella que: assim como cada pequeno instrumento traz a sua nota de realce na orchestra, assim cada

nacionalidade por menor que seja, contribuirá com seu modo de sentir para o aperfeiçoamento dos enunciados do código da paz.

Meditai bem sobre esta verdade e vejamos agora o nacionalismo.

Que vem bem a ser isto "Nacionalismo" senão, na maioria das vezes e de individuos, uma falsa interpretação do patriotismo erroneamente ensinado e incutido por meio dos ensinamentos da historia e da geographia patrias elevando merecidamente nossa terra, nossas coisas e nossa gente, porém em detrimento ou procurando amesquinhar as dos outros povos?

A boa vontade não tem patria.

E' quasi uma virtude e, como tal, pertence a todas as nacionalidades.

Podeis crer que um falso patriotismo pode levar-nos ás loucuras do fanatismo e menosprezo á terra dos outros.

A America, inquestionavelmente, exemplifica ao mundo, organizando o seu direito internacional, e, não ignoraes, por certo, que da terra americana appareceu Bolivar — o iniciador do movimento para a união pacifista das nações e, do Brasil, — o grande Alberto Torres — procurou realizar o sonho lindo de Rousseau "a paz universal".

Ha na Inglaterra, entre as muitas instituições com varias finalidades, a de Baden Powell, figura excellente do militarismo e da educação, fundando o escotismo "o boy-scout"; os Rotary Club, e mais ainda a Cruz Vermelha Juvenil, o "Exercito da Salvação", instituição menosprezada pelos que não lhe conhecem o valor e o objectivo.

Estas instituições posso vos garantir são de boa vontade, pelo seu programma e por suas acções e a ellas deve o mundo e não sómente a Inglaterra uma grande somma de serviços e beneficios inestimaveis, sobretudo entre a categoria dos pouco favorecidos pela sorte e entre os infelizes dominados pelos vícios ou arruinados por calamidades sociaes.

Não devo e não posso vos descrever tão estimaveis organizações, porque fugiria assim do que me foi proposto falar.

Nada mais vos direi desta parte de minha these, senão de uma justificativa para que não penseis ter eu me desviado do assumpto.

A justificativa é aliás uma these e é a seguinte : Pode-se compreender a boa vontade sem a caridade, sem a bondade, sem o altruismo ? E vós me direis estou bem seguro disso, — não ! é impossivel porque são uma e a mesma cousa.

Aproveitemos pois o momento e vamos dar graças a Deus pela graça immensa com a qual nos proporcionou a compreensão e a execução de uma sublimidade idealizada.

Congratulemo-nos pois, tambem, com as pessoas de boa vontade, para que, nesta occasião tão propicia se reunam os nossos desejos beneficos aos de toda a humanidade sensata e elevada que, como nós, deseja a perfeição e a paz !

RELAÇÃO ENTRE AS CRIANÇAS DE TODO O MUNDO

Cicero, o grande Cicero, ensinou em poucas palavras, verdades como esta : Todo homem recebe duas sortes de educação, uma que lhe é dada pelos seus semelhantes, e outra, muito mais importante, que elle proprio dá a si mesmo.

Esta these tão bem explicada por muitos dos magistraes escriptores e educadores e, entre elles Smiles, attestarão aos vindouros coisas fundamentadas que devemos observar.

A educação que podemos adquirir, por meio dos nossos proprios esforços, comprehende a cultura ou o desenvolvimento de todas as faculdades, da nossa natureza physica, moral e intellectual. Importa, pois, que cada uma destas faculdades seja desenvolvida, e que cada uma, por outra parte, contribua até certo ponto para o desenvolvimento das outras.

Mas para que vos digo eu estas coisas ?

Apenas porque “a relação entre as crianças de todo o mundo”, assim como tudo quanto diz respeito á criança, baseia-se na educação da mesma e, para educar os outros é preciso educar-se a si proprio conforme nos diz Mazzini : “De educarsi per educare?”

A criança, — ser pequenino que terá as maiores responsabilidades dos cargos mais tarde, ser fragilimo em que repecusará a grandeza de uma raça no porvir — ella mesma é o ser que nos está entregue — como paes, cidadãos, educadores.

Criança, sonho lindo e delicado da especie humana !
Ser magico que faz o encanto dos lares ! Esperança da patria !
Alicerce da humanidade !

Porém dependente muito ou totalmente da educação, porquanto é sabido que uma boa educação corrige os mais inveterados maus hábitos infantis.

Cogita-se incessantemente de melhorar os processos educacionais e vós sabeis bem que isto não depende sómente da vontade de um grupo de pessoas, ou mesmo de um só paiz, mas, de todas as nações sem a falta de uma sequer.

A falta de que vos vou fallar é justamente a do isolamento em que se acham os mundos infantis entre si, ou, digo melhor, ao nenhum intercambio entre crianças, encarregados dos destinos de crianças e de coisas referentes ás crianças.

Essa lacuna é que deve desaparecer, quanto antes, para a consecução do grande desideratum "Relação entre as crianças de todo o mundo".

E disso cuida-se no Brasil actualmente com desvelado interesse.

Occorre, porém, que o nosso paiz é vasto, vastissimo mesmo, — estando nisto um grande obstaculo não mui facilmente removivel e não poderemos passar além, sem termos conseguido primeiramente ligar as populações infantis dos Estados nacionaes e de todas as pessoas interessadas directamente nesta cousa, quiçá maxima para o paiz.

Os professores sobretudo e os centros educadores desta terra grande precisam se entender melhor e, eu ousaria propor mesmo, agora, que vós, normalistas, tivésseis a incumbencia de endereçar mensagens, a algumas escolas especializadas do Brasil e mesmo ás congeneres — normaes.

Sim, mensagens de boa vontade e mais tarde, estabelecido o primeiro laço de amizade e brasilidade escolares, inquirições sobre os estados bons ou maus das crianças escolares ou não.

Isto provocaria um grande movimento na vida escolar, pois uma vez vindas as respostas teriam occasião os congressos, auxilios materiaes seriam conseguidos e adviriam consequencias moraes e intellectuaes não só para vós e para ellas mas para o professorado, autoridades escolares e para os proprios governos dos Estados.

Quanto possivel tambem, far-se-iam visitas, exterminadoras por fim dessa desunião, dessa ignorancia em que vivem os Estados quanto ao ensino.

Plenamente conseguido isto entre nós teríamos então mais meios para saltar fronteiras e atravessar mares afim de obter identica victoria com outros paizes.

E' ainda de pouco tempo — as crianças japonesas desejaram saber qualquer cousa das nossas e, ao departamento competente em nosso Estado, por meios consulares, requisitaram methodos, trabalhos e coisas varias feitas por crianças ou servindo a ellas aqui.

Não vos posso dizer com segurança se o iniciante systema satisfaz perfeitamente, mas, garanto-vos, todavia, que é um grande passo que damos.

Os rotary-clubs de que vos falei há pouco, em algumas cidades brasileiras e, dentre ellas, Santos, têm se interessado pelo assumpto e é sabido ser esta uma organização intermundial, com séde na Inglaterra.

O escotismo cogita tambem dessa ligação das infancias e não sómente do desenvolvimento e adestramento physico e moral dos meninos e meninas, como pensam muitos.

Ha uma festa da criança no paiz — a semana do dia destinado á commemoração desta época se deveria aproveitar para o grande trabalho da relação das crianças entre todo o mundo.

Sejamos nessa cruzada bemdita como Tagore o grande abnegado das Indias, que disse esta coisa admiravel : “Vim ao mundo dos jovens e nelle encontrei a minha natural residencia”.

Vejamos ainda um pouco sobre a educação infantil que nos dizem espiritos abalisados e isto fortificará tambem a nossa these, de “relação entre as crianças”.

Diz-nos Bouquet em sua obra sobre “Evolução Psychica da Criança” : A criança é essencialmente fetichista. Esta questão tem occupado a attenção de numerosos psychologos, entre os quaes Herubel, que põe em evidencia essa feição toda particular do character infantil, — O fetichismo, isto é, a faculdade especial de attribuir vida ou poder a pessoas ou a objectos despidos de uma ou de ambas essas qualidades, aproxima a criança dos individuos da grande familia humana menos dotados intellectualmente. Com effeito, os povos primitivos outrora chamados “selvagens”, têm uma natural tendencia

a attribuir vida e poder ás coisas absolutamente desprovidas dessas propriedades.

Visto este trecho do livro do citado psychologo estudemos um pouco, a ver se nos é possível aproveitar dessa fraqueza da criança, aliás propria á sua idade, para a solução ou quando menos um meio, do nosso problema de ligação ou "relação entre crianças".

Não nos limitaremos ao terreno ideologico, está visto, mas serão meios para alcançarmos os fins praticos.

Conheçam-se as crianças nos seus fetichismos e já se interessarão com reciprocidade e nós outros, que as estudamos nos seus fetichismos, poderemos muito conseguir para a desejada aproximação.

PROTECÇÃO A' CRIANÇA

A assistencia á infancia é um dos primeiros deveres a que um povo civilizado não pode eximir-se do cumprimento. A criança é digna por todos os motivos de uma protecção não eómente material, mas tambem moral e intellectual e sendo nlla o futuro cidadão ou "O homem em formação" temos que, cãõ protegê-la é expô-la a perder-se perdendo-se com ella um cidadão que é uma das cellulas indispensaveis á sociedade.

Pelo lado do sentimento não é a criança mence digna e merecedora do nosso apoio e cuidado, pois que, dos mais remotos tempos até a nossa época, frise-se bem, em toda a série animalésca, a protecção aos seres jovens é uma verdade, para o estabelecimento da qual alguns animaes dão-nos exemplos mais bellos e dignos que muito ser pensante.

Costuma-se dizer que se póde aquilatar do grau de civilização de um povo, do progresso de uma cidade, pelos serviços de protecção á infancia que a mesma possui.

Dissera Macaulay uma vez que os melhores monumentos que se poderiam levantar como homenagem a vultos notaveis, seriam as instituições educativas ou de protecção á infancia e isto não soffre discução nem, — penso, — haja alguem de bom senso que duvide de sua exactidão.

Erguendo-se instituições com estes fins, fecham-se os carcereos e hospitaes, foi a palavra de mais de um pensamento clarividente.

Curiosos estudos sobre este assumpto ha de autoria do notavel pedagogo Pierre Bovet "Director do Instituto

Rousseau" de Genebra, nos quaes elle nos mostra como na Suissa, se leva a serio a importante questão de protecção á infancia e em que, os Pestalozzi, não sómente pedagogos, empenham-se com abnegação.

A criança, em todas as eras mereceu um culto e protecção, — no periodo historico religioso vemos o Deus Menino protegido, defendido e guiado por seu pae adoptivo o nobre carpinteiro de Nazareth; na Grecia opulenta, vemos leis promulgadas para assegurar á infancia uma protecção, garantindo-lhe a subsistencia e o desenvolvimento normal e forte.

No imperio romano, não menospreziveis são os casos de legislações sabias, em que o estado tomava a si a incumbencia de promover a protecção á infancia.

Nos tempos mais modernos, numerosos são os exemplos commovedores de pessoas, que á custa de muito sacrificio proprio, mantinham sob sua guarda e ás suas expensas a infancia desprotegida e abandonada por paes abominaveis ou infelizes orphãos e entre estas pessoas, — eu vos lembro o nome de S. Vicente de Paulo, de quem ainda ha pouco vos falava.

No Brazil o grande Anchieta se multiplicava em actuações para prover a manutenção de crianças indigenas ou não, que tomara sob sua bemfazeja protecção.

De protecção a menores, por menores conta-se, por exemplo, o seguinte: Dupuytren, o menino francês, acabara seus estudos de humanidade com difficuldades inacreditaveis para encetar os estudos de medicina, nas mesmas condições de pecunia, não obstante, tivera comsigo, por sua conta, um collega.

Moravam em um quarto, cuja mobilia consistia em uma mesa, uma cadeira e uma especie de cama em que os dois dormiam revezando-se e, como os recursos minguassem, cada vez mais, viram-se obrigados, durante algum tempo, a passar a pão e agua.

E isto baseado em uma lei natural de attracção, que chamaríamos no Brasil, com a nossa verve: O prompto atraindo o prompto.

No Brasil — nunca é demais citar o nosso paiz nos bons feitos — já de ha algum tempo cuida-se de proteger a infan-

cia e, nesse terreno, justo é que se diga, a iniciativa particular muito tem coadjuvado, ao lado dos poderes publicos.

Na capital do paiz, na Guanabara incomparavel, para ter como molduras tão phantasticos scenarios, era preciso que a cidade se orgulhasse em possuir um serviço de protecção á infancia e ella orgulha-se justamente, tendo o modelar "Departamento da Criança" e o "Instituto de Protecção á Infancia" guiados seguramente pela competencia que é Moncorvo Filho, o medico apostolo, o anjo da guarda da criança brasileira.

Conforta-nos este exemplo e felizmente não é o unico, porque serviços outros ha, embora menos aparatosos, em S. Paulo — o nosso grande e magnifico Estado — este padrão de gloria da união, "A terra de heroes e berço de guerreiros" de Fagundes Varella — "o lyrico dos lyricos".

Em S. Paulo ha a obra magnifica de Analia Franco, espalhada em algumas cidades onde a benemerita senhora, com o auxilio popular, empenhou-se em erguer os monumentos que nos honram, protegendo os nossos irmãosinhos e que, justamente, têm a denominação de Crèches Analia Franco.

E mais instituições ha na Paulicéa, o portento da civilização moderna que eu exalto com orgulho, ao dizer-lhe o nome.

Sabeis, com certeza, da existencia da associação das Mãesinhas, organizada por verdadeiras paulistas, que tão dignamente elevam o nome já secular das tradições de familias deste pedaço mimoso e prodigo do Brasil.

Em Santos, a princeza do Brazil na palavra magica de Martins Fontes, vós sabeis da existencia de casas que são templos, cujos altares são caminhas de crianças risonhas, e citemos, então com prazer intenso : a Gota de Leite, Crèche Analia Franco e Asylo de Orphãos ; marcos inconfundiveis da grandeza e da nobreza da cidade praiana; fundações que vivem da philanthropia do nosso povo, das quotas do imposto de alcool que, em boa hora, os governos do paiz instituiram para beneficiar as casas pias, impedindo assim, de alguma maneira o vicio. Taes instituições vivem sob a direcção incansavel e, porque não dizer, apostolar de figuras como Victor de Lamare o pae dos orphãos, — a meu ver — a instituição que com a do Asylo de Invalidos, mais póde provocar lagri-

mas aos corações bem formados, por sua finalidade altamente altruística.

Já me extendo bastante e urge que não vos fatigue, embora muito ainda tenha a vos dizer.

Termino, pois, com uma phrase lapidar de Pasteur: "A grandeza das acções humanas mede-se pela inspiração que lhes deu o ser."

Feliz de quem traz em si um Deus, um ideal de belleza, e lhe obedece; ideal de arte, ideal de sciencia, ideal da patria, ideal das virtudes do Evangelho.

Tenho dito.

O café consumido em França, no primeiro trimestre do anno, teve a seguinte procedencia:

Paizes	Quintaes
Grã Bretanha	1.019
Ilhas Britannicas	5.157
Venezuela	15.117
Brasil	303.459
Haiti.	52.985
I. Hollandesas	29.983
S. Salvador.	1.327
Nicaragua	3.060
Estados Unidos	279
Colombia	3.490
Madagascar.	7.031
Diversos.	24.762

CONTRIBUIÇÃO PARA A REFORMA DO PROGRAMMA DAS ESC. PRIMARIAS PAULISTAS

Prof. João Pires Barbosa

Inspector do 74.º Districto Escolar
(Séde em Itajoby)

Attendendo á Circular n.º 26, da Directoria Geral da Instrucção Publica, deste anno, referente ás modificações dos actuaes programmas primarios, tenho o prazer de apresentar, em seguida, o resumo das observações por mim feitas neste districto.

LOCALIZAÇÃO DO DISTRICTO : — O 74.º Districto Escolar comprehende os municipios de Itajoby (séde), Novo Horizonte, Mundo Novo e Potyrendaba. Está localizado entre as zonas “Noroeste”, “Douradense” e “Araraquarense”, limitando-se com o 75.º (séde em Cafelandia), para o lado da primeira zona; com o 64.º (séde em Itapolis), para o lado da segunda e, finalmente, com os 65.º, 73.º e 80.º (sédes, respectivamente, em Taquaritinga, Catanduva e Rio Preto), para o lado da terceira zona.

MEIOS DE TRANSPORTE : — Não é servido por estrada de ferro. Dispõe de boas estradas de rodagem que o cortam em todas as direcções, estabelecendo communicação com as estradas de ferro “Noroeste”, “Araraquara” e “Douradense”. O serviço de transporte de viajantes e de cargas é feito por meio de automoveis e caminhões. Os veículos á tracção animal, hoje poucos e de pequena lotação, têm a sua acção circumscripta ao serviço interno das fazendas e sitios.

POPULAÇÃO : — Predomina o elemento nacional, sendo que, mais da metade descendente proximo de estrangeiros. O elemento estrangeiro é consideravel e compõe-se, princi-

palmente, de italianos, hespanhoes e syríos, os dois primeiros na lavoura e os ultimos, exclusivamente no commercio. Os portuguezes são raros. Ha ainda japoneses, umas 60 familias, arregimentados em dois nucleos, todos lavradores.

CONDIÇÕES DE VIDA : — Não me parecem boas as dos habitantes da zona rural, mesmo as daquelles que desfrutam regular situação economica. Cincoenta por cento dessa gente vive sem nenhum conforto, sem noção de hygiene e flagellada pelo amarellão e pela maleita.

CULTURAS : — Em primeiro lugar apparece a cultura do café com os seus 45 milhões de pés em producção. Seguem-se-lhe as do arroz, feijão e milho, em grande escala. A cultura do fumo, por ser apreciavel, já despertou a attenção do Governo Estadual que, em Novo Horizonte, fez construir uma estufa para o seu preparo em folhas.

PECUARIA : — E' representada por uma grande criação de gado vaccum, que constitue, para Novo Horizonte, depois do café, a sua principal fonte de renda.

E' esse o meu trabalho e espero que elle esteja de accordo com o plano traçado.

Nos grupos escolares, a educadora sanitaria exerce um papel de alta relevancia, desenvolvendo ahi um programma apropriado a cada idade; nas suas visitas systematicas ellas vão paciente e methodicamente formando na alma juvenil a consciencia sanitaria, que, palavra a palavra, conselho a conselho, modela-se na crystallização desses preceitos num puro diamante, que jamais deixará de brilhar no raciocinio e orientar hygienicamente o individuo por toda vida.

DR. FIGUEIRA DE MELLO

MOVIMENTO DAS CAIXAS ESCOLARES DO ESTADO

DURANTE O PRIMEIRO SEMESTRE DE 1930

Saldos existentes em 30 de Junho

CAPITAL :

1 — Grupo Escolar de Agua Rasa	21\$000
2 — Grupo Escolar “Arnaldo Barreto”	710\$300
3 — 1.º Grupo Escolar do Braz	774\$600
4 — Grupo Escolar “Campos Salles”	2:255\$100
5 — Grupo Escolar de Carandirú	306\$000
6 — Grupo Escolar de Itahim	324\$200
7 — Grupo Escolar de Jardim America	186\$600
8 — Grupo Escolar “João Kopke”	2:942\$700
9 — Grupo Escolar da Lapa	6:576\$900
10 — Grupo Escolar “Marechal Floriano”	3:759\$440
11 — Grupo Escolar “Maria José”	1:880\$000
12 — Grupo Escolar “Miss Browne”	1:162\$000
13 — Grupo Escolar da Moóca	1:525\$900
14 — Grupo Escolar “Oswaldo Cruz”	91\$600
15 — Grupo Escolar “Pedro II”	1:402\$200
16 — Grupo Escolar da Penha	2:332\$300
17 — Grupo Escolar “Prudente de Moraes”	1:552\$600
18 — Grupo Escolar “Regente Feijó”	2:434\$600
19 — Grupo Escolar “Rodrigues Alves”	7:184\$900
20 — Grupo Escolar de Sant’Anna.	1:591\$540
21 — Grupo Escolar de Tucuruvy	10\$000
22 — Grupo Escolar de Villa Esperança	92\$000
23 — Grupo Escolar de Villa Guilherme	389\$000
24 — Grupo Escolar de Villa Maria	861\$000
25 — Escolas Reunidas do Lageado	600\$700
26 — 3.º Grupo Escolar do Braz	—

INTERIOR :

1 — Grupo Escolar de Agudos	192\$400
2 — Grupo Escolar de Angatuba	1:476\$000
3 — Escolas Reunidas de Annapolis	340\$000
4 — Grupo Escolar de Araras	2:841\$700
5 — Grupo Escolar de Ariranha	40\$200
6 — Grupo Escolar de Altinópolis	—
7 — Grupo Escolar de Arraial dos Souzas	108\$200
8 — 1.º Grupo Escolar de Araraquara	—
9 — Grupo Escolar “Antonio J. Carvalho”, Araraquara	57\$100
10 — 3.º Grupo Escolar de Araraquara	—
11 — Escolas Reunidas de Americo Brasiliense	339\$900
12 — Escolas Reunidas de Arthur Nogueira	34\$000
13 — Grupo Escolar de Assis	380\$700
14 — Grupo Escolar de Atibaia	686\$700
15 — Grupo Escolar de Avaré	515\$500
16 — Grupo Escolar de Aparecida	924\$500
17 — Grupo Escolar de Barra Bonita	655\$500
18 — Grupo Escolar de Barretos	410\$500
19 — Grupo Escolar de Batataes	1:338\$700
20 — Grupo Escolar de Bebedouro	57\$500
21 — Grupo Escolar de Bica de Pedra	1:409\$800
22 — Grupo Escolar de Biriguy	48\$500
23 — Grupo Escolar de Bôa Esperança	204\$700
24 — Escolas Reunidas de Bocayuva	485\$400
25 — Escolas Reunidas de Boituva	360\$910
26 — Escolas Reunidas de Bom Sucesso	72\$100
27 — Escolas Reunidas de Borborema	33\$000
28 — Grupo Escolar “Dr. Jorge Tibiriçá”, Bragança	8:208\$870
29 — Grupo Escolar “José Guilherme”, Bra- gança	2:791\$700
30 — Grupo Escolar de Brodowski	1:764\$600
31 — Grupo Escolar de Brótas	929\$600
32 — Escolas Reunidas de Buquira	—
33 — Escolas Reunidas de Bury	416\$000
34 — Grupo Escolar de Cabreuva	906\$000
35 — Grupo Escolar “Ruy Barbosa”, Caçapava	389\$600
36 — Grupo Escolar de Cachoeira	384\$030
37 — Escolas Reunidas de Cafelandia	32\$000

38	—	Escolas Reunidas de Cajoby	148\$500
39	—	Grupo Escolar "Francisco Glycerio", Campinas	1:818\$500
40	—	4.º Grupo Escolar de Campinas	1:059\$500
41	—	6.º Grupo Escolar de Campinas	—
42	—	Escolas Reunidas de Campos Novos	250\$000
43	—	Escolas Reunidas de Cannas	65\$750
44	—	Grupo Escolar de Capão Bonito	91\$600
45	—	Grupo Escolar de Capivary	5:841\$000
46	—	Escolas Reunidas de Caraguatatuba	24\$400
47	—	Escolas Reunidas de Carioba	419\$900
48	—	Escolas Reunidas de Cascalho	501\$500
49	—	Grupo Escolar de Cascavel	38\$000
50	—	1.º Grupo Escolar de Catanduva	79\$200
51	—	2.º Grupo Escolar de Catanduva	179\$800
52	—	Escolas Reunidas de Catupiry	61\$700
53	—	Grupo Escolar de Cerqueira Cesar	600\$000
54	—	Grupo Escolar de Cerquilha	308\$900
55	—	Grupo Escolar de Chavantes	272\$900
56	—	Grupo Escolar de Collina	168\$050
57	—	Escolas Reunidas de Conchal	24\$500
58	—	Grupo Escolar de Conchas	860\$800
59	—	Grupo Escolar de Cordeiro	17\$000
60	—	Grupo Escolar de Cosmopolis	388\$500
61	—	Grupo Escolar de Cravinhos	63\$500
62	—	Escolas Reunidas de Crystaes	343\$100
63	—	Grupo Escolar de Cunha	464\$190
64	—	Grupo Escolar de Descalvado	480\$500
65	—	Escolas Reunidas de Dobrada	—
66	—	Grupo Escolar de Dois Corregos	417\$750
67	—	Grupo Escolar de Dourado	1\$100
68	—	Grupo Escolar de Elias Fausto	570\$500
69	—	1.º Grupo Escolar de Espirito Santo do Pinhal	3:133\$545
70	—	2.º Grupo Escolar de Espirito Santo do Pinhal	338\$600
71	—	Grupo Escolar "Cel. Francisco Martins" Franca	5:497\$000
72	—	Grupo Escolar de Faxina	2:286\$080
73	—	Grupo Escolar de Fernando Prestes	206\$200
74	—	Escolas Reunidas de Gavião Peixoto	112\$000
75	—	Escolas Reunidas de Guamirim	179\$200
76	—	Grupo Escolar de Guanabara	134\$800

MOVIMENTO DAS CAIXAS ESCOLARES DO ESTADO

77	— Grupo Escolar de Guará	16\$900
78	— Escolas Reunidas de Guaracy	—
79	— Escolas Reunidas de Guarehy	309\$900
80	— Grupo Escolar de Guarulhos	51\$800
81	— Escolas Reunidas de Guayçára	—
82	— Escolas Reunidas de Guararema	70\$350
83	— Grupo Escolar “Flaminio Lessa”, Gua- ratinguetá	3:641\$400
84	— Escolas Reunidas de Ibaté	—
85	— Escolas Reunidas de Ibitiúva	75\$800
86	— Grupo Escolar de Ignacio Uchôa	367\$965
87	— Grupo Escolar de Iguape	58\$120
88	— Grupo Escolar de Indaiatuba	296\$060
89	— Grupo Escolar de Itaberá	1:280\$900
90	— Grupo Escolar de Itajoby	119\$200
91	— Grupo Escolar de Itapira	1:590\$850
92	— Grupo Escolar de Itapolis	2:114\$200
93	— Grupo Escolar de Itaporanga	—
94	— Grupo Escolar de Itararé	843\$100
95	— Grupo Escolar de Itatiba	14\$600
96	— Escolas Reunidas de Itoby	856\$400
97	— Caixa de Assistencia Escolar de Itu	13:589\$100
98	— Grupo Escolar de Igarapava	1:953\$000
99	— Grupo Escolar de Ityrapina	284\$900
00	— Grupo Escolar de Ibitinga	1:571\$000
01	— Grupo Escolar “Cel. Vaz”, Jaboticabal	3:209\$000
02	— 2.º Grupo Escolar de Jaboticabal	856\$700
03	— Grupo Escolar de Jacarehy	3:079\$200
04	— Grupo Escolar “Major Prado”, Jahu	3:866\$200
05	— Escolas Reunidas de Jaguary	152\$800
06	— Escolas Reunidas de Jarinu	439\$800
07	— Grupo Escolar de Joanopolis	117\$000
08	— Grupo Escolar “Barão de Jundiahy”, Jundiahy	256\$100
09	— Grupo Escolar de Laranjal	637\$300
10	— Grupo Escolar de Leme	1:251\$000
11	— Grupo Escolar “Flaminio Ferreira”, Li- meira	1:491\$000
12	— Grupo Escolar “Conde Moreira Lima”, Lorena	1:012\$100
13	— Grupo Escolar “Gabriel Prestes”, Lorena	41\$360
14	— Escolas Reunidas de Maracahy	214\$500
15	— Escolas Reunidas de Marcondesia	110\$300

116	— Grupo Escolar de Marília	830\$300
117	— Escolas Reunidas de Maristella	542\$500
118	— Grupo Escolar de Mineiros	2:321\$200
119	— Escolas Reunidas de Mirante	289\$600
120	— Grupo Escolar de Mirasól	504\$700
121	— Grupo Escolar de Mocóca	2:113\$200
122	— Grupo Escolar de Mogy Guassu	278\$000
123	— Grupo Escolar “Cel. Venancio”, Mogy Mirim	416\$500
124	— Grupo Escolar “Dr. Oscar Rodrigues Al- ves”, Mogy Mirim	969\$550
125	— Grupo Escolar de Mombuca	58\$100
126	— Grupo Escolar de Monte Alto	364\$500
127	— Grupo Escolar de Monte Azul	3:409\$800
128	— Grupo Escolar de Monte Mór	504\$550
129	— Escolas Reunidas de Mundo Novo	532\$300
130	— Grupo Escolar de Mattão	592\$100
131	— 1.º Grupo Escolar de Mogy das Cruzes	3:131\$700
132	— 2.º Grupo Escolar de Mogy das Cruzes	374\$400
133	— Escolas Reunidas de Natividade	943\$200
134	— Escolas Reunidas de Nova Europa	517\$800
135	— Escolas Reunidas de Nova Granada	161\$400
136	— Escolas Reunidas de Nova Paulicéa	60\$000
137	— Grupo Escolar de Novo Horizonte	474\$000
138	— Grupo Escolar de Olympia	1:220\$500
139	— Grupo Escolar de Ourinhos	200\$000
140	— Grupo Escolar de Palmital	28\$600
141	— Grupo Escolar de Parahybuna	421\$350
142	— Escolas Reunidas de Pariquera-Assu	72\$100
143	— Escolas Reunidas de Pau d’Alho	216\$900
144	— Escolas Reunidas de Pau Queimado	10\$600
145	— Grupo Escolar de Pederneiras	23\$100
146	— Grupo Escolar de Pedregulho	182\$200
147	— Grupo Escolar de Pennapolis	377\$800
148	— Grupo Escolar de Pereiras	194\$300
149	— Escolas Reunidas de Pilar	190\$800
150	— Grupo Escolar de Pindamonhangaba	1:724\$870
151	— Grupo Escolar de Pindorama	158\$100
152	— Grupo Escolar de Piquete	107\$200
153	— Grupo Escolar de Piracaia	1:495\$820
154	— Grupo Escolar Modelo de Piracicaba	8:328\$500
155	— Grupo Escolar “Moraes Barros” de Pi- racicaba	1:420\$050

MOVIMENTO DAS CAIXAS ESCOLARES DO ESTADO

156	— Grupo Escolar “Rio Branco” de Piracicaba	87\$550
157	— Grupo Escolar do Porto, em Piracicaba	712\$500
158	— Grupo Escolar de Pirajuhy	127\$200
159	— Grupo Escolar de Pirangy	549\$300
160	— Grupo Escolar “Cel. Franco”, de Pirassununga	2:478\$740
161	— Grupo Escolar de Piratininga	136\$000
162	— Grupo Escolar de Pitangueiras	68\$900
163	— Grupo Escolar de Pontal	—
164	— Escolas Reunidas de Porangaba	595\$500
165	— Grupo Escolar de Porto Feliz	1:113\$300
166	— Grupo Escolar de Porto Ferreira	180\$900
167	— Grupo Escolar de Posse	369\$500
168	— Escolas Reunidas de Potyrendaba	366\$100
169	— Escolas Reunidas de Pouso Alegre de Baixo	483\$500
170	— Grupo Escolar de Presidente Prudente	1:138\$300
171	— Grupo Escolar de Promissão	356\$200
172	— Escolas Reunidas de Piedade	403\$100
173	— Escolas Reunidas de Piraguhy	67\$100
174	— Grupo Escolar de Poá	485\$450
175	— Grupo Escolar de Quiririm	687\$500
176	— Escolas Reunidas de Redempção	1:802\$060
177	— Grupo Escolar de Ribeirão Bonito	317\$500
178	— Escolas Reunidas de Ribeirão Branco	39\$400
179	— Grupo Escolar “Dr. Guimarães Junior” Ribeirão Preto	34\$900
180	— 2.º Grupo Escolar de Ribeirão Preto	707\$100
181	— 3.º Grupo Escolar de Ribeirão Preto	119\$900
182	— 4.º Grupo Escolar de Ribeirão Preto	266\$100
183	— Escolas Reunidas de Ribeirão Vermelho	840\$400
184	— Grupo Escolar de Rincão	485\$400
185	— Grupo Escolar “Cel. Joaquim Salles”, Rio Claro	1:126\$700
186	— Grupo Escolar “Marcello Schmidt”, Rio Claro	642\$450
187	— 3.º Grupo Escolar de Rio Claro	617\$600
188	— Grupo Escolar de Rio das Pedras	290\$800
189	— Escolas Reunidas de Roseira	280\$000
190	— Grupo Escolar de Salto	3:182\$100
191	— Escolas Reunidas de Salto Grande	338\$000
192	— Grupo Escolar de Santa Branca	1:205\$662

193	— Grupo Escolar de Santa Barbara	457\$200
194	— Grupo Escolar de Santa Cruz do Rio Pardo	977\$400
195	— Grupo Escolar de Santa Rita do Passa Quatro	61\$900
196	— Grupo Escolar de Santo Amaro	1:336\$700
197	— Grupo Escolar de Santo Antonio d'Alegria	—
198	— Escolas Reunidas de Santo Antonio do Jardim	379\$400
199	— Grupo Escolar de São Bento do Sapucahy	1:955\$850
200	— Grupo Escolar de Santo André	6:554\$900
201	— 2.º Grupo Escolar de São Caetano	114\$300
202	— Grupo Escolar "Cel. Paulino Carlos", S. Carlos	1:121\$000
203	— 2.º Grupo Escolar de São Carlos	470\$800
204	— Grupo Escolar de São João da Boa Vista	459\$600
205	— Grupo Escolar de São João da Bocaina	2:135\$590
206	— Escolas Reunidas de S. José de Bella Vista	228\$300
207	— Grupo Escolar "Olympio Catão", S. José dos Campos	3\$600
208	— 2.º Grupo Escolar de São José dos Campos	958\$300
209	— Grupo Escolar de São José do Rio Pardo	3:921\$000
210	— Escolas Reunidas de São Lourenço do Turvo	331\$400
211	— Grupo Escolar de São Luiz do Parahytinga	182\$100
212	— Escolas Reunidas de São Miguel Archanjo	—
213	— Grupo Escolar de São Pedro	627\$800
214	— Grupo Escolar de São Sebastião	500\$000
215	— Grupo Escolar de São Simão	343\$800
216	— Grupo Escolar de Serra Azul	685\$400
217	— Escolas Reunidas de Serrinha	54\$700
218	— Grupo Escolar de Sertãozinho	491\$000
219	— Escolas Reunidas de Severinia	36\$200
220	— Escolas Reunidas de Silveiras	30\$600

E D U C A Ç Ã O

221 — Grupo Escolar “Antonio Padilha”, Sorocaba	2:178\$700
222 — Grupo Escolar “Visc. Porto Seguro”, Sorocaba	3:331\$200
223 — Grupo Escolar “Senador Vergueiro”, Sorocaba	1:844\$900
224 — Grupo Escolar de Santa Rosalia, Sorocaba	1:750\$800
225 — Escolas Reunidas de Tabatinga	676\$000
226 — Grupo Escolar de Tambahu	2:218\$600
227 — Grupo Escolar de Tapyratiba	347\$800
228 — Grupo Escolar de Taquaritinga	2:253\$800
229 — Grupo Escolar “João Florencio”, de Taubaty	1:631\$270
230 — Grupo Escolar “Dr. Lopes Chaves”, Taubaté	25\$100
231 — Grupo Escolar “Pereira de Barros”, Taubaté	—
232 — Grupo Escolar de Terra Roxa	231\$700
233 — Grupo Escolar de Tietê	219\$000
234 — Grupo Escolar de Torrinha	438\$000
235 — Grupo Escolar de Tremembé.	89\$000
236 — Grupo Escolar de Ubatuba	557\$500
237 — Grupo Escolar de Vallinhos	241\$200
238 — Grupo Escolar de Vargem Grande	188\$300
239 — Grupo Escolar de Villa Americana	543\$400
240 — Grupo Escolar de Villa Bella	53\$800
241 — Escolas Reunidas de Villa Bomfim	174\$600
242 — Grupo Escolar de Villa Raffard	1:579\$350
243 — Grupo Escolar de Viradouro	655\$100
244 — Grupo Escolar de Votorantim	2:546\$000
245 — Escolas Reunidas de Xiririca.	179\$800
246 — Escolas Reunidas de Santa Isabel	30\$000
247 — Escolas Reunidas de Cesario Lange.	114\$800
248 — 1.º Grupo Escolar de Bauru	1:789\$000
249 — Grupo Escolar de Palmeiras	713\$700
250 — Grupo Escolar “Conde de Parnahyba” de Jundiahy	22\$400
251 — Grupo Escolar “Cel Siqueira de Moraes de Jundiahy	32\$500
252 — Escolas Reunidas de Murungaba	6\$200
253 — Grupo Escolar de Monte Alegre.	545\$600

E D U C A Ç Ã O

254	— Grupo Escolar de Pedreira	867\$100
255	— Grupo Escolar de Serra Negra	652\$800
256	— Grupo Escolar de Socorro	100\$000

RECEITA TOTAL 391:190\$865

DESPESA TOTAL 136:386\$263

SALDO TOTAL 254:804\$602

A população das capitães dos Estados, em 3
Maio 1930, pode ser assim estimada:

(Da Mensagem do Sr. Presidente da Republica)

Maceió	103.930
Manáos	83.736
São Salvador	329.898
Fortaleza	123.706
Victoria	29.243
Goyaz	26.328
São Luiz	62.895
Cuyabá	41.148
Bello Horizonte	108.849
Belém	279.491
Parahyba	74.104
Curityba	100.135
Recife	340.543
Therezina	64.379
Nictheroy	108.233
Natal	41.747
Porto Alegre	273.376
Florianopolis	46.520
São Paulo	879.788
Aracaju	49.114

(Reproduzido por haver engano na 1.^a publicação)

I N F O R M A Ç Õ E S

Circulares expedidas pela Directoria Geral da Instrucção Publica

CIRCULAR N.º 35 — S. Paulo, 23—7—930.

Sr. Inspector do . . . Districto Escolar

Com o intuito de uniformizar e melhorar a orientação e o treino do escotismo em nosso Estado, esta Directoria Geral está empenhada em favorecer o aperfeiçoamento de um grupo de técnicos, que se encarregará, em breve tempo, desse serviço. E' por isso de toda a conveniencia que, em vosso districto, sejam suspensos os trabalhos que por ventura venham sendo feitos nesse sentido. E, para balanço do material de escotismo peço que me envieis uma lista do existente sob vossa fiscalização.

Attenciosas saudações. (a) *Amadeu Mendes.*

Despacho de 10 de Julho de 1930

Nomeação de director para Escola Profissional.

O sr. Antonio Luiz Pandolfi, professor de Português da Escola Profissional mixta "Dr. Julio Cardoso", de Franca, para director do mesmo estabelecimento.

Nomeação de adjuntos.

Sr. Heitor de Oliveira, da escola masculina, urbana, de Lageadinho, Nova America, em Itapolis, para o grupo de Itapolis.

D. Renata Jardim, da mixta, rural, da estação de Fortuna, em Chavantes, para o de Brodowski.

D. Esther de Camargo Toledo, da mixta, rural, do bairro dos Nogueiras, em Soccorro, para o do mesmo municipio.

Permutas de adjuntos.

D. d. Maria Stella Damy e Jocelina Grillo, dos 1.º de Araraquara e "Barnabé" em Santos.

D.d. Amenayde Nogueira de Mello e Adelina Oliveira Pacheco, dos "Campos Salles" e de Sacoman, na Capital.

Sr. Raul Antonio Fragoso e d. Lauriana Bittencourt de Sá, dos da Penha e 2.º do Braz, na Capital.

Exoneradas a pedido.

D. Hermila Arantes de Mello, do de Mogy-Guass.

D. Leonor Leme Cavalheiro, do de Soccorro.

Declaração sobre denominação de grupo escolar.

Foi declarado que o Grupo de Villa Raffard, no município de Capivary, em virtude da lei n. 2368, de 22 de Novembro de 1929, passa a denominar-se Grupo Escolar de Raffard.

Nomeação de professores.

Adroaldo Alves Corrêa para reger a escola masculina, rural, da Barra do Chapéo, em Apiahy.

D. Almerinda de Figueredo para reger a 2.^a escola mixta das reunidas, urbanas, de Espirito Santo do Rio do Peixe, em S. José do Rio Pardo.

Bacharel d. Anna Maria de Tella, para a mixta, rural, do Bairro de Nova Veneza, em Campinas.

D. Aurea Vieira Borges, para a mixta, rural, de Itavuvu, em Sorocaba.

Bacharel d. Cleonice Silva, para a mixta, rural, da Fazenda Conquista, em Ribeirão Preto.

D. Eulalia Andreasi, para a mixta, rural, do Bairro do Barreiro (Lyn-doya), em Serra Negra.

D. Haydée de Camargo Prestes, para a 3.^a mixta das reunidas, ruraes, de Cruz Alta, em Tieté.

Bacharel d. Maria Conceição Velludo, para a mixta, rural, da Fazenda São Manoel, em Ribeirão Preto.

Bacharel d. Maria Edilia de Lima Lobão, para a mixta, rural, do Bairro do Alferes Rodrigues, em Amparo.

D. Maria Isabel do Canto, para a mixta rural, da Fazenda Nova Ceylão, em São Pedro.

D. Maria da Luz Neves, para a mixta rural, da Fazenda Cyrillo Prado, em Novo Horizonte.

D. Ruth Pinheiro, para a mixta, rural, do Bairro da Cachoeira, em Barretos.

D. Zoraide Silveira de Almeida, para a mixta, rural, da Fazenda Boa Vista, em Rio Claro.

D. Dirce Ribeiro de Arruda, dispensada por decreto desta data da regencia interina da escola mixta que funciona junto ao Instituto Profissional de Cegos "Padre Chico", nesta Capital, para a mixta, rural, da Fazenda Victoria. (Bairro da Usina), em Tieté.

D. Brunetta Amelia Menesine de Castro, para a 2.^a feminina das reunidas, urbanas, de Xiririca.

D. Delmira Augusta de Figueiredo, para a mixta, rural, da Fazenda vernada (Bairro do Amendoim), em Altinópolis.

Permutas autorizadas.

A d.d. Dalzira Barros e Maria José Nabuco de Araujo, respectivamente, dos de Serra Azul e "Cel Francisco Martins", de Franca; Celeste Varella Lessa e Carmelita Malavoglia de Andrade, respectivamente dos de Santo Anastacio e 2.^o de Catanduva e a d.d. Thereza Barone, da 1.^a escola mixta, rural, de Piassaguera, em Santos, e Euterpe Mazzei, da 1.^a mixta, rural, de Eleuterio, em Itapira.

Nomeação de professoras leigas.

D. Alice Geddings, para a escola mixta, rural, do Bairro do Ribeirão Grande, em Xiririca.

I N F O R M A Ç Õ E S

D. Hortencia Aparecida Brreira, para a mixta, rural, do Bairro do Barreiro, em Xiririca.

D. Maria do Carmo Borges, para a mixta, rural, do Bairro do Conchal, em Xiririca.

D. Maria Antonietta Seix, para a mixta, rural, da Fazenda Santa Lina, em Gramma.

Remoções por necessidade do ensino.

D. Leonor Mendes Negreiros, da 2.^a escola mixta, rural, da Estação de Morro Grande, para a 1.^a mixta das reunidas, urbanas, de Ferraz, ambas em Rio Claro.

D. Noemia Rodrigues da Cunha, da mixta, rural, da Fazenda Pau d'Alho, em S. José do Rio Preto, para a mixta, rural, da Fazenda Embaré, em S. Carlos.

D. Maria Philomena Passa, da 1.^a escola mixta, rural, da Fazenda Mombuca, em Ipaussu, para a mixta, rural, da Fazenda Cachoeira, em Botucatu.

Exoneração de professores nomeados adjuntos.

Heitor de Oliveira, da masculina, urbana, do Lageadinho (Nova America), em Itapólis.

D. Renata Jardim, da mixta, rural, da Estação de Fortuna, em Chavantes.

D. Esther de Camargo Toldo, da mixta, rural, do Bairro dos Nogueiras, em Socorro.

Dispensa de professora leiga.

A pedido, d. Duzolina Darn, da regencia interina da mixta, rural, do Bairro do Moreira, em Gramma.

D. d. Carolina Carletto, da mixta, rural, da Fazenda Serrinha, em Taquaritinga, cujo funcionamento fica suspenso, Anna de Oliveira Schneider, da escola mixta, rural, do Bairro do Cattete, em Avahy, Hortencia Aparecida Ferreira, da escola mixta, rural, do Bairro do Conchal, em Xiririca e Maria do Carmo Borges, da escola mixta, rural, do Bairro do Barreiro, em Xiririca.

Transferencia de escolas.

Masculina rural, da Fazenda Alto da Bella Vista, em Olympia, regida interinamente pelo professor ligo Benjamin Vieira, para a Fazenda Tonani, no mesmo municipio.

Mixta, rural, da Fazenda "Doutor Chrispiniano", em Sertãozinho, regida pela professora d. Nair Teixeira, para o Bairro de Santa Rosa, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro de Agua Suja, em Espirito Santo do Turvo, regida pela professora d. Odete de Arruda Campos, para o Bairro de Ribeirão Claro, no mesmo municipio.

Mixta, rural, da Fazenda Jardim, em Guaratinguetá, regida pela professora d. Juventina Barbosa, para a Fazenda Pinheirinho, (Bairro da Jararaca) no mesmo municipio.

Mixta, rural, de Chave Americana, em Porto Feliz, regida pela professora d. Clyde Villaça, para o Bairro de Santa Cruz, no mesmo municipio.

Designação de escolas.

A mixta, rural, do Bairro do Jacaré, em Santa Branca, para continuação do exercício da professora d. Ruth Arnaud Caetano que regia a mixta, rural do Bairro do Cajuru, em São José dos Campos, cujo funcionamento fica suspenso.

2.^a via de título.

Do de 26 do mez findo, pelo qual foi nomeada d. Lucia Vieira de Moraes para a escola mixta, rural do Bairro do Cerrito, em Araraquara.

Disponibilidade declarada.

A do professor Rafael Improta, da 1.^a escola nocturna para adultos, em Santos, convertida em curso nocturno de alphabetização.

Rectificação de decreto.

Foi declarado que foi a pedido, e não por abandono do cargo, a exoneração de d. Ida Savi, da regencia da escola mixta, rural, da Barra, em Amparo, decreto de 14 de Fevereiro de 1924.

Despacho de 17 de Julho de 1930.**Nomeação de adjuntos.**

D. Leonor de Andrade Moraes, da escola mixta, rural, da fazenda São Joaquim em Pirassununga, para o "Dr. Carlos Guimarães", de Palmeiras.

D. Emma Amadi, da escola mixta, rural, da fazenda "Macacos", em Serra Negra, para o da mesma cidade.

Nomeação de professoras.

D. Aureolina Pinheiro Machado, para reger a escola mixta, rural, da Secção Acarahy, em Pirajuby.

D. Elidia de Almeida, para a mixta, rural, do Bairro do Lageado em Bury.

D. Illydia Galezi Bacchi, para a 1.^a mixta das reunidas, ruraes, de Dois Corregos, em Piracicaba.

D. Julieta da Soledade, para a mixta, rural, da Fazenda S. Francisco, em Catanduva.

D. Lubelia Branca Corrêa Fontes, para a 2.^a mixta, rural, da Estação de Morro Grande, em Rio Claro.

A bacharel d. Lydia Gomes, para a mixta, rural, da Fazenda Engenho, em Itatiba.

D. Zuleika Moraes, para a mixta, rural, do Bairro da Boa Esperança, em São José do Rio Pardo.

Nomeação de leigas.

D. Luzia Lordello Alves, para reger a escola mixta, rural, do Bairro dos Provazi, em Tietê.

D. Sebastiana Ferraz de Macedo, para a mixta, rural, da Fazenda Palmital, em São Carlos.

Exonerada por ter sido nomeada adjunta.

A professora d. Emma Amadi, da escola mixta, rural, da Fazenda Macacos, em Serra Negra, nomeada adjunta de Grupo.

Nomeada em comissão.

A professora d. Dúce Ribeiro de Arruda, com exercício na escola mixta, rural, da Fazenda Victoria (Bairro da Usina) em Tieté, para reger em comissão, a escola mixta que funciona junto ao Instituto Profissional de Cegos "Padre Chico", nesta Capital.

Funcionamento de escola restabelecido.

O da escola mixta, rural, da Fazenda Retiro, no municipio de São José do Rio Pardo.

Exoneração a pedido.

A professora d. Odila Ferraz, da regencia da 1.^a escola mixta das reunidas, ruraes, de Dois Corregos, em Piracicaba.

Permuta autorizada.

Foi concedida autorização para permutarem os seus logares, os professores Benedicto de Campos e d. Leonor Leme Cavalheiro, respectivamente adjuntos dos Grupos de Socorro e de Capivary.

Remoção por necessidade do ensino.

D. Martha Franco, da 2.^a mixta, rural, da Fazenda da Companhia Agricola "Santa Sophia" (Colonia do Palmito), em Santa Adelia, para a 2.^a feminina das reunidas, urbanas, de Jurema, em Taquaritinga.

D. Nilza Rodrigues Pacheco, da mixta, rural, do Bairro da Boa Esperança, para a 2.^a mixta, rural, da Fazenda Villa Biella, ambas no municipio de São José do Rio Pardo.

Remoção de leigas.

De d. Ambrosina Morato, da escola mixta, rural, da Estação de D. Luiza, para a mixta, rural, da Fazenda Santa Ubaldina, ambas no municipio de Bebedouro.

Transferencia de escolas.

Mixta, rural, da Fazenda Varaes, em Pederneiras, regida interinamente pela professora leiga d. Adalgisa Pavanelli Mendes, para a Povoação de Agua Limpa, no mesmo municipio.

2.^a mixta, rural, de Carlos Gomes, em Campinas, regida pela professora d. Dulce Moraes Nascimento, para a Fazenda do Poço, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro de Bororé, em Santo Amaro, regida pela professora d. Ruth Moraes, para o Bairro de São José, no mesmo municipio.

Rivalidação de decreto.

O de 23 de Janeiro deste anno, que nomeou a professora da escola feminina das reunidas, urbanas, de Quatá, d. Clementina Schiavo, para adjunta do Grupo local.

Decretos declarados sem effeito.

O de 10 do corrente, que exonerou a professora d. Leonor Leme Cavalheiro, de adjunta do Grupo de Socorro.

O de 10 do corrente, que nomeou d. Esther de Camargo Toledo, professora da escola mixta, rural, do bairro dos Nogueiras, em Socorro, adjunta do Grupo do mesmo municipio.

O de 10 do corrente que exonerou a professora d. Esther de Camargo Toledo, da escola mixta, rural, do Bairro dos Nogueiras, em Socorro, por haver sido nomeada adjunta de Grupo.

Despacho de 24 de Julho de 1930.

Nomeação e effectivação de lentes.

Nomeado o sr. conego dr. José de Castro Nery, para o cargo de lente de Philosophia do Gymnasio do Estado, em Campinas.

Effectivado, de accordo com o artigo 316 do decreto n. 45 D, de 30 de Maio de 1929, o sr. Modesto Tavares de Lima, professor de Musica da Normal de Itapetininga.

Nomeação de adjuntos.

D. Rosalina Franco do Nascimento, da escola mixta das reunidas urbanas de Ipojuca, em Rio Claro, para adjunta do Grupo "Marcello Schmidt," na mesma localidade; d. Idolinda Alexandre Gonçalves, da 2.^a mixta das reunidas, urbanas, de Glycerio, para o Grupo de Mogy-Guassu; d. Violeta Lorenzetti, da mixta, rural, de Guayquica em Mogy-Mirim, para o Grupo "Dr. Oscar Rodrigues Alves", do mesmo municipio.

Remoções de directores e adjunta

Sr. Orlando Simonetti, do de Iguape, para o "Dr. Lopes Chaves", de Taubaté; sr. Romolo de Mello, do de Quiririm, em Taubaté, para o de Iguape, continuando em commissão, no cargo de professor de Pedagogia e Didactica da Escola Normal Livre Municipal de Taubaté. A professora d. Iracema Marques da Silveira, adjunta do Grupo "Oswaldo Cruz", para igual cargo do Modelo "Caetano de Campos", anexo á Escola Normal da Praça ambos da Capital.

Remoções por necessidade do ensino.

D. Antonina de Almeida França, da 2.^a escola feminina das reunidas, urbanas, de Campos Novos, para a 2.^a mixta, urbana, da Estação de Lobo, em Itatinga.

D. Floriza Barreto, da escola mixta, rural, do Bairro dos Cordeiros, em Capão Bonito, para a 1.^a feminina das reunidas, urbanas, de São Miguel Archanjo.

Remoção a pedido.

A professora d. Heleda Bahia Loria, da 1.^a escola mixta, urbana de Alvares Machado, em Presidente Prudente, para a mixta, rural, do Bairro de Coruquara, em Parnahyba.

Nomeação de director de grupo.

O professor Walter Rebello, com exercicio na escola masculina urbana, de Villa Machado, em Bauru, para director do Grupo de Quiririm, em Taubaté.

Exonerações a pedido.

A professora d. Leonor Leme Cavalheiro, de adjunta do Grupo "Coronel Olympio Gonçalves dos Reis", de Socorro; d. Maria Eugenia Ferreira Alves, de adjunta do Grupo "Dr. Oscar Rodrigues Alves", de Mogy Mirim.

Dispensa de adjunta.

D. Maria José Coelho de Souza, de adjunta do 2.º Grupo de Bauru, por ter sido nomeada para a 2.ª escola mixta das reunidas, ruraes, de Juru-Mirim, em Tieté.

Exonerações a pedido.

D. Margarida Silva, da escola mixta, rural, do Bairro da Cachoeirinha, em Rio Claro.

D. Nair de Oliveira, da 2.ª mixta das reunidas, ruraes, de Juru-mirim, em Tieté.

D. Anna Luiza Machado, da mixta, rural, do Bairro da Boa Vista, em Parahybuna.

D. Jurema Camorim, da mixta, rural, do Bairro Coruquára, em Parnahyba.

D. Carolina Dias Arruda, da mixta, rural, da Fazenda Monte Alegre, em Santa Rita do Passa Quatro.

Exoneração, em virtude de nomeação para outro cargo.

D. Idolinda Alexandre Gonçalves, da 2.ª escola mixta das reunidas, urbanas, de Glycerio.

D. Rosalina Franco do Nascimento, da mixta das reunidas, urbanas, de Ipojuca, em Rio Claro.

D. Violeta Lorenzetti, da escola mixta, rural, de Guayquica, em Mogy Mirim.

O professor José Rizzo, de adjunto do Grupo Modelo "Caetano de Campos", anexo á Escola Normal da Capital, por ter sido nomeado chefe da Secção de Instrucção da Penitenciaria do Estado.

Nomeação de professores.

D. Maria Santos Soares para a escola mixta, rural, do Bairro da Cachoeirinha, em Rio Claro.

D. Maria de Lourdes Andrade para a escola mixta, rural, do Bairro da Tóca do Conde, em São Simão, transferida por decreto desta data, para o Bairro do Limoeiro, no mesmo municipio.

D. Maria Amelia Pinto, para a escola mixta, rural, do Bairro de Ingatuba, em Pedreira.

D. Elisa Dias de Aguiar para a mixta, rural, da Fazenda Pau d'Alho, em São José do Rio Pardo.

D. Geraldina Nogueira de Carvalho para a mixta, rural, da Fazenda Retiro, em São José do Rio Pardo.

D. Guiomar de Oliveira para a mixta, rural, do Bairro do Rosario, em Joanopolis.

D. Hercilia Bonilha de Godoy, para a mixta, rural, da Colonia do Caiapiá, em Piracicaba.

D. Leopoldina Garcia para a mixta, rural, da Fazenda Santo Ignacio (Cayoçara), em Atibaia.

D. Maria Antonieta Soares Pacheco para a mixta, rural, da Fazenda Bella Vista, em São Pedro do Turvo, transferida, por decreto desta data, para o Bairro do Ribeirão Grande, no mesmo município.

D. Maria Luiza Rogerio para a feminina das reunidas, urbanas, de Mirante, em Piratininga.

D. Naria Soares Rodrigues, para a mixta, rural, da Fazenda São Joaquim, em Pirassununga.

Nomeação de leigos.

D. Benedicta Maria Valladão, para reger a escola mixta, rural, do Bairro da Fartura (Fazenda Macacos) em Palmital.

D. Donatilla Palazzin, para a 1.^a mixta, rural, da Fazenda Figueira, em Platina.

D. Florisa Almeida Camargo, para a mixta, rural, do Bairro dos Bragançeiros, em Faxina.

D. Ignez de Mello, para a mixta, rural, do Bairro da Aldeia, em Assis.

Dispensa de leigas.

D. Maria Natalina Cleopath de Godoy, da escola mixta, rural, da Colônia do Caiapiá, em Piracicaba.

D. Donatilli Palazzin, da escola mixta, rural, do Bairro da Fartura (Fazenda Macacos), em Palmital.

D. Benedicta Maria Valladão, da 1.^a escola mixta, rural, da Fazenda Figueira, em Platina.

Conversão de escola.

Em mixta, a feminina da Bella Vista, nesta Capital, a cargo da professora d. Violeta Zuquim.

Dispensa de leigas a pedido.

D. Maria Antonia Peres da Silva, da escola mixta, rural, do Bairro do Ribeirão Branco, em Parahybuna.

D. Vicentina de Cillo, da mixta, rural, da Fazenda Santa Maria, em Bauru.

D. Eljacia Moreira, da mixta das reunidas, urbanas, de Icen, em Olympia.

Designação de escola.

A 2.^a mixta das reunidas, rurales, de Juru-mirim, em Tieté para continuação do exercicio da professora d. Maria José Coelho de Sousa, dispensada do de adjunta do 2.^o Grupo de Bauru.

Permutas.

Autorizada a das professoras d.d. Aminta Marques de Oliveira e Iracema Cardoso, adjuntas dos Grupos "Cesario Bastos", de Santos e "Convenção de Itu".

Quarta parte de ordenado concedida.

A's adjuntas d.d. Christina de Aquino, Maria Christina Vuono e Celestina Barreto do Amaral, do Grupo da Bella Vista; d. Palmena Lombardi Pinto, do de Villa Guilherme, e aos porteiros srs. Augusto Leandro Pedroso e Miguel Jardim, dos Grupos da Bella Vista e "Pelic II", todos na Capital.

Aposentadorias.

Dos srs. Sebastião Pedro Lange, d. Maria Rita Marcondes Domingues, d. Benedicta Kiehl e Elisa Hummel Junqueira, adjuntos dos Grupos Villa Esperança e de Sant'Anna, e "João Kopke", na Capital e "Marcello Schmidt", em Rio Claro.

Despacho de 31 de Julho de 1930

Escola Normal Livre.

Equiparada, de accôrdo com a Lei n. 2269, de 31 de Dezembro de 1927, artigos 19 e 20, ás Normaes officiaes de tres annos, a Normal Livre Municipal de São Manoel, no regimen de externato, para alumnos de ambos os sexos.

Nomeação de adjuntos.

O sr. Alredo Giorgetti, professor da 1.^a escola masculina de Casa Verde, na Capital, para o "Frontino Guimarães", no mesmo municipio.

D. Lucinda Pinto, professora da 3.^a escola feminina das reunidas de Lageado, na Capital, para o de Itaquera, no mesmo municipio.

D. Maria Catharina Cosenza, professora da 1.^a escola feminina das reunidas de Parada Ingleza, na Capital, para o de Carandirú, no mesmo municipio.

D. Naír de Oliveira, da 2.^a escola mixta das reunidas, ruraes, de Juru-Mirim, em Tieté, para o 2.^o de Bauru.

D. Esther de Camargo Toledo, da escola mixta, rural, do Bairro dos Nogueiras, em Socorro, para o "Cel. Olympio Gonçalves dos Reis", do mesmo municipio.

Remoção de adjuntos.

D. Maria dos Remedios Marcondes dos Santos, do de Itaquera, para o da Penha.

D. Elzira Fagundes, do da Penha para o "Oswaldo Cruz".

D. Angelina Manjeau, do do Carandirú, para o "João Kopke".

D. Hermantina Amelia de Freitas do "Frontino Guimarães", para o de Sant'Anna.

Nos termos o art.^o 180, letra B do Regulamento vigente, d. Anna das Neves Silveira, adjunta do Grupo de Cajuru, para igual cargo no de Villa Esperança, na Capital.

D. Hercilia de Siqueira, do de Santo Antonio da Alegria, para o de Cajuru.

Reversão ao magisterio.

Sr. Juvenal Ferreira da Cunha, autorizado a reverter ao magisterio por decreto desta data, para o grupo de Pedregulho.

Adjunta dispensada.

Do Grupo de Guará, por haver sido nomeada directora das escolas reunidas de Chicó, em Piracicaba, a professora d. Anna Francisca de Moraes Sampaio.

Dispensados por terem sido nomeados adjuntos.

Sr. Alfredo Giorgetti, da 1.^a escola masculina de Casa Verde, nesta Capital.

D. Lucinda Pinto, da 3.^a escola feminina das reunidas do Lageado, nesta Capital.

D. Maria Catharina Cosenza, da 1.^a escola feminina das reunidas da Parada Ingleza, nesta Capital.

D. Esther de Camargo Toledo, da escola mixta, rural, do Bairro dos Nogueiras em Socorro.

Nomeação de professores.

Sr. Alberto Silverio Gomes dos Reis, para reger a escola masculina, urbana, de Ribeirão Claro, em Rio Preto.

D. Anisia de Almeida, para a escola mixta, rural, da Fazenda Nossa Senhora da Conceição, em São Miguel.

Sr. José Fogaça, para a masculina, rural, do Bairro do Taquaral, em São Miguel Archanjo.

D. Maria Apareida Campos Sampaio, para a mixta, rural, do Bairro de Santo Antonio, em São Roque.

D. Maria do Carmo Lobo, para a mixta, rural, da Fazenda Boa Vista, em Ytu.

D. Maria Dinucci, para a mixta, rural, da Fazenda Cintra, em Botucatu.

D. Maria Leal de Carvalho, para a mixta, rural, da Fazenda Santo Antonio, em Caconde.

Sr. Tertuliano Soares de Albergaria, para a mixta, rural, da Fazenda Bôa Vista, em Ignacio Uchôa, convertida em masculina.

D. Alice Cesar Rosa, para a mixta, rural, do Bairro do Retiro, em Itapetininga.

D. Iracema Amaral Campos, para a mixta, rural, do Bairro de S. Antonio de Sorocaba, em Botucatu.

A bacharela d. Carmella Ferrari, para a mixta, rural, da Fazenda Sta. Amelia, em Ribeirão Preto.

D. Anna Francisca de Moraes Sampaio, dispensada do cargo de adjunta do Grupo de Guará, para dirigir as escolas reunidas de Chicó, em Piracicaba.

D. Thereza Targa, para a mixta, rural da Fazenda Bôa Vista, em Botucatu.

Remoções por necessidade do ensino.

D. Altair de Mello e Silva, da escola mixta, rural, do Bairro da Bella Alliança, em Pirassununga, para a mixta das reunidas, urbanas, de Ipojuca, em Rio Claro.

D. Nicia Camargo da escola mixta, rural, da Fazenda Nossa Senhora da Conceição, em São Manoel para a mixta, rural, da Fazenda Sant'Anna em Botucatu.

D. Aquiléa de Almeida, da escola mixta, rural, da Fazenda São Sebastião do Lageado, transferida por decreto desta data para a Fazenda São Sebastião (A. Silva), no mesmo municipio.

D. Alice Nobrega, da escola mixta, rural, da Fazenda Martinopolis, em Cravinhos, para a mixta, rural, de São Felix, em Ribeirão Preto.

Mudança de denominação de escola.

A da mixta, urbana, da Estação de Penna, em Cafelandia, regida pela professora d. Zenaide Santos Alonso, para "mixta, urbana, da Estação de Cafelandia".

Transferencia de escolas.

Mixta, rural, do Bairro da Lagoa Nova, em Guararema, regida pela professora d. Mercedes Bravo, para o Bairro do Ypiranga, no mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro de Campo Limpo, em Mogy das Cruzes, regida pela professora d. Therezinha Nardoizzi, para o Bairro da Bella Vista, no mesmo municipio.

2.^a via de título.

Foi expedida 2.^a via do titulo de nomeação da professora d. Maria Elisa Pires Ferraz, da 1.^a escola mixta de Villa Hamburgueza, na Capital, para o cargo de adjunta do Grupo de Tucuruvy, no mesmo municipio.

Exoneração a pedido de professoras.

As professoras d.d. Ondina Nóra Barreto, da escola mixta, urbana, do Bairro do Alto Commercial, em Ribeirão Preto, e Elza de Camargo Pentead, com exercicio na 2.^a feminina das reunidas, ruraes, de Pouso Alegre de Baixo, no municipio de Jahu.

Nomeação de leiga.

D. Carolina Carletto, para a mixta, rural, do Sapezeiro, no municipio de Taquaritinga.

Dispensa, a pedido, de leigas.

D.d. Maria Conceição Fonseca, com exercicio na escola mixta, rural, da Fazenda Villas Bôas, em São Manoel, e Yolanda Quaglia, da escola mixta, rural, da Fazenda Bôa Vista, em Ytu.

Dispensa de leigas.

D.d. Athenaide Moura, da mixta, rural do Bairro da Grama, em Parahybuna, e Najalla Murr, com exercicio na mixta, rural, da Fazenda São Sebastião do Lageado (Innocencio Junqueira), em Ribeirão Preto.

Despacho de 7 de Agosto de 1930.

Dispensa de comissão.

Do professor João Moraes Setubal, director do Grupo de Tieté, da em que se acha como professor de Pedagogia e Didactica da Escola Normal Livre de Mirasól.

Nomeação em comissão.

O professor Belmiro Martins, director do Grupo de Ibitinga, em comissão para professor de Pedagogia e Didactica da Normal Livre de Mirasól.

Nomeação de adjuntos.

D. Bertha Pestana, ex-professora da escola mixta, rural, de Cachoeira, em Amparo, para adjunta do Grupo "Luiz Leite", no mesmo município.

D. Dinorah Mendonça, da escola mixta, rural, da Fazenda Morro Agudo (Companhia Cafeeira), em Cajuru, para o de Santo Antonio da Alegria.

D. Paride Baddini, da mixta, rural, do bairro do Itapety, em Guararema, para o 2.º de Mogy das Cruzes.

D. Maria Francisca Silva, da mixta, urbana, de Santa Cruz do Jaques, em Ribeirão Preto, para o de Serra Azul.

Permutas autorizadas.

Sr. José Avila de Macedo Sobrinho e d. Hercilia Soares, dos de Pedreiras e de Rincão, em Araraquara.

D.d. Anna da Rocha Camargo e Maria Elisa Soares, dos de Santa Rosalia e "Senador Vergueiro", em Sorocaba.

Directores de grupo : nomeado, removido, exonerado.

Nomeado o professor Octacilio de Oliveira Ramos, para director do Grupo de Mirasól.

Removido, o professor Luiz de Souza, director do Grupo de Mirasól, para o Grupo "Dr. Candido Rodrigues", de São José do Rio Pardo.

Exonerado, a pedido, o professor Paulo de Mello, de director do Grupo de São Luiz do Parahytinga.

Nomeações para escolas da Capital.

Sr. Theodomiro Monteiro do Amaral, para a masculina de Casa Verde.

D. Luiza de Viñuales, adjunta do 2.º Grupo de Mogy das Cruzes, para a 1.ª feminina das reunidas da Parada Ingleza.

D. Lucilla de Mello, para a 3.ª feminina das reunidas do Lageado.

D. Isabel Martins da Silveira, da 2.ª feminina das reunidas, urbanas, de Guararema, para a 1.ª mixta, da Villa Hamburgueza.

Nomeação de professoras.

D. Ermelinda Valerio para a escola mixta, rural, do Bairro do Arraial de São Bento, em Piracicaba.

D. Victalina Leopoldina de Moraes para a escola mixta, rural, do Bairro da Conceição, em Piracicaba.

A bacharel d. Edina Exel Cavalcanti, para a mixta, rural, da Fazenda Martinopolis, em Cravinhos.

D. Alice Monteiro, para a masculina, rural, do Bairro do Sertãozinho, em Areias, convertida em mixta.

D. Anna de Paula Santos, para a mixta, rural, do Bairro do Parreiral, em Cunha, cujo funcionamento fica restabelecido.

D. Henriqueta Waack, para a mixta, rural, da Fazenda Morro Agudo (Companhia Cafeeira), em Cajuru.

D. Iracema Fattori, para a mixta, rural, da Fazenda Graminha, em Lençóes.

D. Livia de Barros Castro, para a mixta, rural, do Bairro do Moreira, em Gramma.

D. Lucilia de Camargo Neves, para a mixta, rural, da Fazenda São Raphael da Bôa Vista, em Guariba.

D. Magna Henriques Pinto, para a mixta, rural, da Fazenda Agua Branca, em Cravinhos.

D. Maria Flora de Freitas, para a mixta, rural, do Bairro de São José em Vargem Grande.

D. Maria Julia Rôxo, para a mixta, rural, do Bairro do Catete, em Avahy.

D. Martha Cesar, para a mixta, rural, da Estação de Fortuna, em Chavantes.

A bacharel d. Olga Machado Barbosa, para a mixta, urbana, do Alto Commercial, em Ribeirão Preto.

Dispensa de professores leigos interinos.

Sr. Carlos Silva, da masculina, urbana, de Santo Antonio do em Iguape.

D. Mercedes Martins, da mixta, rural, do Bairro do Arraial de São Bento, em Piracicaba e d. Vicentina Ferraz Barbosa, da mixta, rural, do Bairro da Conceição, em Piracicaba.

Dispensa de leigos, a pedido.

D. Maria Elisa Paulini Milan, da mixta, rural, do Bairro de São José, em Vargem Grande.

D. Irene Maria Zoia, da mixta, rural, da Fazenda Santa Carolina, em Descalvado, e d. Maria Amelia Swenson, da mixta, rural, da Fazenda America, em Piratininga.

Exonerações em virtude de nomeações para outro cargo.

D. Maria Francisca da Silva, da escola mixta, urbana, de Santa Cruz dos Jacques, em Ribeirão Preto e d. Dinorah Mendonça, da escola mixta, rural, da Fazenda Morro Agudo (Companhia Cafeeira), em Cajuru.

Professoras dispensadas.

As professoras d.d. Luiza Viñuales e Lourdes de Araujo Ferraz, respectivamente, dos cargos de adjuntas dos Grupos de Mogy das Cruzes (2.º) e de Serra Azul, por terem sido nomeadas para reger escolas isoladas.

Exoneração a pedido.

A professora d. Adelina de Toledo, da mixta, rural, do Bairro de Caethê, em S. José dos Campos.

Designação de escolas.

Mixta, rural, da Fazenda Aparecida, em São Joaquim, para continuação do exercício da leiga, d. Aurydes Cesar Marques, interina da mixta, rural, da Fazenda Mattinha em Nuporanga, cujo funcionamento fica suspenso.

Mixta, urbana, de Santa Cruz dos Jacques, em Ribeirão Preto, para continuação do exercício da professora d. Lourdes Araujo Ferraz dispensada de adjunta do Grupo de Serra Azul.

2.ª masculina das reunidas, urbanas, de Guararema, cujo funcionamento fica restabelecido e convertida em mixta, para continuação do exercício da professora d. Uriosta Cortez, que regia a 1.ª escola mixta das reunidas, urbanas, de Santa Isabel, supprimida por decreto desta data.

Transferencia de escolas.

Masculina, rural, da Fazenda Cataguá, em Tauoté, regida pelo professor Clovis Gomes Winter, para a Villa Nova, no mesmo municipio.

Mixta, rural, da Fazenda Vargem Grande, em Taubaté, regida pela professora d. Porcia Jambreiro Gomes, para o Bairro do Belém, nom mesmo municipio.

Mixta, rural, do Bairro do Brumado, em Chavantes, regida pela professora d. Eunice de Almeida Pinto, para a Fazenda Santa Lucia (propriedade do dr. Alberto Cintra) no mesmo municipio, e Mixta, rural, do Bairro do Cafesal, em Xiririca, presentemente vaga, para o Bairro do Bananal Pequeno, no mesmo municipio.

Mudança de denominação de escola.

A da mixta, rural, da Fazenda Bella Vista, em Duartina, regida pela professora interina, leiga, d. Julieta Salvador Depieri, para mixta, rural, de Agua Branca.

Escola convertida em mixta.

A masculina, rural, do Bairro do Sobrado, em Igaratá, presentemente vaga.

Concessão da 4.^a parte.

Ao sr. Nicanor Pereira da Silva, vice-director da Escola Normal de Casa Branca, visto ter provado contar mais de trinta (30) annos de effectivo exercicio, e ás professoras d.d. Amalia Cubero Rodrigues e Sarah da Cunha Vasconcellos, adjuntas dos Grupos 1.^o da Mooca e da Bella Vista, ambos na Capital.

Aposentadoria concedida.

Ao sr. Collatino de Oliveira, adjunto do Grupo da Barra Funda, na Capital, e ao sr. Adherbal de Paula Ferreira, vice-director da Escola Normal de Itapetininga, visto contarem mais de trinta (30) annos de effectivo exercicio e acharem-se physicamente impossibilitados de proseguir no exercicio de seu cargo.

Disponibilidade.

Da professora d. Alice Seckler, adjunta do Grupo "Luiz Leite", em Amparo.

Effectivado no cargo.

O mestre do curso de Tornearia da Escola Profissional Masculina da Capital, sr. José Rogerio, visto ter provado contar mais de dez (10) annos de exercicio naquelle cargo.

Remoção de adjunta.

D. Carmen Rocha, adjunta do 1.^o Grupo scolar do Braz, para igual cargo no da Barra Funda, ambos na Capital.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

SÃO PAULO MEDICO — Anno III. Vol I, numero 2. Capital, junho de 1930. Orgão scientifico da classe medica de São Paulo.

REVISTA ESCOLAR — Anno X, numero 6. Porto, junho de 1930. Publicação mensal de educação e ensino, dirigida por Faria de Vasconcellos.

LYCEU FRANCO BRASILEIRO "SÃO PAULO". Bello album nitidamente impresso. Figuram nelle a directoria do Lyceu, um extracto dos estatutos, condições de matricula e copiosas illustrações. que dão uma idéa exacta do que é o modelar estabelecimento de ensino secundario da Villa Marianna.

ARCHIVOS BRASILEIROS DE HYGIENE MENTAL — Orgão Official da Liga Brasileira de Hygiene Mental. Anno III, numero 7, julho de 1930. Dentre os seus trabalhos originaes merece citemos: "Pesquisas sobre a memoria de fixação", por Maria Brasilia Leme Lopes; "Menores incorrigiveis", por Ernani Lopes. As sessões do costume bastante interessantes.

EDUCAÇÃO NACIONAL — Temos recebido regularmente esta publicação portuguesa intelligentemente dirigida pelo Snr. Antonio Figueirinhas. Aqui estão, chegados ultimamente, os numeros 173, 174, 175 e 176, todos repletos de bons trabalhos de pedagogia e didactica.

O BANDEIRANTE — Santa Rita do Passa Quatro, 14 de Julho de 1930 Anno I, Numero 2. Orgão dedicado aos interesses dos alumnos da Escola Normal Livre de S. Rita do Passa Quatro.

S. JOÃO DA BOCAINA — Anno XXXIII, numeros 2042 e 2043.

O CRUZEIRO — Anno I, numero 2. Orgão do Gremio Normalista "Machado de Assis". Santa Cruz do Rio Pardo, 20 de Junho de 1930. Boa e variada collaboração assignada por professores e alumnos da Normal de Sta. Cruz do Rio Pardo.

A ESCOLA PRIMARIA — Anno XIV, numero 4. Junho de 1930. Revista de Educação e Ensino. Direcção de inspectores escolares do Districto Federal. Summario do presente numero: "Ainda os Parques de recreio" — *Rodrigo Octavio Filho*, Fraternidade. — *M. do Carmo Vidigal P. Neves*, O valor moral dos Circulos de Paes e Professores. — *Celina Padilha*, A Escola Activa. — *Mestre Escola*, Tres Palavrinhas. — *O. R.* Livros Novos. — *Cecilia Muniz*, Methodo de Projecto. — *Othello Reis*, Educação social. — *Othello Reis*, Geographia.

REVISTA DE ESTUDOS JURIDICOS. Temos o prazer de registrar o apparecimento desta bem feita revista de cultura especializada, orgão do Centro Academico de Estudos Juridicos. E' seu director o Snr. Gilson Amado e se publica no Rio de Janeiro. O seu 1.º numero é de maio do corrente anno. Dentre outros trabalhos de valor, que publica, destacamos: *O espirito de nosso tempo*, de Gilberto Amado e *Organização Universitaria*, de San Thiago Dantas. Baptista Pereira firma tambem um bellissimo estudo, "synthese segura e magistral da mentalidade moderna brasileira" e ao qual intitula *Ratio Brasilitatis*.

SECÇÃO PEDAGÓGICA, do "Diario Official" do Estado de Goyaz. Anno I, numeros 1 e 2. E' seu redactor o professor paulista Snr. José Cardoso, que superiormente redige a publicação em apreço. A materia distribuida pelos dois numeros que temos sobre a mesa diz bem da competencia do nosso collega.

REPERTORIO AMERICANO. — Anno XI, numeros 493 e 494. Semanario de cultura hispanica. São José, Costa Rica. Destacamos : *Sarmento esbozado por si mismo*.

CORREIO DE NOTICIAS IV, numero 226. Numero de anniversario, excellentemente organizado pelo seu director Snr. Azevedo Pinheiro Junior para commemorar mais um anno de lutas na imprensa do Interior. A leitura deste numero do jornal de Azevedo Pinheiro Junior é agradável e dá uma noção exacta do progresso de Bariry em todas as suas modalidades : lavoura, commercio, industria, instrucção, religião, arte, etc. Muitos *clichés* ornãm o texto.

O BANDEIRANTE — Anno II, numero 68. Gramma, estado de São Paulo.

GAZETA DE GUARIBA — Anno XIII. Numero 527.

EL MONITOR DE LA EDUCACION COMUM. Anno XLIX, n.º 686. Fevereiro de 1930. Orgão do Conselho Nacional de Educação. Buenos Aires. Republica Argentina. Esta excellente publicação official do paiz vizinho publica no presente numero o summario seguinte : *Tema presentado a la 5.ª Asambléa del Profesorado*, Ramon Pellegrini ; *Disciplina Escolar*, Patricio S. Rodrigues ; *Origines del Arroró*, Carlos Vega ; *Resumen del balancete de imputación del ejercicio al 31 de Diciembre de 1929* ; *La Muñeca*, Alvaro Junque ; *Fábulas Ajsanas*, Sixto C. Martelli ; *El estudio de la Historia Natural por la observación directa*. Alberto E. J. Fesquet ; *45.ª Conferencia*, Luiz Morzone ; *Problemas para Escuelas Rurales*, Arthur Aguilar. *Programas de dibujo. Bibliographia. Revista de Revistas. Libros y folletos recibidos. Canje. A los padres de familia. Actas de las sesiones del H. Consejo Nacional de Educación. Licitaciones.*

BOLETIM OFICIAL DO MINISTERIO DE INSTRUCÇÃO PUBLICA. Anno I.º, numeros 1 e 2. Orgão official do M. da I. P. da Republica Portuguesa. E' dirigido pelo prof. Oliveira Guimarães. Consta esta bem organizada publicação do governo portuguez de uma secção pedagogica e uma secção official. Do summario salientamos : *Sóbre a necessidade de reformar a técnica dos exames escolares*, Oliveira Guimarães ; *A reforma escolar de Viena*, Oliveira Guimarães ; *Visita a uma escola Decroly*, E. Ferrière.

RISCOS E BORDADOS Bem organizada publicação periodica de trabalhos femininos, com grande copia de artisticos desenhos, riscos e ampliações, letras floridas, monogrammas, etc.. Redige-a a prof.ª D. Maria Figueiredo Pinto e edita-a o Bazar do Pinto. Anno I, numero 1.

A VOZ DO MAR. Anno IX — Junho de 1930. Numero 95. Orgão da Confederação Geral dos Pescadores do Brasil.

VIDA BANCARIA — Anno IV. Numeros 68-69. Junho - Julho de 1930.

- A NOVA ERA — Anno III — Numero 94. Franca, 12 de Junho de 1930.
- O PORTUGUÊS POPULAR — Anno I. Numero II. Quinzenario para o povo e para as escolas. Porto, 30 de Junho de 1930.
- ILLUSTRAÇÃO ESCOLAR — Orgão do gremio "Ruy Barbosa", de alumnos da Escola Normal de Casa Branca. Boa collaboraçãõ de docentes e discentes daquelle instituto de ensino normal. Anno I, numero 2.

LIVROS

PEDAGOGIA SCIENTIFICA — Prof. Deodato de Moraes — Officinas do "Diario da Manhã" — Victoria, Estado do Espirito Santo.

Quem acompanhar com attenção o que vai pelo Brasil afóra em actividade educacional terá a impressãõ de que é desejo nosso fazer em tempo breve aquillo que se deixou de realizar paciente e lentamente, mas com segurança e exito.

O numero de publicistas e pensadores que se vêm preocupando ultimamente de educação, no Brasil, cresce dia a dia ; os technicos apparecem no jornalismo e na tribuna a expandir e a discutir as suas idéas com um entusiasmo animador. Não raro publicam-se livros e folhetos de doutrina ou puramente technicos, versando pedagogia e didactica.

Em o nosso numero passado registámos o apparecimento de um livro da Bahia, aliás um trabalho de folego, agora é o Estado do Espirito Santo que nos vem dizer do que vae realizando no sentido de aperfeçoar, consoante as mais modernas idéas, o seu aparelhamento de educação. Traduz esse aperfeçoamento, principalmente, a criação de um CURSO SUPERIOR DE CULTURA PEDAGOGICA. Para dirigi-lo e orientá-lo foi pelo governo daquelle estado do Norte, contractado o professor nosso coestaduario, Snr. Pedro Deodato de Moraes, ex-lente de Pedagogia em escola normal official de São Paulo.

As lições professadas pelo nosso illustre collega foram reunidas num grosso volume de 400 paginas, constituindo o primeiro de uma serie subordinada ao titulo geral de "Escola Activa Brasileira no Estado do Espirito Santo", serie que servirá ao Curso Superior de Cultura Pedagogica, que, como dissemos, acaba de ser criado pelo governo do Estado do Espirito Santo.

Orientadas nas doutrinas de Pizzoli, Piéron e Fessard, como adverte o proprio A., as lições ora dadas a lume são expostas com ordem e clareza didacticas, attestados vivos do tirocinio que tem da cathedra e do laboratorio, quem de tal modo as expõe.

Como annexos traz o volume em apreço, o decreto que criou o Curso Superior de Cultura Pedagogica, o programma do mesmo e a carteira biographica escolar, resultado da applicaçãõ dos ensinamentos propagados no alludido Curso.

MES LEÇONS DE FRANÇAIS — I Parte. 2.^a edição. Prof. José de Souza.

Em grosso volume de cerca de 300 paginas o prof. José de Souza enfeixou as lições da lingua de Anatole por elle professadas na escola complementar annexa á Normal de São Paulo.

O methodo de exposição, a extensão das lições, em que as noções theoricas são criteriosa e agradavelmente dosadas, a variedade dos exercicios constantes de conversação, trechos de prosa, contos, anedoctas, poesias, etc., fazem do livro do prof. José de Souza um bom texto para os primeiros annos de francês.

Não conhecemos a 2.^a parte da obra, pois temos sob as vistas apenas a primeira. Se, porém, ella é composta com o mesmo cuidado com que foi escripta a que tivemos o prazer de examinar, auguramos para todo o trabalho do nosso collega, um verdadeiro successo.

Tentativas não têm faltado para se dar unidade methodica aos programmas. Desde os ensaios de concentração da escola herbartiana, até as doutrinas dos centros de interesse e da globalização, nomes que enchem a linguagem didactica dos nossos dias, o problema tem merecido a consideração de todos quantos se dedicam á theoria da educação infantil. Mas até agora o problema setá sem solução. Umas tentativas falham pela estreiteza de suas applicações, outras pela superficialidade dos resultados. É assim o programma classico, baseado na coordenação e, tanto quanto possível, na correlação das materias, continua e continuará a ser o unico capaz de satisfazer simultaneamente aos interesses da educação e ás necessidades, da escola popular.

ANTONIO FIRMINO DE PROENÇA

ATRAVÉS DE LIVROS

Livros novos

ISAIAS ALVES — “Os Testes e a Reorganização Escolar”. — Prefacio do Dr. Anisio Spinola Teixeira). — (*A Nova Graphica*, Bahia, 1930).

E', talvez, este o livro mais completo que se escreveu, em português, sobre o tão debatido caso da introdução dos testes nos nossos aparelhamentos educativos. Parece-me assim, pelo conhecimento pleno do trabalho realizado, no exterior, sobre o assumpto, de que vulgariza os bons resultados colhidos, principalmente nos Estados Unidos, onde mais intensa foi a campanha a favor dessas provas e mais incontrastadamente se firmaram; pela analyse cerrada a que submete os diversos typos de baterias ou collectaneas de testes; e pelas contraprovas de que os cerca, fazendo-as sempre valer através de observações deduzidas mediante experiências no meio nacional.

Trata-se, de seguro, de alguém que estudou serena e calmamente a materia, que por ella se apaixonou, sem, contudo, perder, pelo entusiasmo da propaganda, aquella dose de bom senso e de juizo critico que garante a victoria das innovações.

Certo, o livro está, — como o adverte, o dr. Anisio Spinola Teixeira, no prefacio — “ainda permeado de uma attitude de defesa e da apologia, com que elle busca vencer a resistencia do publico”. A attitude explica-se. Os testes foram e estão sendo mal-recebidos no

paiz, principalmente em São Paulo, onde a preocupação de organizar seriamente o ensino tem tradições de quasi meio seculo e onde se pode avaliar o esforço feito, no meio milhão de crianças registadas nas suas escolas.

Essa ogeriza não é infundada. Veio-nos como reflexo da attitude da mentalidade francesa, que nós vivemos copiando, contra as suas proprias descobertas. Porque foi na chamada Terra da Luz que, pelo testemunho do proprio Claparède, a primeira bateria estalonada de testes, a de Binet e Simon, a chave mestra de todo movimento posterior, que ainda continua de pé, encontrou a mofa e o sarcasmo. E enquanto outros paizes a declaravam achado genial, a França ria, como ri ainda hoje do proprio conceito basico da pedagogia, que innumerados de seus sabios declaram inexistentes.

Já tive oportunidade de contar, aos meus leitores, o ter ouvido, nas salas desta redacção, a um homem da envergadura de Georges Dumas, o apaixonado cultor da psychologia, este conceito ironico:

“ — La pédagogie... Mais, existe-t'elle, une pédagogie ? ”

A desconfiança contra os testes brotava do exaggero reclamista no preconico de sua utilidade, conforme a apresentavam os seus prègadores: “Os testes medem a intelligencia — clamavam em ar prophético. Era assim como se dissessem que, doravante, saberíamos exactamente, e com a antecedencia necessaria, o que cada homem realizaria dentro do

ambito que lhe prefixavam os indices das suas capacidades, medidas com um metro infallivel.

Isso criou a suspeita de que aquillo era mais uma pilheria, com ares scientificos, como tantas que appareceram, estão apparecendo, hão de apparecer... para sumir, logo depois, esmagadas pelo ridiculo.

“ — Os testes medem tempos de reacção”, foi a repulsa que os homens de bom senso lhe oppuzeram, entendendo ser impossivel avaliar, em todas as suas facetas e aspectos, essa coisa imponderavel, soberanamente subtil e fluidica, que é a intelligencia.

O florescimento de innumerous typos ou baterias de testes e as numerosas revisões a que se procedeu fizeram ainda avultar o animo adverso, desde que se punha em duvida o valor do metro inventado e que cada psychologo não trepidaria em pôr a nu a pouca convicção que o trabalho dos outros lhe insinuava. Ainda hoje o processo não cessou. E’ o autor do prefacio que affirma: “Somente em 1927 appareceram, nos Estados Unidos, mais de 200 publicações referentes a medidas de conducta humana”.

Mais que tudo, porém, prejudicavam a seriedade das pesquisas e, portanto, a conquista de novos adeptos, os arroubos lyricos, os vaticinios ousados daquelles que se superpunham, com a imaginação, ao possivel avanço da psychologia, e já davam, generosamente, como atingidos resultados que ainda eram meros ideaes. Foi no campo da orientação e da selecção profissional que surgiram os mais apressados prognosticos, blazonando como resolvido o problema, quando elle estava apenas esboçado. Quem leu os trabalhos de Claparède, de Léon Walther e de Fontègne só podia sorrir ao pensar que, no fundo, persistia, como grande verdade, aquella piada bem gauleza, dando aos testes a função de apenas “seleccionar os inaptos”.

A calma, pouco a pouco, foi-se fazendo, comtudo. O debate e a dis-

cussão haviam engendrado uma nova atmospheria de imparcialidade e o desejo de acertar. Já se podia ouvir a voz de Stern, o illustre psychologo allemão, serenando a contenda no seu “A intelligencia da criança” e apacando os espiritos irritados, só com mostrar-lhes que “os testes não põem em evidencia senão uma certa forma de intelligencia, aquillo que se poderia chamar “intelligencia reactiva” (ou provocada, isto é, sacudida por um meio artificial). Mas ha ainda a “intelligencia natural”, que os testes não saberiam apanhar e que é a que se manifesta no decorrer da vida. Ora, esta ultima forma, completamente espontanea, somente a observação pode apprehendê-la”. (Apud. Claparède: “Comment diagnostiquer les aptitudes chez les écoliers”).

Tinhamos, sem duvida, percorrido largo caminho e começavamos a nos entender. Desapparecia a embriaguez das primeiras horas e reabilitavamos a observação do mestre no julgamento da intelligencia de seus alumnos. Sim, porque a principio parecia que os professores não teriam mais alçada nesse campo, desde que o teste suppria tudo. Já agora chegavamos a equipará-los, como o fez o dr. Isaias Alves no seu livro, a simples thermometros. E’ uma comparação justa, sensata, desde que se pense que não ha clinico que não traga esse seu instrumento de orientação no bolso e desde que não se esqueça este raciocinio claro, por elementar: os thermometros são indispensaveis, mas elles medem apenas a febre do paciente e não são capazes de informar nada quanto á natureza da molestia.

E porque a comparação é bem feita, a gente acaba concordando com o A. quanto á necessidade de substituir o nosso anachronico systema de exames dos alumnos pelo methodo simples, facil, expedito dos testes. O exame é rigorosamente uma tomada de temperatura. Utilizar para ella um apparelho que o faz em muito menor tempo e com absoluta segurança pa-

rece o indicado. Principalmente quando todos, paes, alumnos e mestres, não se cansam de clamar contra o pessimo, o absurdo, o innominavel processo que temos em vigor nas escolas e que fatiga inutilmente os professores, aborrece os discipulos, descontenta as familias. Ninguém está contente com elle, e, porisso mesmo, elle continua cada vez mais firme.

Uma vez adoptado nos exames, não tardaria a impôr-se para os trabalhos de classe. Alli tambem existe um problema formidavel, que desafia a argucia dos educadores. E' do consenso unanime que o alumno só progride realmente, em seus estudos, quando tem o trabalho assiduamente fiscalizado. Dahi a correcção dos trabalhos escolares, que é a mais aterradora, a mais mortificante maçada do mestre, em especial nas escolas publicas, com classes que variam de 40 a 50 alumnos. Regra geral, uma grande percentagem do progresso dos alumnos se perde porque o professor não pode vencer a onda de desanimo que o ataca diante das provas a corrigir. E é tão humano e universal o defeito que, quem quizer convencer-se, não tem mais que frequentar uma redacção de jornal, onde "corrigir" figura entre os mais temidos percalços profissionais.

E pode dizer-se que o horror que os mestres demonstram, quasi sem acanhamento, pela leitura, nasce dessa antipathia adquirida contra a tarefa de emendar e de revêr para concertar.

Os testes supprimi-la-iam, aligeirando a carga do mestre, justamente na sua mais pesada empreitada, porque permitem verificações constantes com um minimo de esforço ou, no maximo, com um esforço agradavel porquanto a sua organização dependerá do interesse do professor em saber a quantas anda nas diversas disciplinas.

Essa parte da apreciação do trabalho escolar, tanto nos exames como nas aulas diarias, é a que mais forte-

mente preoccupa o dr. Isaias Alves. Faz-lhe respondencia, como um corollario, a classificação e a distribuição dos alumnos pelas classes, de accôrdo com a idade mental do alumno, contra o nosso criterio da idade chronologica.

Alguna coisa já se vem fazendo, nessa materia, que já é obedecer-lhe aos preceitos a criação das escolas para anormaes, debeis e retardados, que se nota hoje, mais ou menos, em toda a parte. Não tardarão a surgir as classes dos mais bem dotados, o que é consequencia logica daquellas medidas, e já será caminho andado para chegar ao ponto a que o dr. Isaias Alves deseja, como na America do Norte, com a separação completa dos typos de accôrdo com os coefficients intellectuaes. Aqui no sul, ou, mais precisamente, nos Estados que têm correntes de immigrants, só haverá a evitar o perigo de, com essa selecção formar classes homogeneas quanto aos typos mentaes, mas homogeneas tambem quanto ao typo racial. O amalgame, a salada de nacionalidades que as nossas representam actualmente facilita a formação de uma mentalidade caracterizada pela largueza de vistas, que humanizou o conceito de patria e de mundo, tornando-nos os nativos mais accessiveis do planeta, com a menor eiva possivel de estreito jacobinismo. E não me parece negocio trocar essa qualidade por uma pequena vantagem no aproveitamento immediato do tempo.

*

No "Appendice" do livro, o dr. Isaias Alves relata algumas experiencias a que procedeu, no anno passado, aqui em São Paulo e no Rio de Janeiro, experiencias que puzeram o coefficiente intellectual medio dos alumnos bahianos bem abaixo dos do sul. Assim, a Bahia dava 75,2, ao passo que os alumnos da Escola Normal da praça da Republica deram 92, as crianças do Grupo anexo á Normal do Braz, 84 e as da Escola Rodrigues Alves, do Rio, 82,5.

O A. não toma posição definida nem conclue atabalhoadamente pela inferioridade dos bahianos. Faz bem, porque seria uma legitima injustiça, tanto mais sensível quanto o defeito pode estar, como elle proprio aventa, no typo de testes escolhido. Utilizou-se o Teste Collectivo de Ballard, "que é um conjunto de ordens escriptas que o menino deve ler, entender e cumprir".

Afigura-se-me plausibilissima a ponderação do A., appellando, para explicar essa diversidade chocante de resultados, que contrariam, aliás, a observação corriqueira e comezinha da vivacidade e precocidade da criança brasileira, para "a idéa da inferioridade da leitura", parecendo-lhe "que, realmente, no sul, onde começou a campanha do ensino pela sentencição e pela palavrção, o habito de ler entendendo está mais firmado entre os meninos".

Está ahi uma confirmação do valor do debatido methodo analytic de leitura, que, certo, ninguem esperava. Sirva elle de incentivo e de estimulo aos professores de São Paulo, contra todos os derrotistas das suas qualidades.

SUD MENNUCCI

— "Maria Cecilia e outras historias" é o titulo do novo livro do sr. Veiga Miranda e que acaba de ser editado pela Livraria Francisco Alves. Neste volume o Autor enfeixa varios contos como se pode ver pelo summario: Maria Cecilia. Mão de gengibre. O mudo. A geada de São João. Os dois crimes do agrimensor. Maria da Gloria. Os figos. Uma do Góes. Gonçalo Pipa. Texoyxmah. A fazenda do Zé-Juca. O bracelete. O medico Negro. Assassino.

— Editado pelos srs. Irmãos Ferraz, desta capital, acaba de apparecer o 2.- volume do livro de Martim Francisco. "Viajando". O autor tem outros trabalhos e nelles todos revelou qualidades de fino literato, tan-

to assim que criou em torno do seu nome grande numero de admiradores. A parte material concorre grandemente para a harmonia de todo trabalho, pois está nitidamente impresso, não desmerecendo o renome das officinas da casa editora.

— Com o titulo de "O fundamento da obrigação moral", o sr. A. Pompeu, que já conta varios trabalhos na sua bagagem literaria, acaba de publicar uma obra em que estuda a acção das diversas correntes philosophicas na nossa nacionalidade. O presente livro saiu das officinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes" e já se encontra á venda nas livrarias da capital.

— "Estudos de Portos do Brasil" é o titulo de um extenso trabalho que o sr. Fernando Viriato de Miranda Carvalho, engenheiro civil, acaba de publicar, occupando a materia para mais de quinhentas paginas. O A. considera o seu livro um ensaio e divide-o em tres partes: Estudos. Projecto. Miscellanea. Os assumptos que formam essas partes são os seguintes: Regime da costa (morphologia regional. Geodynamica. Topo-hydrographia-Geologia). Historia technica e economica do porto. Obras de accesso. Obras de acostagem. Caracteristicas dos portos brasileiros. Diques e carreiras dos portos brasileiros. Regime legal dos portos e rios navegaveis do Brasil. Determinação da tonelagem das embarcações. Densidade das rochas no litoral brasileiro e proximidades.

A parte graphica foi executada pela typographia do "Jornal do Commercio", do Rio, que apresentou um trabalho cuidado e nitidamente impresso.

— O sr. Carlos Ramos acaba de publicar um livro, "Paradigma de verbos ingleses" procurando attender á necessidade de um estudo que facilite aos estudiosos o conhecimento da lingua inglesa.

A obra em apreço foi impressa na typographia d' "A Encadernado-

ra' S. A. do Rio, e contém duzentas e tantas paginas em papel "bouffant".

— "Brasilianischer Sommer" é o título de um livro sobre o Brasil e que acaba de ser publicado este anno em Berlim. Escreveu-o o sr. Hermann Ullmann que aqui esteve, procurando dar, a quem o lê, as impressões que lhe causaram o nosso povo, na sua vida social e politica, e a nossa natureza. O trabalho de impressão está cuidado, como nos mostra o exemplar que recebemos; traz muitas gravuras de aspectos do paiz, das cidades e scenas da vida sertaneja, occupando, o texto, cento e trinta paginas em papel "bouffant".

— A Livraria do Globo, de Porto Alegre, acaba de offerecer-nos um exemplar do novo livro "A Criação Esthetica e a Psychanalyse", da autoria do dr. Martim Gomes, professor da Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul.

Compreende o volume os seguintes capitulos: "Interpretação de sonhos do autor", "Interpretação de sonhos de clientes", "Psychologia profunda dos symbolos", "Como eu vi nascer o bello", "Definição do bello", "Critica das criticas", "O comico ou chiste; O humorismo".

O volume, de 234 paginas, é impresso em papel "bouffant".

— Do sr. Porfirio Soares Netto recebemos os "Ensaio de Politica Nacional", escriptos, conforme declara o autor, não só para "lançar umas quantas idéas sobre politica nacional, como principalmente combater, com o maximo ardor, alguns preconceitos de ordem economica, racial, climatologica e moral, ao nosso vêr, erroneos, além de perniciosos".

Está o livro dividido nos seguintes capitulos: "Introdução", "O Nacionalismo e o Federalismo de Alberto Torres", "As obras do Nordeste e a politica das reservas economicas", "A politica ferroviaria brasileira", "A mulher brasileira em face da lei", "O maximo dever do Estado".

Volume de 130 paginas, in-4.º, impresso nas officinas do "Centro da Boa Imprensa", no Rio de Janeiro.

— Recebemos um exemplar do "Compendio de Historia da Philosophia" do professor mexicano Pedro Landázuri, que o publicou, ha muitos annos, na "Revista Positiva".

Um estudioso da materia o sr. Carlyle de Chevalier traduziu-o e fê-lo editar pela Imprensa Publica, da cidade de Manaus e para essa edição o proprio governo do Estado do Amazonas largamente concorreu.

O volume apparece numa cuidadissima confecção de 85 paginas, em fino papel "couché" e repleto de gravuras allusivas ao texto.

— Um dos trabalhos bibliothecarios mais exhaustivos dos tempos modernos é o que se está procedendo actualmente no Vaticano com a catalogação dos volumes e codices da sua vasta bibliotheca.

O catalogo dos livros da bibliotheca do Vaticano está na letra L, contendo mais de um milhão de cartões. Serão precisos mais de dois annos para concluir o trabalho.

Juntamente com o indice em cartões, será impresso um catalogo que abrangerá cerca de quatro milhões de cartões. Calcula-se que serão precisos ainda oito ou dez annos para concluir este indice colossal, que levará o nome de Pio XI, por causa do especial interesse que o papa tem dispensado a este trabalho e dos valiosos conselhos por elle dados aos seus compiladores.

Por este indice completo, cada livro terá pelo menos dois cartões: um, correspondente ao nome do autor; e outro, ao assumpto tratado. Em muitos casos os livros serão catalogados sob o seu titulo.

Os manuscriptos e os preciosos codices da bibliotheca do Vaticano estão tambem sendo catalogados. O Vaticano possui cerca de 70.000 co-

dices, entre os quaes se encontram alguns dos mais importantes e valiosos que existem.

— O Instituto Christovam Colombo vai publicar uma Anthologia

A OBRA SERÁ ORGANIZADA COM TRABALHOS DE AUTORES CONTEMPORANEOS ITALIANOS, HESPAÑHOES, PORTUGUESES E LATINO-AMERICANOS

Genova, 12 (A.) — O Instituto Christovam Colombo, do qual, como se sabe, é patrono o rei Victor Manuel e cuja presidencia effectiva é exercida pelo sr. Emilio Bodrero, — no intuito de exprimir, concretamente, o seu programma, que visa o reciproco conhecimento das correntes culturais contemporaneas italiana, hespanhola, portuguesa e ibero-americana, quiz, com sua primeira iniciativa, que é o capitulo da valorização espiritual, affirmar essa alta importancia num documento indispensavel para a critica do futuro.

Nesse intuito, o Instituto resolveu abrir um concurso para a publicação de uma anthologia de autores italianos, hespanhoes, portugueses e latino-americanos, vivos, onde os excerptos serão publicados no idioma original.

A grandiosa obra obteve a collaboração, para sua organização, do illustre intellectual Giovanni Celsia, barão Vegliasco, senador do Reino.

O concurso é aberto para todos o autores das nações acima referidas, desde que já tenham obra ou obras editadas.

Dado o valor da anthologia, terá ella duas edições distinctas: letras e artes.

São as seguintes, succintamente, as condições a que terão de submeter-se os concorrentes: — os autores que quizerem participar do concurso terão de enviar ao Instituto:

1.º — breves trechos dactylographados e ineditos, no que entende com poesia e com prosa: duas photographias da obra do concorrente,

assim como uma copia da mesma e um certificado de comparecimento a alguma exposição oficialmente reconhecida, quanto aos artistas:

2.º — dois retratos mais recentes do concorrente, em cartolina, e a firma autographa;

3.º — dados auto-biographicos resumidos e um exemplar de sua obra literaria;

4.º — indicação, sobre o envelope, do registo do assumpto, poesia, prosa, photographia, etc.;

5.º — condição essencial para participação: ser o autor socio do Instituto Christovam Colombo.

Os trabalhos para o concurso deverão estar no Instituto até 21 de Dezembro do corrente anno.

Todos os autores receberão, como presente, uma medalha de recordação da publicação da anthologia.

(De *O Estado de São Paulo*)

Couto de Magalhães e sua obra

Apresentou-se-me agora, por especial gentileza de um amigo, o feliz ensejo de ler a grande obra do nosso valoroso e intemerato patricio Couto de Magalhães, obra a que deu o modesto titulo de *O Selvagem*.

Esse trabalho, esgotado ha já muitos annos, só póde ser actualmente encontrado em poder de raros bibliophilos que existem em nosso paiz ou nas importantes bibliothecas publicas; na da nossa capital essa obra já não existe, infelizmente, pois no catalogo geral, onde está mencionada, lê-se a observação de que desapareceu.

O grande sertanista dividiu o seu despretençioso mas preciosissimo trabalho, em tres partes: introducção, curso da lingua tupi e região e raças selvagens.

Essa obra, escripta em 1876, ha portanto mais de meio seculo, offerecendo previsões que se têm realzado ou estão em via de realização, é um estudo perfeito do nosso *hinterland* e da sua população, habitos

e costumes e também do aspecto physico do nosso paiz, na sua parte central, que foi percorrida diversas vezes pelo notavel sertanista, de norte a sul, de leste a oeste, pois elle fez varias viagens de Montevideo ao Pará e do Rio a Matto Grosso, atravessando rios, cachoeiras e pantanaes, florestas, campos e campinas, chapadões e *plateaux*, serras e picos, tudo avaliado num percurso de quatro mil e quinhentas (4.500) leguas.

A introducção do trabalho em apreço começa pelos dois seguintes periodos, dignos de serem transcriptos :

“A politica de engrandecimento pelas armas não é politica americana e menos ainda é a politica do Brasil. As conquistas pacificas da intelligencia pelas suas revelações nas artes, sciencias e industrias, eis o fim a que marchamos”.

Entre curiosas asserções, diz Couto de Magalhães o seguinte :

“Muitos de nós brasileiros têm a respeito do interior não pequena cópia de idéas falsas; a idéa que muitos formam do interior é que possuímos um paiz de florestas quando, á excepção das da costa ou das que marginam os rios, todo o territorio é quasi sem excepção de eternas campinas”.

Tratando da catechese dos indios, cujo numero calcula em mais de um milhão, Couto de Magalhães apresenta o plano do interprete indigena para auxiliar o missionario, tal como faziam os antigos colonizadores, que criavam nos seus collegios meninos selvagens para aquelle fim, pois será mais facil estes aprenderem o portugês do que os missionarios estudarem o tupi ou *nhehengatú*, que é a lingua geralmente entendida pela maioria dos nossos selvicolas, para cujo ensino as difficuldades são varias, sendo a maior dellas a falta de livros para esse fim.

Com o intuito patriotico de facilitar a catechese, visto como elle dava um grande valor ao nosso milhão de indios, fortes, bravos e perfeitamente adaptados ao meio ambiente, e aos quaes emprestava naquella época o valor economico de um milhão de contos de réis, Couto de Magalhães escreveu um methodo da lingua tupi, de 281 paginas, com o fim principal de poder ser ensinado o selvagem a falar o portugês pelo que com elles estivessem em contacto.

Respondendo o grande sertanista a um ironico commentador dos seus trabalhos, elle assim escreveu :

“Como é que um homem pratico se occupa em taes coisas ? Em primeiro lugar, não ha estudo algum, por mais abstracto que pareça, o qual, cedo ou tarde, não traga seus frutos praticos.

“Em segundo lugar, se é útil estudar, descrever e classificar até o mais rude e pobre mineral dos nossos montes, muito mais nobre e util é estudar, descrever e classificar o homem americano. Ha brasileiros que conhecem e estudam entre nós o hebreu, o arabe e o sanscrito, sendo, pois, natural que haja alguns que se dediquem ao estudo das curiosas e ricas linguas dos selvagens da sua terra, estudo a que se prende, como mostrei, a solução de um problema”.

Já nesse tempo, Couto Magalhães previa a estrada de ferro do Madeira e também a do Araguaya e Tocantins, enaltecendo o valor economico desses grandes melhoramentos ; a primeira dellas está em funcionamento e a segunda foi apenas começada, jazendo quasi abandonada e sem nenhum aproveitamento pratico o seu percurso de mais de oitenta kilometros, por falta de um interesse vital e patriotico pelo futuro do nosso paiz, pois o governo federal poderia acabá-la na sua parte mais importante, com o emprego de uma dezena de mil contos, cuja renda seria

garantida pelo transporte farto e facil de castanha, babassú e gado, além de outros productos das zonas cortadas pela via ferrea e das limitrophes.

A realização desse melhoramento viria a ser um dos principaes factores da grande estrada de ferro que, na opinião do sabio sertanista, ha de ligar ao Rio de Janeiro os valles do Rio da Prata e do Amazonas, tomando a fórma de um T colossal, que garantirá a nossa integridade territorial, que sem ella será difficilmente conservada.

Estudando o homem no Brasil e os vestigios que se encontram do seu apparecimento, Couto de Magalhães fala sobre o periodo da primeira emigração, avaliada pela falta de instrumentos de pedra lascada, ausencia de monumentos e de animaes domesticados.

Descreve tambem os grandes aterros feitos pelos antigos indigenas, á margem do Cuyabá e do Paraguay e tambem na bacia do Amazonas, sendo o mais notavel o que constitue uma ilha artificial no lago Arary, em Marajó.

Nesses aterros encontram-se urnas funerarias, com instrumentos e ornatos de pedra polida, que dão a indicação de um periodo mais adiantado do que o da pedra lascada.

Com relação á agricultura, affirma Couto Magalhães que os nossos selvagens já eram agricultores antes da descoberta da America, referindo-se então a uma grande plantação de cajueiros seculares, feita pelos indios "Aruans", antes daquella época, em uma fazenda de Marajó, denominada "Cajueiros", exactamente por aquelle facto, fazenda que foi de Leitão da Cunha, depois de J. J. Assis e hoje pertence aos herdeiros do Dr. Justo Chermont, na qual tambem existe ou existia uma especie de forte circular de terra, unica construcção indigena antiga conhecida em todo o Brasil.

Através da obra do eminente scien-
tista que foi presidente das Pro-
vincias do Grão Pará, Matto Grosso

e Goyaz (cremos que tambem da de S. Paulo), sentimos o seu temperamento de trabalhador intemerato e patriota, e ficamos admirados da grande e inestimavel somma de serviços que lhe foi possivel prestar ao Brasil, que não tem cultuado como devia a memoria do seu illustre filho, cuja obra devia ser reeditada e o seu nome gravado em monumento impercível, para ser apontado como exemplo ás gerações futuras. — A. LEAL

Belém, do Pará, maio.

(D'O Paiz).

Impressões de leitura

"Paiz das pedras verdes" de Raymundo Moraes — Imprensa Publica, Manaos-Amazonas, 5 d. (1930).

Dos innumerados livros que eu já tenho lido sobre cousas brasileiras, poucos, bem poucos, me proporcionaram tão agradável impressão quanto o ultimo de Raymundo Moraes.

"Paiz das Pedras Verdes" é bem o livro que se póde recommendar aos estudiosos e aos dilettantes.

A uma fórma attraente, dum phraseado rico, allia farta e boa cópia de ensinamentos sobre a mysteriosa e calumniada Planicie.

O autor plasmou-o com tanta naturalidade, aproveitou tão bem o que viu e os conceitos emittidos pelos metres que o precederam na maravilhosa tarefa de estudar a Amazonia, cujos nomes cita escrupulosamente, que fez do seu trabalho uma obra sentida, uma obra vivida, uma obra cheia de emoções, de arte e de belleza.

Tudo o que elle descreve, tenha-o bebido em Darwin ou John Bran-
ner, Lund ou Orville Derby, Agas-
siz ou Verissimo, J. B. Lacerda ou
Ladislau Netto, Couto de Maga-
lhães ou Rondon, apresenta um quê
de ineditismo. E se não declarasse
expressamente as fontes que appro-

veitou, nos faria suppor que o facto pela vez primeira se revelara diante dos seus olhos, e que lhe pertencia a primazia de trazê-lo ao nosso conhecimento.

Nessas paginas, Raymundo Moraes dá-nos bem a impressão de que viajou toda a Planície, praticou com os seus homens, viu a sua flora e a sua fauna, contemplou o seu céu e percorreu os seus rios, fazendo-se acompanhar dos livros de todos quantos já se perderam por aquellas paragens, cujas observações ia analysando uma por uma, cujos conceitos ia bordando de affirmações ou de negativas, para finalmente, dizer-nos alta voz e bom tom: Em o "Paiz das Pedras Verdes" tendes o que ha de verdade sobre a Amazonia; ella deixou de ser mysteriosa... Amai-a como ella merece. Dai-lhe o lugar que lhe pertence na Confederação Brasileira.

* * *

"No ligeiro balanço aberto no texto do *Paiz das Pedras Verdes*, feito com a penna leve e despretençiosa, sobre a selva e sobre as aguas, sobre a gléba e sobre o homem, constatam-se, por uma visão reflexo dos geólogos os dias anuviados de honrem: e, por observação directa dos coevos, os dias luminosos de hoje. Invoca-se a geographia morta, entrevista e recortada pelos genios no fundo cinzento dos horizontes, do mesmo passo que se vislumbra, na claridade radiosa das manhãs correntes, a geographia agitada do momento. E se, de facto, aqui se fala na belleza ornamental perdida nos modelos ceramicos da nossa archi-avó tapuia, mestra admiravel e commovida de artes plasticas, tambem se fala na civilização a que attingimos fulgurantemente agora, dentro dos muros citadinos das capitães do Pará e Amazonas".

Depois de fazer justas e opportunas ponderações a respeito da ignorancia e má vontade com que espiritos ligeiros têm apreciado o Valle Amazonico, prosegue o autor: "A Ama-

zonía, no emtanto, para ser requestada, procurada e povoada, não carece mais de que ser vista flagrantemente e através de todos os seus problemas naturaes. E' a isso que eu exorto aqui a juventude, a geração desta era, principalmente aos moços que nasceram no valle. Devemos repellir, com todas as energias de filhos da linda terra, a patranha dos aventureiros, o carapetão dos diffamadores. Fechar a bocca ao maldizente, replicando-lhe ponto por ponto, deve ser o programma. Temos que fazer disso uma questão de honra, superior, toda nimbada de coragem moral para emmudecer o pasquineiro, seja elle grande ou pequeno. No combate ao perverso que desvirtue o nosso clima, engendre defeitos á nossa raça, menospreze-nos a plaga e calumnie a sociedade, ha que ser inflexivel e sem pieguismo. Antes, porém, de qualquer attitude no terreno de pura defesa, basta narrar os acontecimentos com honestidade. Basta pintar a rechã com as suas côres. Basta mostrar a vida singelamente. O documento nesses moldes, ingenuo mas probo, destruirá o maleficio tradicional que os bufarinheiros intellectivos andam espalhando contra nós".

Ahi, nesse programma, está uma tarefa de verdadeira brasilidade. Parabens para quem o traçou, assim como para quantos o queiram tri-lhar. O Brasil bem precisa desses movimentos. Moços! Mãos á obra!

* * *

Nos doze capitulos do seu novo livro, denominados, respectivamente: Paiz das Pedras Verdes, O Pindorama, Sambaquis Paraenses, Um Batedor de Sertões, Do Pandemonio á Amazonia, Cidade das Colinas, O Eldorado dos Naturalistas, Nave Tellurica, A Pagelança, A Nossa Archiavó Tapuia, a Mundurucania e Marido das Viuvas, Raymundo Moraes leva o leitor, numa empolgante peregrinação, através de toda a região banhada pelo rio Amazonas dentro do nosso paiz.

Faz passar diante dos seus olhos o drama da chegada do primeiro homem áquellas paragens. "Obrigado a fazer alto neste novo "habitat", pela brandura provavel do ambiente, seu olhar admirado, num encantamento imprevisto, começou a contemplar, no vasto scenario amazonico, vultos zoologicos e botanicos completamente estranhos á sua visão. Percebeu que a Planicie fóra até ahí desabitada, virgem do pé humano. Isto pela maneira innocente por que certas aves e quadrupedes vinham olhá-lo de perto, farejá-lo, remiral-o. Alguns pombos, jurutys, trocazes, rôlas, sentavam-lhe na cabeça, nos braços e nas mãos, demonstrando a mais ingenua surpresa. Entre as aves e os passaros, viu formosos papagaios de fraques verdes e amarelos, cabeças vermelhas, fontes pardas, falando, dizendo cousas que pareciam significar estranheza ao invasor; araras encarnadas, quasi dum metro, rabos azues, bicos brancos, peito e azas multicores, resmungando, olhando de esguelha o forasteiro que chegava; periquitos miudinhos, desde o tamanho de canarios, e que foram posteriormente chamados do Espírito Santo, cabecitas aniladas, verde quasi cinza, inquietos, conversando; jacamins negro-esverdeados uns, costa branca outros, peito ouro-velho ainda outros, a esturrarem num ruido ventriloquo que espanta; caes de unicornios escuros, grandes, de chifre na testa, papo pedrez, lindos, pelos ramos. No ar, em volteios de quem espia a presa, constatou alguns gaviões coloridos, de bicos recurvos e garras aduncas, planando no mesmo nivel de urubús pretos, necróphagos, sinistros".

Enumera, dando as particularidades de cada um, os milhares e milhares de especimes da flora e da fauna amazonicas. Detem-se a examinar as diversas propriedades de muitas das suas plantas, desde os cipós ás palmeiras.

Tece conjecturas sobre a origem dos sambaquis paraenses, assignalan-

do a sua valiosa contribuição no estudo da nossa pre-historia.

Aprecia a admiravel personalidade do general Couto de Magalhães. "Pondo de parte a nobre individualidade de Rondon, que ainda não fechou o cyclo historico de mareante das selvas, nenhum palmilhador da gleba inculta e morena do Cruzeiro, illuminada aos rutilos fogos do céu, caminhou tanto como Couto de Magalhães, subiu tanto morro, vadeou tanto rio, vingou tanto alcantil, investiu tanta campina".

Estuda a origem da raça que teria povoado a Planicie, valendo-se, não pouco, do concurso de Ladislau Netto, que qualifica de "sabio de remarcados surtos, verdadeiro Champollion brasileiro.

Descreve Manáos, "a cidade das collinas", e Belém, a "nave telurica", mostrando tudo o que essas capitães têm de pittoresco e de agradável. E não se esquece de passar em revista o seu commercio laborioso e a sua industria activa.

Assignala e chama a attenção dos criadores para as ricas zonas pastoris ha pouco descobertas pelo general Rondon em Tumuc-Humac, Aracary e Parima.

Apresenta capitulos sobremodo interessantes, pelos dados psycho e sociologicos que subministra, sobre o pagé amazonico, os habitantes da Mundurucania e o costume indigena do "marido das viuvas".

E, finalmente, faz curiosas apreciações em torno da arte ceramica dos indigenas da ilha do Pacoval, no lago do Arary, em Marajó — os nheengaibas — tendo tido a feliz iniciativa de espalhar pelo seu livro, de mistura com outros clichés typicos do Valle Amazonico, enriquecendo as suas paginas de preciosos flagrantes, muitas e suggestivas mostras desse labor em barro.

A obra de Raymundo Moraes bem merece a attenção da nossa classe ledora, principalmente dos nossos patricios.

Oxalá que o brilhante escriptor amazonense, que já nos deu "Traços a esmo", "Notas dum Jornalista" e "Na Planície Amazonica", e que, nas paginas do "Paiz das Pedras Verdes" se nos apresenta na plenitude do seu talento, jamais se canse de produzir livros de valor do que venho de examinar.

N. DUARTE SILVA

Livros novos

"ANTHOLOGIA FEMININA"

Candida de Brito — Rio de Janeiro, 2.^a edição.

Acha-se em sua segunda edição o livro "Anthologia Feminina", de autoria da sra. Candida de Brito, distincta escriptora e jornalista patricia, directora da revista "A Dona de Casa", que se edita no Rio de Janeiro. Esse facto evidencia o acolhimento favoravel que foi dispensado ao trabalho daquella intellectual, ao mesmo tempo que demonstra o interesse das mulheres brasileiras pelas letras.

Nesse livro, a sra. Candida de Brito reúne poesias, contos, phantasias e fragmentos diversos de trabalhos assignados pelas nossas mais festejadas teletistas, entre as quaes se contam d. Julia Lopes de Almeida, Gilka Machado, Crysanthême, Rosalina Coelho Lisboa, Anna Amelia, Ivete Ribeiro, Paulina Wanderley, Declinda Daltro, Carmen Cinira, Maria Rosa Ribeiro, Hyldeth Favilla, Amelia de Freitas Bevilacqua, Rachel Prado, Irene Drumond e tantas outras figuras que ornamentam a já numerosa galeria das letras femininas nacionaes.

"Anthologia Feminina" mereceu da critica as mais lisonjeiras referencias, notando-se entre as opiniões encomiasticas sobre esse livro as assignadas por João Ribeiro, Belmiro Braga e pelos criticos diversos de jornaes

da capital da Republica e dos Estados.

Tratando-se de uma obra que é a primeira que se organiza no genero, esta da sra. Candida de Brito é digna de elogios, pois não só vem tornar mais conhecidas paginas brilhantes de escriptoras patricias como tambem concorrer para o incentivo do nosso aperfeiçoamento intellectual.

Reconhecendo os meritos da "Anthologia Feminina", a secretaria da Instrucção Publica do Estado do Espirito Santo acaba de apprová-la, no sentido de ser a mesma adoptada nas suas escolas, achando-se a sua autora interessada em conseguir identica approvação das directorias de ensino de outros Estados do paiz. — J. R.

"Palavra e acção"

UM BELLO TRABALHO DE RANGEL MOREIRA

O nome de Rangel Moreira não é estranho aos nossos leitores. Nas columnas do "Correio Paulistano" elle publicou uma série brilhante de artigos tecendo commentarios acerca dos principaes topicos da plataforma politica com que o sr. dr. Julio Prestes se candidatou á presidencia da Republica no quatriennio 1930-1934.

Escriptor fluente, jornalista de pulso, profundo conhecedor dos nossos mais complexos problemas economicos, o sr. dr. Jeronymo Rangel Moreira sentiu-se perfeitamente á vontade para analysar aquelle notavel documento politico, pois allia á sua grande experiencia pratica uma cultura intellectual das mais solidas.

Elle escreveu com entusiasmo e com sinceridade. Escreveu, segundo suas proprias palavras, com a intenção de proporcionar á mocidade patricia o ensejo de "mergulhar um instante no estudo da acção administrativa de um brasileiro, desenvolvida na rigorosa obediencia das suas promessas, feitas, sem alarde, aos

seus coestaduanos, em vespéras de receber pelo unânime suffragio destes a investidura da presidencia da sua terra”.

Numa época de agitação de idéas, de polemicas veementes, de intrigas e de mal-entendidos, como foi a da campanha eleitoral de 1929, as palavras sensatas de Rangel Moreira, desfazendo equívocos de opinião, salientando as virtudes cívicas do candidato da maioria dos Estados brasileiros, exaltando o patriotismo dos politicos paulistas que têm occupado a curul presidencial da Republica; traçando, com vigorosos traços, o perfil da sua monumental obra administrativa na terra paulista, falando ao espirito leal e consciante de todos os seus concidadãos, foram de uma influencia poderosa e benefica a favor da paz, da disciplina e da confiança no regime que se impunham, mais do que nunca, no seio da familia brasileira.

Sem arestas de linguagem, sem violencia de estylo, sem digressões vadias e phraseado monotono, o distincto polygrapho realizou um admiravel estudo da situação politica do paiz, ao mesmo tempo que realçava, num parallelo intelligente e bem fundamentado, o papel desempenhado por São Paulo no concerto das unidades federativas do Brasil.

Rangel Moreira reuniu em volume sob o titulo “Palavra e Acção”, os esplendidos artigos que estampou nas columnas do nosso jornal e que lhe deram, com justiça, maior ambito á aureola de prestigio que rodeava o seu nome como um dos nossos mais illustres publicistas.

A sua iniciativa mais uma vez comprova o seu discernimento de homem devotado ao seu povo e ao seu paiz. Porque ella vale por um serviço inestimavel á historia politica de nossa terra, legando, á posteridade, copioso e valioso material para uma apreciação mais ampla e mais profunda da memoravel campanha da successão presidencial, da qual saíram victoriosos nas urnas

os nomes dos srs. drs. Julio Prestes de Albuquerque e Vital Soares.

— A PRATICA DA CERAMICA NO BRASIL E A APPLICAÇÃO DESTES PRODUCTOS NA ARCHITECTURA E CONSTRUCCÃO — de Rodolpho Hell. Engenheiro-technico.

Este livro é interessante e escripto numa linguagem facilima, comprehensivel para qualquer leigo na materia. Trata de barros variados; explica mesmo, como o leigo poderá conhecer o valor e a applicação destes, descreve minuciosamente a fabricação de telhas diversas, manilhas, ladrilhos, tijolos refractarios, tijolos e ladrilhos vitrificados para calçamento, productos ceramicos esmaltados e vidrados.

Trata a fundo, e mediante multipas illustrações, do forno apropriado para a fabricação em pequena escala, até ao maior e mais moderno.

Dá uma descripção minuciosa sobre a installação de uma olaria e sobre a maneira mais simples e barata para fabricar productos melhores — muito proprio para o interior do nosso paiz, como tambem trata da fabricação destes productos em escala media, grande e a mais moderna.

Cita e descreve o aproveitamento racional de combustiveis nacionaes, até hoje ainda não empregados, bem como a vitrificação de telhas, ladrilhos, tijolos prensados, e ainda a preparação de vidros e tintas a mão de muitas receitas.

Encontra-se mais quanto capital é necessario para a construcção duma ceramica pequena e media, acompanhado duma calculação exacta da rentabilidade de taes empreendimentos industriaes. Todo o livro está descripto dum modo facilmente comprehensivel e muito interessante na leitura, sendo de incalculavel valor para a nossa industria ceramica.

Dá estimulo para o emprego variado de productos da ceramica na architectura e construcção, por isso

é de muito interesse para architectos, engenheiros e constructores.

Recommenda-se ás olarias que em pequena escala, e com uma instalação simples e barata, querem produzir melhor; aos fazendeiros que fabricam para o proprio consumo; aos capitalistas, enfim, a todos que mostram interesse para este ramo de industria.

— "INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA ESCOLA NOVA" — Lourenço Filho — Cia. Melhoramentos de São Paulo — 1930.

O professor Lourenço Filho acaba de publicar um novo livro: "Introdução ao Estudo da Escola Nova".

Lourenço Filho, lente de Psychologia e Pedagogia da Escola Normal de São Paulo e director do Lyceu "Rio Branco", é uma autoridade em assumptos de educação. Dahi, o interesse com que se recebe, em São Paulo, a noticia de que o reorganizador da Instrução Publica do Ceará vai dar á publicidade uma obra, que, saindo de sua penna brilhante, não póde deixar de ser obra excellente.

Lourenço Filho, allia ás suas qualidades de educador e pedagogo, as virtudes de escriptor de merito pouco vulgar.

"Introdução ao Estudo da Escola Nova" está vasado no estylo que já consagrou o autor de "O Joazeiro do Padre Cicero".

Falaremos, depois, com mais vagar, do trabalho do joven professor paulista.

Esplendido o trabalho graphico da Cia. de Melhoramentos de S. Paulo.

— "O PAPA E O CONCILIO", de Ruy Barbosa — Edição da "Livreria Academica".

Os livreiros Saraiva e Cia., estabelecidos nesta praça com a "Livreria Academica", acabam de reeditar

uma das mais importantes obras do conselheiro Ruy Barbosa — "O Papa e o Concilio".

Pela sua raridade, pois a primeira edição se achava esgotada, pela transcendente significação do problema nella debatido, problema sempre actual e sempre vivo, e pelo extraordinario prefacio com que o grande excriptor enriqueceu a traducção, esta obra occupa um lugar de relevo na nossa literatura. Nella tem Ruy Barbosa um dos seus mais admiraveis trabalhos, seja pelo estylo, seja pelo valor philosophico da introdução, em que a sua cultura e as suas qualidades mestras de escriptor acharam um campo maravilhoso para expandir-se.

(Do *Correio Paulistano*)

Livros novos

O sr. Francisco Franco, proprietario, em Lisboa, da antiquissima "Livreria Popular", fundada em 1890, acaba de enviar-nos as ultimas edições de sua casa, as quaes se encontram, nesta capital, á venda na "Livreria Teixeira" e, no Rio, na "Livreria Antunes".

Entre os volumes recebidos figuram os de Chagas Franco, pertencentes á série desse autor sobre "A evolução da Humanidade", na "Bibliotheca de Educação Social". São elles os seguintes: 1) As origens da Civilização dos povos; 2) Humanidade, raças e povos; 3) Dos clans aos imperios; 4) A aurora do pensamento humano; 5) O Nilo e a civilização egypcia; 6) Os povos do Oriente; 7) Povos marinheiros e mercadores. Povos escravos, povos eleitos; 8) Os povos gregos, as cidades gregas; 9) Os gregos e os persas; 10) O genio grego e o polytheismo; 11) O genio grego na literatura.

Cada volume, além de materialmente bem cuidado, está cheio de gravuras e mappas.

(Da *Folha da Manhã*)

ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAES

Vantagens da educação physica

Pelo DR. CASTRO BARRETO

(Ex-assistente tecnico da Inspectoria de Assistencia Hospitalar. Medico escolar. Ex-assistente de Clinica Medica na Faculdade de Medicina).

A VIDA ANTIGA E A VIDA MODERNA

O homem desde que formou as primeiras sociedades, os *clans*, obedecendo ao instincto gregario da especie, teve de enfrentar lutas terriveis para a consecução das duas principaes finalidades da vida; a subsistencia ou conservação do eu, e a reproducção, a conservação da especie. A caça, a pesca, a habitação, os instrumentos e as armas — tudo muito rudimentar, e sobretudo a defesa contra os inimigos, animaes ferozes ou o homem (não menos feroz), era em geral obra collectiva onde sobresaíam os mais fortes. Igualmente a posse das mulheres, ou rapto das mesmas ao inimigo, tinham como factor decisivo a supremacia da força.

Por essa época remotissima, é claro que os exercicios physicos consistiam no proprio modo de viver desses primitivos; caçando, lutando guerreando, trepando ás arvores e nadando, com a pelle, endurecida pela intemperie, possuíam os nossos longinquos antepassados a rijeza dos

brutos, para vencer na existencia material que levavam.

Mas a evolução do homem deu lugar ás magnificas civilizações antigas, como a egypcia, a phenicia, a grega e a romana, succedendo-se em maravilhosas projecções sobre a historia da humanidade, tendo o seu apogeu nas florações mediterraneas da Hellade e de Roma.

A grandeza desses povos residiu, porém, de accordo com a época, principalmente no dominio da força, na servidão dos povos aos quaes iam vencendo e tornando tributarios da sua magestade. Embora cultivando a philosophia e as letras e levando as artes a uma admiravel perfeição, eram a guerra, a conquista e a pilhagem as principaes objectivos dos Estados, de modo que era a formação dos soldados das Thermopylas e dos legionarios de Cesar, dos marinheiros de Ulysses e de Augusto que mereciam os maiores cuidados daquelles tempos gloriosos. Sendo a luta uma condição da existencia das nações, o preparo para ella era um corollario forçado da mesma.

Com uma admiravel intuição, não se limitavam os gregos ao preparo militar, mas cedo iniciando a sua mocidade nos jogos, nas plestras, nos gymnasios, para coroá-la nos torneios nacionaes e olympicos, formaram a mais bella raça de todos os tempos, dominadora de seus seculos, pelo espirito e pela força, imperecivel através da historia pela perfeição a que attingiu. Gregos e romanos foram senhores do mundo por que

foram capazes de vencer de accordo com as experiencias da época em que viveram.

O aperfeiçoamento progressivo do homem nestes ultimos seculos; as applicações das conquistas scientificas a uma industria maravilhosa; o dominio completo do globo pelos rapidos meios de communicação; a conquista dos mares e do ar; as tendencias dos povos para as soluções arbitraes e pacificas nos seus conflictos, se não tiraram ao homem as suas tendencias primitivas de guerrear, vão, entretanto, diminuindo os choques pelas armas, que eram o caminho de todas as contendas entre os povos. D'outra parte, soffrendo do proprio exaggero no aperfeiçoamento do seu poder mortifero, a aparelhagem moderna da guerra constitue paradoxalmente um grande argumento contra ella e reduz o guerreiro de hoje a um ser pensante, a cujo serviço estão os engenhos infernaes.

Mas, se não se exige do homem contemporaneo a resistencia physica do corredor de Marathona, que depende de um grande dispendio de tempo em treino e que o aeroplano e a electricidade substituiram com vantagem, impõe a vida moderna, pelas suas complexas solicitações, um enorme dispendio de energia que só um organismo, "em forma" será capaz de realizar. O vigor physico, que deve lastrear inegavelmente um bom funcionamento nervoso, só pode ser obtido, na vida dos nossos dias, pela educação physica, que se completa nos esportes, dada a inacção da maioria dos grupos musculares, que accarreta o conforto da civilização actual.

O trabalho nervoso que hoje em dia o mais modesto operario tem que empregar na direcção de sua machina, na especialização e conhecimento dos misteres, é de todos o mais exigente, no exaurir as energias organicas, de modo que requer implicitamente uma circulação e uma nutrição perfectas e intensas, para cor-

responder ás intensas combustões das cellulas dos systemas cerebro-sympathicos.

Esse *desideratum* só póde ser obtido pela educação physica, que prepara o organismo contra a fadiga, enriquecendo a respiração e a circulação, augmentando o tono e a força muscular.

* * *

A physiologia hodierna, através dos estudos de Barcroft, de Haldane, de Eppinger, de Schurmeyr, demonstrou que uma grande parte do sangue não se encontra em circulação, ficando como que armazenada no baço, e só durante o augmento do trabalho muscular, e, consequentemente, circulatorio, ou nos ambientes superaquecidos, entra elle em actividade circulatoria. Quando diminue o trabalho muscular ou baixa a temperatura ambiente, volta novamente a cubagem do sangue circulante, que attinge 4 e 5, a 1 ½ ou 2 litros.

O augmento da circulação lymphatica, que é passiva, é uma consequencia desses phenomenos que acceleram a vitalidade — combustões e eliminações.

A luta na vida moderna não se opera já somente entre os *clans* ou entre as nações, mas entre individuos, em competições terriveis que resultam das formidaveis agglomerações humanas, onde a intelligencia aguçada de geração em geração, serve-se de ardis sempre novos e cada vez mais engenhosos.

DESFAZENDO UMA IDEA ERRADA

Até pouco tempo acreditou-se num antagonismo entre o corpo e o espirito, entre o trabalho muscular e o cerebral, entre o vigor physico e a intelligencia superior. E' um remanescente da crença espiritualista que teve o seu apogeu no passado seculo, com os estudos de psychologia. As descobertas da anatomia

fina que resultaram do aperfeiçoamento dos meios de observação, as conquistas admiráveis da physiologia através dos trabalhos experimentaes ou da pathologia nervosa, trouxeram o conhecimento da estructura, do funcionamento e da topographia das funcções nervosas, bem como as suas relações indissolúveis com as demais funcções que interdependem absolutamente. O espirito, a alma, passou de coisa imponderavel e desligavel da "materia", a simples expressão funcional de certas cellulas nervosas, do mesmo modo que a força e o movimento são expressões do trabalho neuro-muscular. Não existe mais vida material e immaterial, existe *vida*, admiravel synergia funcional dos trabalhos cellulares, que, num organismo superior como o do homem, evoluíram até as maravilhas do pensamento.

Assim, a crença de que o desenvolvimento da intelligencia e do corpo eram antagonicos, ruiu ante as demonstrações irrecusaveis da sciencia, que veiu demonstrar o lemma pagão *mens sana in corpore sano*, a que se antepuzeram os espirituualistas de tantos seculos. A actividade é um dever physico, no dizer de F. Azevedo.

Não só os estudos experimentaes demonstram e indissolúvel continuidade do trabalho neuro-muscular, como a estatística de pacientes observações feitas por pedagogos, anthropologos e medicos, como Portes, Stanley Hall, Binet, Simon, Vaney, etc., demonstram á saciedade que a nutrição, e desenvolvimento muscular estão em relação com o desenvolvimento da intelligencia, e, se ha meninos sub-nutridos ou menos doentes com preciosa capacidade mental, só serve o facto para imaginar-se o que seriam esses individuos se tivessem melhor physico. O numero dos bons alumnos é, em todas as escolas, superior entre os mais fortes. (Ayres, V. Pirquet).

Mas, se reconhecermos que o trabalho muscular e o seu desenvolvi-

mento têm grande importancia sobre o trabalho physico, não devemos esquecer que todo o trabalho associado deve ser regido pelo equilibrio e, se todo excesso de trabalho physico prejudica o organismo, o mesmo acontece com o trabalho physico immoderado, que aliás aberrra da educação physica.

O SENSO DA BELLEZA

O conceito do bello, que artistas e phisolophos em vão têm procurado definir, não deve repousar no mundo vivo senão os canons do do normal e do hygido em cada especie. Ora, nós sabemos que a morphologia é regida pelos phenomenos funcionaes e adaptativos do desenvolvimento phylogenico; o homem é tanto mais perfeito quanto mais integralmente dispõe dos seus orgãos e os faz funcionar em harmonia. A morphologia exterior da plastica humana depende principalmente seus systemas osteo-musculares, aquelles sobre os quaes exerce mais decisiva influencia a educação physica, emprestando não só maior fortaleza, como um desenvolvimento harmonioso de que dependem os contornos e as attitudes, factores predominantes da belleza.

Outro aspecto da belleza é o do revestimento ectodermico; os dentes, a pelle e os seus derivados, os pellos e as unhas, elementos da maior importancia nos detalhes da belleza e sobre os quaes a educação physica exerce uma grande influencia pelo augmento da vitalidade geral do organismo, pela ampliação do trabalho funcional respiratorio e glandular, pela melhor fixação do calcio nos organismos novos que se exercitam e expõem á luz solar.

E' ainda a educação physica um elemento depistador de desvios e deformidades em inicio, através dos exames anthropometrico e medico, que se impõe a todo iniciado. Através dos exercicios orthopedicos ou auxiliada pelos recursos medico-cirurg-

gicos, conduzirá á saude e á eumorphia innumerados candidatos ás molestias chronicas e ás deformações.

A verdadeira belleza repousa sobre a saude, que se reflecte na distribuição harmoniosa das massas; na elegancia natural das attitudes; na pelle continua, igual e tumida; no brilho e na altivez do olhar; na inconfundivel expressão de euphoria que só possuem os individuos hygidos.

Os organismos normaes podem não só conquistá-la, mas, sobretudo legá-la em varias gerações aos descendentes.

A belleza anemica e espiritualizada, que escriptores morbidos e bardos alcoolizados têm cantado em suas lyras, é pura obra de ficção e não resiste ao menor exame, não se coaduma com o espirito analytico da nossa época.

OS REFLEXOS MORAES

Confiar nas suas proprias forças, contar com a resistencia dum corpo treinado e obediente, são elementos para a serenidade e a segurança das attitudes e das resoluções nos embates da vida. Desse conjunto, que fortalece o espirito, nasce a coragem e nasce o altruismo, porque, confiante e seguro, o homem arrosta os perigos e ainda lhe sobram energias para ser generoso. Ainda aqui a saude do corpo exercitado dá ao psychismo o "humor esportivo", que é um mixto de alegria, de espirito de associação e de camaradagem, que afasta as irritações e contém os impulsos primitivos. Não é que a educação physica seja como uma panacéa para a regeneração de todos os caracteres ou a modificação das constituições physicas, mas é um grande factor educativo e prophylatico para a frenação dos impulsos. Este facto é de observação corrente nas formações esportivas, onde tem o individuo de adaptar-se aos resultados collectivos, á elegancia

das attitudes moraes, a menos que um factor pathologico esteja actuando,

Conseguindo o dominio dos seus musculos, certo a sua dextreza, confiante na agilidade e na resistencia, dobram-se-lhe as possibilidades na vida, alongam-se-lhe naturalmente os horizontes.

O individuo que zela pelo seu physico teme as intoxicações e as evita, porque sabe que a alegria que nos trazem os toxicos é enganosa e ephemera, entorpece-nos, avultando em desgraças futuras.

As sociedades humanas reproduzem em sociologia as leis biologicas da distribuição e especialização do trabalho, São immensos organismos que copiam a physiologia dos organismos superiores e, assim sendo, a sua vitalidade, como a sua capacidade de producção depende da hygidez das cellulas que os compõem.

Para os que amam a patria, que é a conjugação material e sentimental da terra e do homem, nenhuma offerenda mais digna e alevantada se lhe pode fazer do que a producção e o cultivo do homem normal e hygido, educado e alegre, fonte donde promanam todas as energias realizadoras.

(Trabalho lido durante a Semana Hospitalar, na Escola "Basilio da Gama" no Rio de Janeiro). — (Do Boletim de Hygiene Dental - Março 1930)

O ensino da lingua

"E' por não saberem falar propriamente que vemos até pessoas de boa companhia chamar aos objectos que desejam ou indicam esta droga, aquella coisa, uma historia..."

AFRANIO PEIXOTO

Ninguem contesta o grande escriptor bahiano — Mil vezes temos observado, que a maioria das pessoas, em suas palestras, sente dificuldades

no exprimir, com justeza, seu pensamento. Em regra geral todos têm idéas, mais ou menos próprias, sobre os mais variados assumptos; todos são aptos para opinar, desta ou daquela maneira. A lingua, entretanto, é que não os auxilia. Não encontram expressões e termos próprios, adequados e, disto resulta não poderem ou, melhor, não saberem emitir suas idéas, seus pensamentos e ficarem a gaguejar á procura de circumloquios e rodeios desorientadores.

Aquelles que, mais activos, querem fugir disso, recorrem aos neologismos, ás periphrases, que outra coisa não fazem senão deturpar e macular, afeitando e obscurecendo a nossa linguagem.

Talvez estejam esquecidos do que o grande Ruy escrevera: "A mim, na minha longa, aturada e continua pratica de escrever, me tem succedido innumeradas vezes, depois de considerar por muito tempo necessaria e insupprível uma locução nova, encontrar vestidas em expressões antigas mais clara, expressiva e elegantemente a mesma idéa".

Prova evidente de que não necessitamos, por dispensaveis, dos termos contrarios á indole de nosso idioma, nem desses recursos condemnaveis de que lançam mão com espantosa frequencia os escriptores de "ultima hora".

Porque, pois, no jornal, e no livro, a lingua é menos prezada, e corrompida? Porque escrevemos mal e falamos quasi de maneira incompreensivel? A nossa lingua é difficil? é confusa? é enigmatica? é mysteriosa?

Oh! senhores: não mil vezes; não! A razão é outra: desleixo, preguiça, indifferença: "o brasileiro não ama nem respeita a sua lingua".

Contestam? Será, porventura, exaggero nosso?

Entretanto, Sud Mennucci, com sua clara, nitida visão, senhor que é de solida cultura, apixonado das bellezas do nosso meigo idioma, pelo qual, ha longos annos, vem bata-

lhando sem treguas, já fez a seguinte veemente pergunta: "E quando um paiz chegou ao ponto a que nós chegamos, quando a massa de sua população se esforça por falar mal o proprio idioma e por transmitti-lo a seus filhos em estado cada vez peor, que remedio poderá obstar a esse descalabro, senão a pratica intensiva do ensino de linguagem nas escolas?"

Voltam-se, pois, todos os olhares para a escola. A attenção de todos se converge para o mestre. A victoria nessa campanha depende, ainda e sempre, delle, do seu esforço, da sua dedicação, do seu acendrado patriotismo. Sobre seus hombros pesa mais essa responsabilidade. Elle, como sempre, cioso do seu bom nome, estará no posto. Jamais lhe foi feito appello que não encontrasse éco, em sua nobre alma, embora nella, muita vez, lavre o desanimo.

* * *

Que deve elle, então fazer?

Cuidar com desvelo da sua e da linguagem de seus alumnos; não fazer ouvidos de mercador ao linguajar de seus discipulos; encarar o ensino de outra forma, falando correctamente, impeccavelmente bem, sem exaggero nem fatuidade, impondo aos pequenos obrigação de lhe seguir os passos, na classe e, até, fora da classe.

Aqui, a acção do educador encontra um obstaculo: a geral ignorancia dos paes e, quando não seja ignorancia, a maior, a mais completa indifferença.

Não vacillemos. Não esmoreçamos. Prosigamos. A victoria é de quem persevera. O triumpho é de quem sabe ser teimoso, tenaz, firme no proposito de executar o plano que se traçou.

* * *

O mestre, portanto, deverá iniciar o ensino da lingua no 1.º anno do curso primario com muito cari-

nho, ea dedicadamente, e sobretudo, com vontade de ensinar.

Quer nas aulas de linguagem, quer nas de educação moral e civica, bem como nas de fórmãs, geographia, historia patria, animaes, plantas, mineraes, etc., visará dois fins: ensinar a materia e a lingua, ampliando, corrigindo, melhorando, enriquecendo o vocabulario infantil.

Abro, aqui, um parenthesis para discordar de muitos illustrados e dignos collegas que dizem: "não devemos olhar para a linguagem do alumno porque a aula é de arithmetica; deixemos a lingua para a aula de linguagem oral".

Pergunto, respeitosaente: em que lingua nós ministramos os ensinamentos aos nossos alumnos? em que lingua elles terão, mais tarde, de se communicar, transmittindo suas idéas, relacionando-se na sociedade? que é que adiantará o ensino duma disciplina feito em meia hora, mas, contrariado e relegado durante seis ou mais horas?

Está fechada o parenthesis, E eu prosigo. Todas as disciplinas do programma se prestam perfeitamente para isso. A descripção, por exemplo, dum movel, dum objecto escolar, duma scena da natureza, dum factu historico, dum accidente geographico, offerece optimas opporrtunidades para ensinar o nosso idioma, dando á criança o nome exacto das coisas e compellindo-as a fazerem uso desse nomes. Falemos da mesa do professor. A creança ignora tudo ou quasi tudo; de que é a mesa, o que a cobre, quem a fez, e onde, ferramentas usadas, utilidade, suas partes, formas, gavetas, fechaduras, chave, dobradiças (quem as fez, e de que, e onde) etc. Exame, directa observação.

Quando o professor consciencioso — e todos o são — der seu trabalho por terminado, o alumno terá, incontestavelmente, seu vocabulario bastante melhorado, augmentado, enriquecido com a aquisição de palavras e expressões novas, correctas.

Estará, pois, apto a se exprimir, com desembaraço, sem rodeios.

Agindo dessa maneira durante o curso é impossivel, que o professor não obtenha resultados excellentes, compensadores do seu arduo labor. Acresce notar que exercerá, fatalmente, no meio de seus collegas, grande influencia não sendo estranhavel que tenha imitadores, a principio, e mais tarde, uma phalange de intelligentes, dedicados, fanaticos defensores e exaltadores da pureza, harmonia, graça, e pujança da nossa lingua — que é do que ella precisa para se impor definitivamente. — ROMÃO DE CAMPOS — (Do *Correio de São Carlos*).

Synonymos perfeitos

Ao Sr. DAVID DE CASTILHO

Em dias do mez passado, estando, em São Paulo, em amistosa palestra com o distincto amigo cujo nome encima estas linhas em seu aprazivel palacete, ao largo Guanabara, encaminhou-se o assumpto, casualmente, para questões do vernaculo e accidentalmente, para *synonymos perfeitos*. Negou o amigo a existencia destes; o que contestei, apresentando-lhe os seguintes exemplos; *cão* e *cachorro*: *efficaz* e *efficiente*; *coser* e *costurar*; *cozer* e *cozinhar*.

Não se dando por convencido, buscou o meu amavel contestante estabelecer um matiz differencial entre os adjectivos apontados; ao que, por minha vez, lhe retorqui dizendo-lhe que a unica differença que eu notava entre esses dois termos era que o ultimo é hoje a expressão da moda, o vocabulo preferido; mas tanto vale um como outro: *efficaz* e *efficiente* é a mesma coisa, são *synonymos perfeitos*.

Terminando a nossa ligeira e despretenciosa tertulia, eu disse ao meu paciente e obsequioso amigo que os *synonymos* da especie a que nos referiamos — *synonymos perfeitos* —

não eram raros em nossa lingua, ao contrario, era abundantissimos; e prometti-lhe organizar uma boa relação dos mesmos, logo que estivesse de folga. E' o que hoje faço, em desempenho do formal compromisso.

Entre parenthesis. Hesitei algum tempo se devia dar á publicidade um trabalhinho tão insignificante...mas reflecti que existem nesta cidade tantos moços estudiosos que se preparam para a matricula em cursos secundarios ou superiores, e para os quaes poderia elle ser de alguma utilidade. E demais... uma liçãozinha do vernaculo nunca é demais.

Dito isto, entremos no assumpto.

Observação previa (aos indoutos). Toda a palavra é susceptivel de definição mas nem toda a definição se effectua por synonymia, pois ha vocabulos que não teem synonymos. O synonymo de um termo qualquer é uma palavra só. Uma vez que a definição contenha mais de uma palavra, é definição, mas não é synonymo. Assim *bigorna* e *incude* são synonymos perfeitos; mas em *tricornio*, chapéo de tres bicos, esta ultima phrase é definição, mas não é synonymo.

Só admittem synonymos o *substantivo*, o *adjectivo*, o *verbo* e o *adverbio*. E está claro que o synonymo só pode ser outra palavra da mesma natureza grammatical: o synonymo de um substantivo só pode ser outro substativo, o de um adjectivo, outro adjectivo, etc. etc.

SUBSTANTIVOS

a) concretos:

Bola, esphera. — Fonte, manancial. — Forca, patibulo. — Chifre, chavelho. — Cárcere, prisão, cadeia. — Estabulo, estrebaria. — Selva, mata, floresta. — Refeição, comida. — Iguaria, acepipe. — Malga, tigela. — Antro, caverna, furna, gruta, lapa. — Sotaina, batina, loba, samarra. — Nevoa, neblina, cerração, nevoeiro. — Covil, toca, cova, furna. — Moimento, mausoléu. — Tem-

pestade, tormenta, temporal. — Abyssio, voragem, bárathro. — Norte, septentrião. — Sul, meio dia. — Este, oriente, nascente. — Oeste, occidente, poente. — Dono, proprietario, senhor. — Gatuno, ladrão. — Conviva, convidado. — Douto, sabio. — Ignaro, ignorante. — Nuncio, mensageiro. — Vinculo, laço, liame.

b) abstractos:

Asco, nojo. — Verão, estio. — Medo, pavor. — Estampido, estrondo, fragor, estridor. — Rumor, barulho, tumulto. — Bramido, rugido. — Frémio, estremecimento, vibração. — Silencio, placidez, socego, quietação, tranquillidade. — Convivio, convivencia. — Insciencia, ignorancia. — Altercação, disputa, discussão. — Consorcio, casamento, matrimonio, conubio. — Protervia, insolencia, impudencia, desaforo, atrevimento, desavergonhamento. — Inopia, indigencia, penuria, miseria. — Tedio, nojo, enfado, aborrecimento. — Negrumo, negror, escuridão, escuridade. — Alvura, alvor, brancura, candura. — Amplexo, abraço — Osculo, beijo. — Pertinacia, teima, obstinação. — Injunção, imposição. — Incerteza, duvida. — Ebullicão, fervura, effervescencia. — Juventude, mocidade. — Senectude, velhice. — Cheiro é termo generico e tanto pode ser agradavel como detestavel, não tem synonymo; mas aroma, que é todo cheiro agradavel, é synonymo de perfume, odor, olor, e ainda fragancia, se bem que este ultimo termo mais se applique a flôres.

ADJECTIVOS

Bom, benefico. — Saudavel, salutar. — Mau, ruim, nocivo, pernicioso. — Fragil, quebradiço. — Rubro, vermelho. — Virente, viridente, verdejante. — Bello, formoso, lindo, airoso, vistoso, bonito, elegante. — Medonho, pavoroso. — Feio, hediondo, repugnante. — Sujo, immundo, esqualido. — Letal, mortal. — Plangente, choroso. — La-

criminoso, cho-
gente, grand
diminuto. —
Lastimavel, e.
— Pleno, d
— Terno, d
so. — Cheix
so, odorifero,
Sequioso, se
minto, fame
ado. — Ang
to. — Malic
Benigno, ber
tando-se de
do proprio
— Rispido,
belludo, cer
do. — Mádi
— Cálido, c
no. — Palli
do, desmaia
aprazivel. —
bedo. — P
Branco, alv
lusorio, enga
tivo. — Plá
calmo, soce
çoso. — Al
rado. — N
Contínuo, in
imediate, i
ro, ignorant
negligente, i
conhecido. —
costumado.
demente. —
reiro, vecbo
ro, verídico,
— Pueril, d
gre, folgozã
— Execrave
criador. — I
bido, raivos
Prófugo, fug
do. — Teni
pequeno,
acido. —
ploravel.
o, molle.
affectuo-
perfumo-
mico. —
lo. — Fa-
esfome-
estreito.
cioso. —
ente (tra-
ve, bran-
a coisas).
rsuto, ca-
do, incha-
rvalhado.
ido, mor-
desbota-
o, grato,
pigado, be-
scuro. —
Fallaz, il-
gaz, fugi-
silencioso,
o, bonan-
o, desvai-
luzido. —
Contiguo,
— Igna-
indolente,
noto, des-
ado, desa-
ico, doido,
ador, pal-
verdadei-
devorador.
ovial, ale-
optimo.
— Almo,
ite. — Ra-
z, teimoso.
vagabun-
no, subtil.

Para, es
— Subir, n
— Descer, b
tar, esquen
— Entrar, S
par, sorver.
pirar. — Af
nbar, cair.
ascender.
cer, aquen-
arrefecer.
Sugar, chu-
sorver, as-
gir. — Sur-

gir, emergir. — Hesitar, vacillar.
— Lastimar, lamentar, deplorar. —
Explodir, rebentar, estourar. — Fla-
gellar, açoitar, azorregar. — Ex-
primir, expressar. Laborar, trabalhar
lidar, labutar. — Deslumbrar, of-
fuscar. — Tiritar, tremer. — In-
quirir, pesquisar, indagar, perguntar,
interrogar. — Prever, antever. —
Predizer, prognosticar, vaticinar. —
Prelibar, antegozar, antegostar. —
Exultar, alegrar-se, regosijar-se, reju-
bilar-se. — Aclarar, clarear, escla-
recer, elucidar. — Oscillar, tremer,
vacillar. — Exaltar, sublimar, en-
grandecer. — Ferver, aferventar.

ADVERBIOS

Já, agora. — Perto, proximo. —
Longe, distante, afastado. — Ante-
riormente, antes (no tempo), adian-
te (no espaço). — Posteriormente,
depois (no tempo), atrás (no espa-
ço). — PEDRO DE MELLO (Do *Jornal*
de Piracicaba).

O destino da civilização

ENCAMINHA-SE O MUNDO PARA O
PROGRESSO OU PARA A
DESTRUIÇÃO ?

UTOPISTAS E REALISTAS : A LIÇÃO
DA AMERICA

JOSEPH CAILLAUX

(Antigo presidente do Con-
selho de Ministros em França).

PARIS — Janeiro.

Civilização ! Qual a significação profunda desta palavra, que empregamos sem lhe attribuirmos um pensamento que corresponda ao seu verdadeiro conceito ? Entretanto, como em certa occasião advertia, em minha presença, aquelle elegante poeta de mente philosophica, Sully Prudhomme, boa parte das desintelligencias entre os homens que pensam é devidada á falta de attenção quanto á

necessidade de primeiro definir os termos.

Definir a palavra civilização? E' acaso bastante, dizer, como fizeram alguns, que o termo corresponde a uma combinação de accôrdo pacientemente elaborados pelo homem para tornar mais faceis as relações com os seus semelhantes e eliminar um por um dos motivos de desconfiança, de inveja e de temor? Confesso que a definição não satisfaz á minha intelligencia. Parece-me que traça os contornos, e que se contempla a superficie em vez de entrar no amago. Eu suggeriria uma definição de maior simplicidade e que é, penso eu, mais incisiva. Eu diria que a civilização é uma organização a um tempo de moralidade e de bem estar material. Esta definição — que se approxima tanto quanto possível de uma idéa fugaz dependente da mudança das circunstancias — não será, penso eu, impugnada.

Sem excessiva difficuldade podia-se chegar a um accôrdo sobre o que se deva entender pela palavra civilização. A expressão "progresso da civilização", que está constantemente na lingua dos politicos de todos os matizes de opinião, que se encontrará em milheiros de artigos diariamente publicados na imprensa, não é susceptivel de uma definição accetavel por todo mundo pela boa razão que o seu sentido differe com cada qual que a emprega.

Tratemos de catalogar, de classificar isto.

Uma palavra antes de tudo, não mais que uma palavra, a proposito dos politicos e pensadores a quem — excluindo adrede os extremistas — chamarei de tradicionalistas. Elles sustentam que a civilização pode somente desenvolver-se á sombra projectada por aquelles que vieram antes e na attitude em que os consagrou a estatuaría. Para estes, o unico meio pelo qual a civilização póde progredir é permanecer constantemente sob a influencia do passado, é viver sob a egide de uma longa li-

nha de fantasmas. Não me detenho nisto. Limitar-me hei a dizer que, se a lição daquelles que nos precederam não é de desdenar, ha contemplação extatica do passado só poderá produzir a esterilidade do pensamento. Em verdade, sob a forma incisiva em que apresento a idéa isto se applica apenas a um exiguo numero de homens. A maioria dos nossos contemporaneos, sem duvida, embora preservem a chamma do coração avito, não fazem caso das cinzas; por outras palavras, acreditam que só olhando e marchando para diante é que se guarda fidelidade á influencia dos tempos que passaram. Entre estes, afigura-se-me que ha duas correntes de pensamento. Ha os que qualificarei de realistas, os quaes se recrutam principalmente no campo da politica; e ha os que chamarei de utopistas. Rogo aos meus leitores que não tomem os termos de que me sirvo em sentido muito estrictamente literal; a mim me parece que são os melhores e os menos inadequados para exprimir a minha idéa. Não devo, entretanto, encobrir este facto que para acompanhar o meu pensamento as duas denominações, especialmente a segunda hão de ser livremente interpretadas.

Designo como realistas todos os homens — são a grande maioria — para quem "progresso da civilização" significa, antes que tudo mais, o augmento da producção. Sustentam elles que a condição humana melhorou na mesma medida em que augmentou o seu poder de apropriação da natureza. Dizem que a descoberta e a captação de novas forças, a utilização do calor, da força da agua, do fluxo das marés, redundam em prover o homem de uma multidão de servos inanimados, e substituem escravos de ferro a escravos de carne e osso. Mais cem, mais duzentos annos — que é isto na vida do mundo? — e a natureza ficará sujeita em grau tal que a humanidade ou quasi toda a humani-

dade virá a formar um vasto patriado que exclue todo estado de semi-dependencia ou de semi-somnolencia como o dos salarizados de hoje em dia.

Menos dispostos que os realistas a confiar no tempo, os utopistas se persuadem — procuram persuadir-se a si proprios — que por acto de vontade humana a sorte do homem póde ser immediatamente melhorada. Não approvam a concentração da riqueza nas mãos de poucos, pon-do em contraste o escandalo do luxo indolente com os soffrimentos dos pobres; quereriam tornar por força de lei mais equitativas as condições da vida. A eliminação — ou ao menos a attenuação — de todas as desigualdades é para elles o que primeiro se há de ter em vista no progresso da civilização. Uma vez dado este grande passo, a felicidade universal seguir-se há muito naturalmente.

Simplifiquei o assumpto a um grau extremo para assim claramente indicar as direcções do pensamento. Na realidade, realistas e utopistas estão muito mais proximos do que o leva a suppôr o breve esborço que acabei de traçar. E' difficil haja um realista que ignore as vantagens de uma distribuição equitativa da riqueza. E' difficil haja um utopista que não reconheça os beneficios decorrentes do desenvolvimento da producção. Quem quer que seja — todos os homens esclarecidos — subscreverão, estou certo, as vigorosas paavras de Jaurès invocando o advento de sociedades que trabalhem juntas em harmonia, em lugar do antagonismo das sociedades existentes. Uns e outros differem apenas quanto aos meios a empregar.

Aqui está o ponto fraco. Assim os utopistas como os realistas laboram num erro commum. Digam o que disserem, a sua preocupação capital é o bem estar material. O progresso da civilização é para a maioria delles uma questão alimentar. Ouço aqui os protestos em altas vozes dos meus imaginarios interlo-

cutores. Dizem que só buscam uma abundancia maior na vida com o fim de expandir a cultura, de dignificar os seus semelhantes, approximando-os uns dos outros ao mesmo tempo.

Cuidarão elles realmente que o trilho que seguem os levará ao fim que têm em vista? Não percebem então o perigo que ha em orientar o espirito exclusivamente para uma melhoria da existencia? Como, emfim, expungirão da psychologia das massas aquella preocupação fixa que incutiram nellas com exclusão de outra qualquer?

Meus receios se jufificam com uma vista d'olhos sobre nós, e convido os meus leitores a fazer o mesmo.

Um grande paiz, os Estados Unidos da America, adopta o realismo. Ansioso de resultados immediatos elle suppre o lento progresso scientifico com a organização. Organização da industria! Organização do trabalho! Elle nacionaliza — incluo nesta palavra toda a gamma dos melhoramentos technicos. A que leva isto tudo? — Produz — fóra de toda contestação — um nivel de civilização material mais elevado que o nosso. Não é por certo um resultado desprezível. Sinto-me tão pouco disposto a menosprezá-lo que repentinamente exprimo o desejo que o velho continente imite largamente os methodos concebidos do outro lado do Atlantico.

Escrevi, porém, imite; quer dizer, faça uma selecção, não uma copia. Eu não veria de facto, sem apreensão, a minha grande patria, a Europa, adoptar methodos que podem convir (ponho um ponto de interrogação) a paizes novos ou seminovos mas que se não podem introduzir taes quaes em nações mais velhas sem prejuizo assim para ellas como para a civilização que ellas desenvolvem. A transposição servil do taylorismo, por exemplo, eu receio seria prejudicial ás nossas classes trabalhadoras, e dahi

resultaria a manufactura de massas, não só de productos senão também de homens.

Explico-me.

A applicação intelligente da habilidade da mão de obra eleva o trabalhador. A repetição indefinida dos mesmos gestos num minino de tempo o degrada. Faz delle um automato em detrimento da communhão e delle proprio.

Em detrimento da communhão? Sem incorrer na pecha de exaggero, posso affirmar com justiça que muitas invenções modernas foram feitas e preparadas por operarios no anonymato de sua tarefa diaria. O engenho que se desenvolveu no cerebro do tecelão suggeriu a idéa do primeiro tear mecanico. Monge, o grande geometra francês, declarou que encontrára os elementos da geometria applicada nas figuras e disposições das pedras voluntariamente arrumadas pelos pedreiros. Podemos afoitamente affirmar que muitas idéas technicas progressistas se originaram da applicação industriosa de operarios em seu officio. Esta contribuição preciosa para o beneficio geral já não mais procederia dos que trabalham por salarios desde o dia em ficassem reduzidos a desempenhar a parte de animaes.

Mas não teriam que trabalhar tanto tempo! Seriam infinitamente maiores os seus salarios! Cada um delles teria o seu automovel, gozaria commodamente de cinema, etc. De accôrdo! Este divertimento trivial, quasi disse vulgar, eleva por acaso a alma? Os operarios que deixam a officina, alquebrados por seis, sete, oito horas de uma applicação, que embrutece, á machina ou á alavanca, e privados de todo alimento intellectual, serão ou se tornarão pela força das circumstancias, homens puramente mecanicos.

Qual seria a consequencia? E' sempre um tanto arriscado tentar levantar o veu do futuro. Vou, entretanto, aventurar-me a uma previsão.

Prevejo que os operarios a principio ficarão contentes de comer a forragem em mangedouras douradas. Elles se deixarão levar pelo declive escorregadio do entorpecimento. Arrastarão comsigo os mestres que — tendo agora somente a vigilancia de uma multidão submissa e sem caracter, incapaz de resistencia e protesto — se engolfariam na indolencia e ignorancia geraes. Surgiria uma civilização de monotonia e de entorpecimento... uma civilização movida a cordel. Se me permitem empregar uma imagem, as paizagens ruraes serão niveladas e darão lugar a uma immensa horta; e eu não teria vontade nenhuma — não mais do que um certo politico inglês — de viver num cercado de aboboras e nabos, muito longe dos barrancos onde ha perigo de cair, sem duvida, longe dos tufos onde ha risco de arranhar as mãos, mas onde se goza a delicia de obstaculos inesperados contra os quaes é necessario lutar.

Tranquillizo-me, e ao estadista britannico, lembrando-me que as impressões que experimentaríamos, se nós vissemos enclausurados num cercado de aboboras, seriam um dia sentidas por outros. Não está na natureza humana contentar-se por muito tempo com uma vida destituída de acção. Os que levam uma vida assim, ou condemnados a isso, se revoltarão inevitavelmente. E é aqui que os meus receios tomam uma feição definida.

Homens manufacturados em série, cujas mentes não tiveram nutrição, serão facilmente influenciados por palavras selvagens. Os seus inspectores, eivados de debilidade intellectual, não terão força para contrariar arengas inflammadas, para subrepujar maus conselheiros. Cansaço, enfado, desejo de mudança induzirão assim automatizados de uma civilização vertiginosa, movida a cordeis, a um destes cataclysmas de que se nos apresenta um espectáculo lamentavel a Leste. — (Do *Diario de S. Paulo*).

INDICE DO VOLUME XII

INDICE DO VOLUME XII
(Julho, Agosto e Setembro de 1930)

INDICE DO VOLUME XII

(Julho, Agosto e Setembro de 1930)

III Semana de educação	3
Arte colonial na Bahia — (Prof. Dr. Alexandre de Albuquerque)	8
Preparação e fixação do professor rural — (Prof. João Toledo)	15
Adolpho Ferrière — (Paulo Meyhoffer — W. Gunning, tradução de Carlos da Silveira)	34
Dia do Lar — (Prof. Sarah de Araujo)	48
Dia do Lar — (Prof. Antonio Fernandes Gonçalves)	53
Dia do Lar — (Prof. Iracema S. Nogueira)	57
Dia do Lar — (Prof. Pericles Calvino Libero Mainardi)	61
Dia do Lar — (Prof. Amadeu Colombo)	67
Dia da Fraternidade — (Prof. Mario B. de Lima)	76
Dia da Escola — (Conego Juvenal Kolly)	83
Dia da Saude — (Dr. J. Renato D'Agostini)	90
Dia da Saude — (Wilma de Toledo Barros)	98
Dia da Saude — (Necilda Forster)	150
Dia da Boa Vontade — Dr. José Luiz Ribeiro de Souza)	104
Dia da Boa Vontade — (Dr. Aristides A. Fernandes)	110
Informações	117-129
Através de livros	130-136
Através de Revistas e Jornaes	137-160
A escola paulista	137
A mentira no lar e na escola	143
A decadencia do ensino no Brasil	145
A visita do educador Ferrière á America do Sul	148
A visita de Ferrière a S. Paulo	148
Ruralização dos povos	149
O exemplo na educação popular	151
Visita de professores brasileiros aos Estados Unidos	153
A orthographia portuguesa é a melhor	157
A lingua portuguesa	158
Congresso dos professores gaúchos	159
Congresso de professores do Rio Grande do Sul	159
Educação literaria e educação scientifica — (Prof. Dr. Ernesto de Souza Campos)	161
Preparação e fixação do professor rural — (Prof. João Toledo)	171
O Rio Tietê — (Prof. João Toledo)	176
O ensino da leitura — (Prof. Francisco E. de Aquino Leite)	182
Ensino primario — (Prof. Antonio Firmino de Proença)	196
These pedagogica — (Prof. Claudionor Ribeiro)	204

A Astronomia em São Paulo — (Dr. Belfort de Mattos Filho)	223
Ensino primario — (Prof. Romão de Campos)	227
E'cos da III semana de educação	230
Dia da Escola — (Dr. Odecio Bueno de Camargo)	236
Dia da Escola — (Prof. Onofre Penteado Junior)	239
Dia do Mestre — (Prof. Augusto Carvalho Penteado)	246
Dia do dever — (Dr. Elisiario F. de Araujo)	252
Informações	268-288
Através de livros	289-294
Através de revistas e jornaes	295-312
A escola paulista	295
Inspeção medico-escolar	302
Pelo ensino	304
Os vicios da linguagem esportiva	312
Cincoentenario da Escola Normal da Capital—(Dr. Etulair Autran)	313
Cincoentenario da Escola Normal da Capital — (Prof. Dr. Americo Brasiliense Antunes de Moura)	324
Illusões communs — (Prof. Luiz Gonzaga C. Fleury)	333
Ensino de linguagem escripta — (Prof. Francisco Alves Mourão)	357
Questões de Mathematica elementar — (Prof. Antonio Fir- mino de Proença)	368
Ensino de noções communs na escola primaria—(Prof. José do Patrocínio Brêtas)	373
Exposições escolares — (Prof. José Ferraz de Sampaio Penteado)	377
O esforço educativo de São Paulo, através da Mensagem Presiden- cial de 14 de Julho de 1930	380
Escolas Professionaes — (Prof. Domingos Faro)	409
Noções communs — (Professora Arlinda Isabel de Souza)	413
Dia da Boa Vontade — (Dr. Dagoberto F. de Gascon)	421
Contribuição para a reforma do programma das escolas primarias paulistas — (Prof. João Pires Barbosa)	434
Movimento das Caixas Escolares do Estado, durante o primeiro semestre de 1930	436
Informações	445-462
Através de livros (Apreciações e Notas)	463-475
Através de Revistas e Jornaes	476-486
Vantagens da Educação Physica	476
O ensino da lingua	479
Synonymos perfeitos	481
O destino da civilização	483

Movimento de remessa da Revista EDUCAÇÃO para alguns municípios do Estado de São Paulo :

CAPITAL	586	Bragança.....	24
Campinas	160	Xiririca	24
Piracicaba.....	139	Cruzeiro.....	24
Ribeirão Preto.....	100	Bebedouro.....	23
Botucatu.....	73	Orlandia	23
Araraquara.....	67	Taquaritinga	22
Sorocaba	64	Villa Americana.....	22
Santos.....	63	Santa Cruz do Rio Pardo	22
São Bernardo	61	Descalvado.....	21
São Carlos	60	Tietê.....	21
Mogy das Cruzes.....	59	Ibitinga	21
Guaratinguetã	58	Itatiba	21
Rio Claro.....	55	Bariry.....	20
Itapetininga	52	Batataes	20
Jahu.....	51	Santo Amaro.....	20
Limeira.....	48	S. José do Rio Pardo.....	20
Mogy Mirim	44	Caçapava	19
Franca	44	Jacarehy	18
Amparo	42	Itapira	18
Casa Branca.....	39	S. Rita do Passa Quatro	18
São João da Boa Vista..	38	Capivary.....	18
Jundiaby.....	36	Barretos.....	18
Tatuhy	35	Mocóca	17
Pinda monhangaba	34	Lins.....	17
Taubaté.....	30	Iguape.....	17
Jaboticabal.....	28	Monte Alto	17
Espirito Santo do Pinhal	28	S. Simão.....	17
Itapolis	28	Cachoeira.....	17
São Manoel	27	São José dos Campos ..	17
Bauru	27	Presidente Prudente.....	17
Olympia	26	Lorena	17
Pirassununga.....	26	Itú.....	17

* * *

A Revista Escolar foi publicada de Janeiro de 1925 a Setembro de 1927. A collecção tem 33 fasciculos e custa 20\$000.

Educação começou a apparecer em Outubro de 1927 e tem saído regularmente, em edições mensaes. Os numeros atrasados vendem-se a 2\$000 cada um.

Pedidos sempre endereçados para

Redacção de EDUCAÇÃO
Travessa da Beneficencia Portuguesa, N. 1
SÃO PAULO

